

Este estudo foi conduzido com a finalidade de estabelecer relações funcionais entre: 1) os aspectos da diversidade socioeconômicas dos proprietários, 2) as condições de criação do cão, 3) a progressividade e a atitude de seus proprietários e 4) o bem-estar do animal. O conhecimento obtido com caracterização do sistema de criação, dos proprietários e do bem-estar do animal foi aplicado na caracterização da relação homem-animal.

O modelo de investigação utilizado na pesquisa foi do tipo exploratório de caráter descritivo com pesquisa de campo. A investigação constou de um inquérito e observações das condições de criação de cães domiciliados.

Segundo as regras próprias de determinado domínio do conhecimento, consideradas independentemente da situação concreta a que se aplica, esse estudo pode ser classificado como pesquisa estratégica, pois se orienta para problemas apresentados pela sociedade e tem como finalidade a ação (Minayo, 2004). Do ponto de vista metodológico, esta investigação situa-se no âmbito da pesquisa quantitativa e qualitativa, e essa configuração, nos moldes em que foi planejada, poderá contribuir na ampliação e inserção do presente estudo no campo do objeto do conhecimento relacionado ao ser humano, ao cão de companhia e à sociedade.

Para o estabelecimento do caminho metodológico buscou-se a complementaridade de olhares para o mesmo problema, onde o estudo qualitativo pudesse gerar questões para serem aprofundadas quantitativamente, e vice versa. Devido à natureza e delimitação do problema e o rigor requerido para a caracterização da relação homem-animal em relação ao bem-estar animal, optou-se pela matriz epistemológica de abordagem qualitativa, mas utilizaram-se as sistemáticas quantitativas e qualitativas.

A abordagem qualitativa parte da premissa de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o sujeito e o objeto, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Enquanto a abordagem quantitativa, influenciada pela matriz positivista, pelo não comprometimento social do pesquisador e pela objetividade dos fatos, fundamenta-se na utilização de instrumentos padronizados capazes de mensurar a realidade objetiva.

A abordagem quantitativa que se caracterizou pelo emprego da quantificação objetiva e rigorosa na coleta de informação e no tratamento estatístico descritivo e matemático dos dados, foi utilizada para identificar as opiniões e atitudes dos proprietários dos cães, testar a fiabilidade do questionário, estabelecer as condições de criação e estimar a condição corporal dos animais. A abordagem qualitativa, por outro lado, consistiu na associação de variáveis para estabelecer o comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam o bem-estar animal. Devido o emprego da análise multivariada de correspondência múltipla, não foi possível investigar a relação de casualidade, ou seja, a apreciação de fatores que estariam contribuindo para caracterização do bem-estar do animal.

3.1 Hipótese

As atitudes e a progressividade dos proprietários e as condições de criação seriam fatores determinantes para a promoção do bem-estar do cão.

3.2 Local de estudo

O estudo foi desenvolvido na Região Administrativa da Pampulha da cidade de Belo Horizonte. A escolha dessa região deveu-se a duas características importantes para o estudo: a diversidade de classes sociais e de tipos de residências.

3.2.1 Caracterização do município

Belo Horizonte é um município brasileiro e a capital do estado de Minas Gerais. Atualmente é o sexto município mais populoso do Brasil com 2.412.937 habitantes. A Região Metropolitana de Belo Horizonte, formada por 34 municípios, possui uma população estimada em 4.934.210 habitantes e 321.955 cães¹, sendo a terceira maior aglomeração populacional brasileira e a terceira em importância econômica da indústria nacional.

¹ Informe da chefia do Laboratório de Zoonoses da Prefeitura de Belo Horizonte- MG- 2008).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que utiliza uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo é uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população, especialmente bem-estar infantil. O IDH no ano de 2000 apresentou um valor de 0,839. Belo Horizonte já foi indicada pelo Population Crisis Committee, da ONU, como a metrópole com melhor qualidade de vida na América Latina e a 45ª entre as 100 melhores cidades do mundo (Wikipédia, 2008).

A cidade de Belo Horizonte possui 148 bairros e está dividida em nove áreas administrativas. São elas: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

Belo Horizonte possui o quinto maior PIB entre os municípios brasileiros, com o valor aproximado de 28,4 bilhões de reais e um PIB per capita de R\$ 11.951,00 em 2005. O setor terciário (serviços e comércio) contribui com 80% da riqueza produzida no município. O setor industrial corresponde ao restante do PIB.

Praticamente não existe setor agropecuário no município.

Pampulha é uma região administrativa de Belo Horizonte, sendo um dos principais centros de atividades desportivas dessa cidade, localizada sob as coordenadas 19°51'44"S, 43°58'14"W. Está situada em uma área de 47,13 km² com 43 bairros subdivididos em cinco micro-regiões, contando ainda entre eles com 17 vilas. Estima-se que possua uma população de 145.262 hab e 40.619 domicílios. A renda per capita é de R\$ 680,15, a expectativa de vida ao nascer é de 73,70 anos e o IDH é de 0,870. O Índice de Gini é uma medida de desigualdade comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda mas pode ser usada para qualquer distribuição. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda e 1 corresponde à completa desigualdade. O índice de Gini na Região Administrativa da Pampulha é de 0,56. Nesta região se observa claramente o contraste social típico das cidades brasileiras. As luxuosas mansões existentes tanto na orla como em algumas áreas nobres (Bandeirantes, São Luiz, São José) contrastam com um grande número de áreas de risco (Wikipédia, 2008).

O Distrito Sanitário Pampulha é o segundo maior Distrito Sanitário de Belo Horizonte em extensão, com uma área de 46,03 Km². Possui 143.602 habitantes (IBGE, 2000) e 24.241 cães¹. Está dividido em nove áreas censitárias: Jardim Confisco, Itamarati, São Francisco, Santa Amélia, Santa Clara, Santa Rosa, Santa Terezinha, Dom Orione e Norte (PBH, 2008).

3.3 - Amostra

O universo do estudo foi constituído por 64 proprietários de cães. Foram excluídos quatro proprietários por participarem do pré-teste do questionário. Para os propósitos desse trabalho a amostra final foi composta por 60 residências onde era

criado apenas um cão com idade igual ou superior a doze meses. O proprietário foi caracterizado como um indivíduo da família com idade superior a 18 anos, mais envolvido no dia-a-dia do animal e comprometido com o seu cuidado. O número de cães por área censitária foi calculado de modo haver correspondência com a variação da densidade populacional canina nas nove áreas censitárias da Região Administrativa Pampulha. O cálculo do número aproximado de cães por área

² Informe da chefia do Serviço de Zoonoses da Região Administrativa da Pampulha- Prefeitura de Belo Horizonte- MG - 2007).

censitária baseou-se na proporcionalidade entre o número total de cães e o número de cães vacinados por área censitária na Campanha de Vacinação Anti-rábica ocorrida em 2006².

A seleção das residências foi realizada de modo fortuito e sistemático, visando obter variabilidade do tipo de residência e diversidade socioeconômica dos participantes.

Informações mais precisas sobre as residências das diversas áreas censitárias estudadas foram obtidas com os agentes sanitários do Serviço de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde. Seus registros sistemáticos sobre a população canina possibilitou a elaboração de uma lista de residências onde era criado apenas um cão.

3. 3.4 - Procedimentos

Esta pesquisa foi submetida à avaliação e aprovada por dois Comitês de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, em 28 de fevereiro de 2007: são estes o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - Parecer nº. ETIC 545/06 e o Comitê de

Ética em Experimentação Animal - Protocolo 175/2006.

Antes de iniciar a entrevista todos os respondentes foram informados sobre o propósito do estudo e assegurados sobre o anonimato e o sigilo das informações. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1) após lido, foi assinado pelos participantes.

A pesquisa de campo realizada no período de março/maio de 2007 foi conduzida pela própria doutoranda de modo a evitar interpretações divergentes na obtenção dos dados, pois segundo Muchielli (1994), seja por subjetividade ou implicação pessoal, por distorção profissional ou por atenção centrada no conteúdo intelectual, somos experimentados a tornar efetiva uma seleção no real e valer-se apenas um de seus aspectos, conforme ao nosso ponto de vista. O acesso ao real ponto de vista do outro, somente é factível se o interlocutor libertar-se de sua maneira habitual e pessoal de ver as situações para alcançar um novo ponto de vista psicológico. Conhecimento e treinamento são elementos fundamentais para se obter este posicionamento.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados constaram de três formulários, observação direta e um questionário para avaliação das atitudes e progressividade dos proprietários em relação ao bem-estar animal. O pesquisador gastou em torno de 40 a 50 minutos para realizar observações enquanto ministrava os formulários e o questionário.

3.5.1 Formulários

Três formulários foram elaborados para coletar os dados: (1) identificação do cão e dados socioeconômicos; (2) caracterização do sistema de criação; (3) avaliação física e comportamental do animal. Para o

propósito das análises, a maioria dos dados foi tratada como dicotômica.

3.5.1.1 Formulário socioeconômico.

As informações coletadas incluíram questões referentes à identificação do cão e dados de identificação e condição socioeconômica do proprietário (anexo 2).

3.5.1.2 Formulário referente ao sistema de criação

Este formulário inclui itens utilizados na caracterização do sistema de criação dispensado ao animal. Os dados obtidos foram utilizados no ajuizamento da observância dos proprietários às necessidades fisiológicas, comportamentais e psicológicas do cão (Anexo 3).

3.5.1.3 Formulário referente à avaliação física e comportamental do animal.

Este formulário foi utilizado para coletar dados sobre as variáveis 'índole', 'estado de tranqüilidade' e 'condição corporal' empregadas como indicadores na avaliação do bem-estar animal (Anexo 4). Esses indicadores consideraram o efeito de fatores biopsicossociais resultante de estímulos e respostas que influenciam a saúde, o comportamento (Clark et al., 1997), e a condição corporal do animal (Hofer e East, 1998).

3.5.2 Observação Direta

Até mesmo o observador mais casual de comportamento animal perceberá que alguns animais podem produzir uma série de diferentes comportamentos em resposta a determinados estímulos em diferentes ambientes. *A normalidade envolve algum grau de variabilidade e é freqüentemente difícil definir precisamente onde normalidade termina e anormalidade começa* (Fox, 1968a, p.3). Neste contexto

surge uma pergunta: Que padrão de comportamento deve ser considerado: normal ou anormal? Teoricamente, para responder esta pergunta, a pessoa pode fazer uma suposição razoável sobre a gama de comportamentos exibidos por outros animais da mesma espécie como indicadores de elementos de normalidade e melhorar a perspicácia do que constitui o comportamento normativo.

A observação do estabelecimento da constância de um comportamento reativo específico na maioria dos cães debaixo de condições semelhantes será uma indicação geral que a resposta observada é considerada normal para aquela situação. Além disso, orientações mais precisas para classificação devem estar respaldadas na conclusão se o grau de manifestação da ação executada é apropriado ao propósito biológico e ao estímulo. Se a ação for apropriada à resposta deve ser considerada como comportamento pertinente; se não for, será então classificado como irrelevante ou simplesmente anormal. Decisões sobre a normalidade do comportamento estão, portanto, limitadas às respostas a estímulos ou a situações reconhecíveis nos comportamentos habituais do animal. Devem ser consideradas tais respostas levando em conta dois fatores: grau e propósito. É essencial que uma resposta normal deva satisfazer simultaneamente ambas as exigências para propósito e grau. Em contrapartida, um comportamento que está em desacordo ao fim a que se visa e/ou excede a resposta padrão em grau, assume a categoria de anormal (Fox, 1968b)

A avaliação do comportamento é geralmente qualitativa, no que se refere à percepção da presença ou ausência de certo tipo de comportamento. A demonstração de uma variedade de comportamentos normais e de prazer pode ser contrastada com comportamentos de aversão ou supressão do comportamento normal. Ademais,

algumas informações particulares podem assumir grande significância. A postura, a andadura e o movimento dos olhos, por exemplo, são capazes de dar uma pista valiosa por ocasião da observação do comportamento de um cão. Uma alta mobilidade do olho em sua órbita sugere um estado de ansiedade, enquanto uma baixa mobilidade ou mesmo uma posição fixa do olho pode insinuar sofrimento ou aflição intensa.

O proprietário quando mantém certa proximidade com o seu animal adquire a capacidade de estabelecer de forma empírica, através de suas observações, certos tipos de comportamento manifestados em situações específicas que envolvem estados emocionais e modos de reação. Entre os comportamentos mais importantes para identificação do animal agressivo e intranquilo estão: agitação e inquietação com atividade motora excessiva e não responsiva à correção; vocalização excessiva; vigilância e excitabilidade aumentadas; nível mais alto de agressão irritável ou possessiva; maior ocorrência de atividades de deslocamento, estereotípias e atividades vazias; comportamento de alta sensibilidade à dinâmica ambiental como para estímulos novos e súbitos ou para situação estranha e pouco conhecida que induzem a sentimentos de medo, pânico ou ansiedade e, conseqüentemente, a manifestação de reações de agressão, inibição, evitação de contato corporal e isolamento. O animal pode também apresentar atividade de motora reduzida, letargia e sinais de frustração e angústia.

Outros fenômenos comportamentais podem acontecer com intermitência em resposta à excitação do animal. Comportamentos hostis podem ser patentes em certas condições de agressão defensiva, agressão por medo, agressão territorial e agressão por dominância. Entre os sinais de dominância possíveis de serem

observados em uma visita seriam especificamente o rosnar, beliscar, morder, bloquear acesso às dependências da casa e comportamento ativo que desencadeie a resposta de medo ou repreensão do proprietário.

Muitos proprietários conseguem perceber a postura dos cães durante os episódios ambivalentes de agressividade caracterizados por olhos parados, vítreos rígidos, orelhas aplainadas e um rabo abaixado, junto com resmungos e dentes a mostra ou a postura claramente defensiva, com olhos desviados, orelhas aplainadas, rabo abaixado, rosnado, latido e que ataca somente quando sua distância crítica é ultrapassada. Outras posturas ou sinais de agressividade ou ataque eminente são observados quando o cão encara e o contato visual é prolongado; apresentação de pilo-ereção, dentes à mostra, orelhas eretas e para frente, cauda elevada e reta podendo haver movimento de abano apenas na ponta (Fatjó et al., 2003); um abanar de rabo nem sempre indica um cachorro amigável.

Um cão adulto socializado de maneira precária ou equívoca, pode se tornar dominante para as pessoas da família ou super-protetor de seu território e/ou dos membros da família. Ele pode tornar-se um mordedor constante ou atacar eventualmente visitas e, neste caso, os proprietários deixam de fazer determinadas coisas porque incitam o cão a reagir com rosnado e outros comportamentos agonísticos. Geralmente, ao relatarem históricos de comportamentos agressivos, referem-se a alguns estímulos que podem provocar a agressão: ser fitado nos olhos; ser repreendido física ou verbalmente; ser ordenado sair de um determinado lugar; ser escovado, o escovar de dente, cortar as unhas, banho e tosa; ficar de pé ao lado do animal ou encontrá-lo em passagens estreitas; aproximação de estranhos às pessoas queridas; aproximação de pessoas

à sua comida ou à sua área de descanso.

Frequentemente, a presença de uma pessoa estranha é suficiente para alterar o comportamento do animal de forma que ele não se comporte da mesma maneira quando está sozinho em casa com o seu proprietário. Considerando essa possibilidade, o método de observação aplicado a esta pesquisa baseou-se na interconexão da observação direta e na habilidade dos proprietários em discernir entre um comportamento normal ou anômalo. Uma visita à residência do proprietário permite ao pesquisador obter uma visão mais precisa do comportamento habitual do animal (Danneman, 1982), sendo mais provável um cão agressivo atacar ou ameaçar as pessoas em seu próprio território.

A categorização da índole (agressivo/manso) e do estado de tranqüilidade (tranqüilo/ intranqüilo) que permitiram a identificação do tipo de personalidade do cão, considerou o sexo, a idade, o estado reprodutivo, a raça e a compatibilidade com um estilo particular de vida (Overall, 1997). A classificação do cão macho, adulto Cocker Spaniel como um animal intranqüilo e agressivo, por exemplo, baseou-se no arranjo familiar (pai, mãe, filho), na opinião do proprietário e no juízo da pesquisadora.

A observação foi iniciada exatamente no momento em que o proprietário abriu a sua porta para receber a pesquisadora. Através de uma atitude profissional, mas amigável, a pesquisadora deixou o respondente à vontade e ao mesmo tempo, com um ar de informalidade, observava as respostas do proprietário ao comportamento do animal, enquanto incluindo sua atividade, nível de excitabilidade, exploração, respostas de medo e agressividade, e interação com pessoa estranha - a própria entrevistadora - e familiares. Tais observações, definidas em termos amplos, não estavam restritas

apenas ao que era visto, mas incluiu as faculdades intelectual e intuitiva da pesquisadora.

Por ocasião da avaliação propriamente dita, foi indagado aos proprietários se eles identificavam em seus cães os comportamentos de agressividade e de intranqüilidade. Em seguida foram perguntados pormenores sobre o comportamento do cão e de seus pais, convergindo para um mesmo ponto dos possíveis problemas. Quando o proprietário não admitia dúvida, ainda assim, era solicitada informação mais objetiva possível e perguntas específicas eram feitas sobre as manifestações observadas e a frequência de ocorrência de agressividade e intranqüilidade. Por outro lado, quando era notória a dúvida, e o proprietário por motivos não ditados pela razão se abstinha em considerar a verdadeira natureza do problema, o entrevistador baseado nos fatos, na sua experiência e no juízo crítico, decidia como árbitro.

A pesquisadora, ciente da complexidade do comportamento animal, ao reconhecer algumas interpretações equivocadas dos proprietários, valia-se de perspicácia, atenção e do histórico sobre o comportamento social do cão. Alguns proprietários poderiam acreditar ser normal um cão rosnar e ameaçar com frequência pessoas ou animais, e ainda, considerar eventos esporádicos de agressão com lesão da vítima um fato passageiro e sem importância.

3.5.3 Questionário

O questionário utilizado para avaliação das atitudes e progressividade dos proprietários em relação ao bem-estar animal foi elaborado a partir de informações e pressupostos básicos levantados por autores revisados nesse estudo (Anexo 5).

3.5.3.1 Atitudes e progressividade

A atitude no sentido psicológico comum pressupõe um papel que se quer representar através das posturas físicas, fisionomia e gestos que revelam uma intenção. No sentido psicológico mais geral, a atitude assume uma categoria do real (em relação a instituições como família, trabalho, governo) ou de atitude global (em relação ao outro ou a vida) constituindo um conjunto de idéias, crenças, princípios ou opiniões, que se interpõem como centro de referência de tudo quanto se pensa, diz, ou faz com respeito à realidade. Sendo uma estrutura da personalidade, atua também no nível inconsciente como fator de estruturação da experiência vivida e do comportamento (Muchielli, 1994).

As atitudes são concebidas como presteza mental ou predisposição implícita que exercem influência geral e lógica numa classe de respostas de avaliação dirigidas a algum objeto, pessoa ou grupo. São consideradas também como inclinações adquiridas e duradouras, passíveis de receber impressões e, portanto, não são inatas. A percepção do mundo em que vive deste modo desempenha certo controle na expressão do comportamento do indivíduo (Zimbardo e Ebbesen, 1973). Portanto, as atitudes dizem respeito às normas de proceder ou tendência de comportamento. Uma atitude pode predispor um indivíduo a agir em favor ou contra a uma pessoa, objeto ou situação.

Por outro lado, a progressividade, segundo Guilhermino e Sampaio (1999), se refere à conquista de conhecimentos objetivos capazes de modificar a vida íntima e social e de conceder maior significação no contexto da experiência humana. Os indivíduos progressistas, ao contrário dos conservados na tradição, são mais abertos à mudança e atuam como fontes de informação para outros indivíduos não-

progressistas.

Para medir a influência da atitude sobre o comportamento consideram-se as atitudes divididas em três componentes: afeto, cognição e comportamento. O componente afetivo se refere à avaliação da pessoa em relação a uma resposta emocional a algum objeto ou a alguma pessoa. O componente cognitivo está relacionado a crenças, ou convicções íntimas de uma pessoa a respeito de um objeto ou pessoa ou conhecimentos de fatos a eles referentes. Já o componente de comportamento incluía ação manifesta da pessoa com relação à outra pessoa ou ao objeto.

A atitude compreendida desta forma aventa possibilidades de se estabelecer métodos para medi-las, como também técnicas para estimular mudança de atitudes. O componente afetivo poderia ser avaliado por respostas fisiológicas ou expressões verbais relacionados à questão de sentir ou não prazer, gostar ou não do objeto ou de alguma pessoa. O componente cognitivo poderia ser determinado por auto-avaliações de crenças ou pelo conhecimento que uma pessoa tem de certo assunto, enquanto o componente de comportamento poderia ser avaliado por observação direta da forma particular da pessoa comportar-se em circunstâncias estimuladoras específicas.

3.5.3.2. Técnica de mensuração

Entre as principais técnicas de mensuração de atitudes e progressividade utilizadas em estudos sociais encontram-se: o método de intervalos aparentemente iguais de Thurstone, o método de avaliações somadas de Likert, o escalograma de Guttman e o diferencial semântico de Osgood. Cada uma dessas técnicas desenvolve diferentes conjecturas em relação à natureza dos itens do teste que deve ser empregado e a respeito do tipo de informação que permitem avaliar as atitudes e a progressividade da pessoa. Não obstante,

existem algumas hipóteses comuns a todas essas técnicas. A primeira supõe que é possível medir essas predisposições subjetivas por uma técnica quantitativa, de modo a permitir que a opinião de cada pessoa possa ser expressa por números. A outra hipótese seria que os quatro métodos supõem que determinado item de teste apresenta o mesmo sentido para todos os inquiridos que respondem a ele, e por suposto, esta resposta deve ser avaliada da mesma forma para todos os respondentes. (Zimbardo e Ebbesen, 1973). Para alcançar o propósito do estudo em questão, decidi-se utilizar o Método de Avaliações Somadas de Likert. A escala de Likert, como é usualmente chamada, é formada por uma série de afirmações de opiniões a respeito de uma questão que é objeto de discussão em um domínio do conhecimento. Os itens ou questões sob forma de afirmação devem ter elevada correlação com um atributo comum, no caso o favorecimento do bem-estar animal, e elevada correlação entre si.

As respostas às afirmações são identificadas em categorias pelo respondente e avaliadas pelo pesquisador. Uma resposta é traduzida em números em uma escala de sete pontos de respostas, de acordo com as opiniões pessoais a respeito das afirmações. Cada pergunta sob forma de afirmação representada na escala de 01 a 07 é uma função linear da mesma dimensão de atitude. Logo, o resultado ou quantificação da atitude da pessoa é a adição das avaliações isoladas. Essa soma, no entanto, apesar de fornecer informação sobre a ordenação das atitudes de uma pessoa num contínuo, não indica até que ponto as diferentes atitudes podem estar próximas ou isoladas, ou seja, a escala não revela a magnitude da diferença entre as respostas numeradas, pois o método supõe intervalos iguais entre valores de escala (Manning e Rosenstock, 1971).

3.5.3.3. Elaboração e Execução

Vinte e quatro perguntas fechadas foram elaboradas para investigar os elementos cognitivos das atitudes e progressividade dos proprietários para com o bem-estar de seus cães (Anexo 5). As perguntas sob forma afirmativa ou negativa estavam divididas em quatro grupos: atitudes positivas, atitudes negativas, proprietário tradicional e proprietário progressista. As respostas baseadas no método de Likert foram fixadas em uma escala de sete pontos que registrou a concordância ou discordância do respondente com cada item ou pergunta feita pelo entrevistador: (7) concordo totalmente (6) concordo parcialmente (5) concordo um pouco (4) não sei (3) discordo um pouco (2) discordo parcialmente (1) discordo totalmente. Se o respondente não tivesse bastante conhecimento para formar uma opinião sobre uma afirmação em particular, ele tinha a opção de escolher “não sei”.

Num primeiro momento foi realizado um pré-teste do questionário com uma amostra de 4 proprietários escolhidos aleatoriamente. Esta experiência teve o objetivo de perceber situações que poderiam ocorrer durante a coleta de dados e possíveis modificações referentes as perguntas do questionário. Após o questionário ter sido submetido ao pré-teste, ele foi ministrado oralmente aos proprietários durante o período de março a maio de 2007.

3.2.5.3.4 Medição da Fiabilidade

Segundo os autores especialistas em pesquisas qualitativas, é notório que todos os dados coletados por meio de instrumentos que medem fenômenos psicológicos, atitudes, opiniões e outros podem encerrar em si erros de medição. Se as medidas contêm erros, haverá um comprometimento da informação e das conclusões obtidas a partir dessa informação. As causas do erro são diversas,

podendo, inclusive, ocorrer devido a condições fortuitas que surgem durante a aplicação da entrevista.

Medir a fiabilidade significa atestar que os investigadores ao usarem as mesmas técnicas com o mesmo material, obtenham basicamente os mesmos resultados, ou ainda, avaliar a consistência ou a estabilidade das medidas obtidas de um determinado instrumento. Este coeficiente representado por um valor numérico que varia entre zero e um, pode ser calculado quando o instrumento é aplicado em outra oportunidade ao mesmo grupo de indivíduos ou quando uma forma alternativa do instrumento é aplicada após um intervalo de tempo ao mesmo grupo de indivíduos (Budd et al., 1967).

O teste teste-reteste é empregado para medir o índice de estabilidade do instrumento através da correlação entre resultados ou valores de duas aplicações do mesmo instrumento na mesma população. Não há um tempo preciso, o intervalo entre a aplicação dos testes pode variar de dias até um ano, dependendo do que se quer investigar. O pesquisador tenta averiguar se os sujeitos respondem de forma idêntica nas duas ocasiões. As diferenças entre respostas podem variar desde esquecimento, falta de motivação ou as condições ambientais por ocasião da aplicação (Richardson, 1999). Seguindo este preceito metodológico, o questionário foi ministrado por duas vezes. Na primeira vez, presencialmente na residência do proprietário, e na segunda vez por intermédio de contato telefônico. A entrevista foi repetida em setembro de 2007 e o Coeficiente de Correlação de Spearman obtido foi de 0,93.

3.5.4 Determinação da Condição Corporal Canina

O estado de nutrição caracterizado pelo sobrepeso ou desnutrição em cães é

reconhecido facilmente por qualquer pessoa, mas o diagnóstico correto requer a quantificação para maior exatidão do diagnóstico. Existem inúmeros métodos para avaliar a composição corporal, no entanto, a técnica ideal para determinar a composição corporal deve ser segura, barata, rápida, fiável, de fácil execução e de elevada reprodutibilidade. Independentemente da técnica escolhida, é imprescindível respeitar meticulosamente os protocolos estabelecidos para evitar possíveis erros de medição (Elliot, 2006).

Foram empregados dois métodos para determinar se o cão está acima ou abaixo do peso normal: (1) Índice de Condição Corporal - método de avaliação da condição corporal baseado na inspeção e palpação do animal (Laflamme, 1997) e (2) Índice de Massa Corporal Canino (IMCC) - método simples e objetivo de quantificação da massa corporal (Müller, 2007). O primeiro método de cunho subjetivo foi utilizado neste estudo com o intuito de validar o IMCC.

3.5.4.1 Índice de Condição Corporal

O Índice de Condição Corporal proporciona uma avaliação rápida da condição física geral do animal. Este índice que se baseia em uma classificação corporal usualmente utilizada em clínica de pequenos animais, apresenta nove graduações, sendo as graduações quatro e cinco consideradas para um animal com o peso ideal (Quadro 1) As limitações desse método envolvem a subjetividade inerente ao sistema de classificação e a variação entre os observadores. Para obter resultados mais seguros e fiáveis, todas as medidas foram realizadas pela pesquisadora.

3.5.4.2 Índice de Massa Corporal Canino (IMCC)

O Índice de Massa Corporal (IMC) é um método fácil reconhecido pela Organização Mundial de Saúde que permite estabelecer com um bom grau de acuidade o estado de “normalidade” do peso corporal de uma pessoa adulta ou se ela está acima ou abaixo do peso ideal. O IMC indica o número de quilos de peso por metro quadrado de superfície corporal. É obtido através da divisão da massa corporal (peso) pelo quadrado da estatura (Anjos, 1992). O grande benefício do IMC adaptado à Medicina Veterinária por Müller (2007) é saber quantos quilos o cão deve efetivamente ganhar ou perder. O acompanhamento do controle de peso com este método torna a avaliação objetiva.

Os dados necessários para o cálculo do Índice de Massa Corporal Canino foram obtidos através da pesagem e da medição do corpo do animal. A pesagem foi

realizada em uma balança digital portátil da marca “Acqua” com capacidade de aferição de 180 kg e graduação de 0,1 kg. A mensuração do comprimento da coluna e dos membros feita com uma trena flexível referiu-se à extensão entre a base da nuca (articulação atlanto-occipital) até o solo, imediatamente atrás do membro posterior, passando e apoiando a trena sobre a base da cauda (última vértebra sacral), ficando a trena exatamente medial às tuberosidades ilíacas sobre o dorso do animal, conforme a figura 1.

Os valores obtidos com a medição foram empregados na seguinte equação aritmética:

$$IMCC = \frac{\text{peso corporal (Kg)}}{(\text{estatura em m})^2}$$

Quadro 1 . Índice de condição corporal para caninos, proposta por Laflamme (1997)

Grau	Condição	Características
	Subalimentado	
1		<ul style="list-style-type: none"> - costelas, vértebras lombares, ossos pélvicos e saliências ósseas visíveis à distância - não há gordura corporal - perda evidente de massa muscular
2		<ul style="list-style-type: none"> - costelas, vértebras e ossos pélvicos facilmente visíveis - não há gordura palpável - algumas saliências podem estar visíveis - perda mínima de massa muscular

3		<ul style="list-style-type: none"> - costelas facilmente palpáveis podem estar visíveis sem gordura palpável - visível o topo das vértebras lombares - ossos pélvicos começam a ficar visíveis - cintura e reentrâncias abdominais evidentes
4	Ideal	<ul style="list-style-type: none"> - costelas facilmente palpáveis com mínima cobertura de gordura - vista de cima, a cintura é facilmente observada - reentrância abdominal evidente
5		<ul style="list-style-type: none"> - costelas palpáveis sem excessiva cobertura de gordura - abdômen retraído quando visto de lado
6	Sobrealimentado	<ul style="list-style-type: none"> - costelas palpáveis com leve excesso de cobertura - cintura é visível quando vista de cima, mas não é acentuada - reentrância abdominal aparente
7		<ul style="list-style-type: none"> - costelas palpáveis com dificuldade - pesada cobertura de gordura - depósito de gordura evidente sobre a área lombar e base da cauda - ausência de cintura ou apenas visível - reentrância abdominal pode estar presente
8		<ul style="list-style-type: none"> - impossível palpar as costelas situadas sob cobertura muito densa ou palpável somente com pressão acentuada - pesado depósito de gordura sobre área lombar e base da cauda - cintura inexistente - não há reentrância abdominal, podendo existir distensão abdominal evidente
9		<ul style="list-style-type: none"> - maciços depósitos de gordura sobre o tórax, espinha e base da cauda - depósitos de gordura no pescoço e membros - distensão abdominal evidente

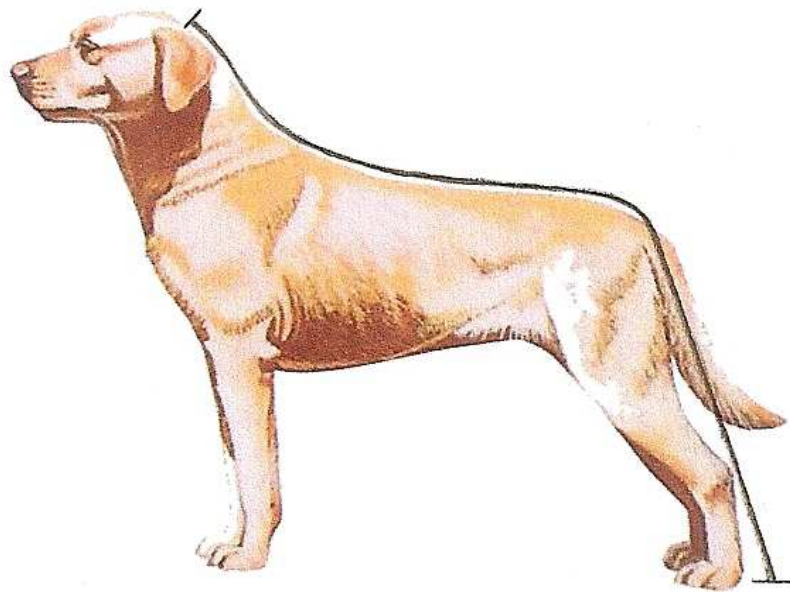


Figura 1 – Obtenção da estatura do cão para o cálculo do IMCC. A linha preta representa o trajeto da trena sobre a coluna até o limite plantar do membro posterior (Autorizado por Müller, 2007).

O IMC de humanos é classificado em apenas quatro grupos principais que informam a condição física. Muller (2007) para chegar aos valores médios finais optou por agrupar as avaliações dos cães nas mesmas quatro condições: abaixo do peso, peso ideal, acima do peso e obeso (Quadro 2)

O IMCC médio do peso ideal (13,497) de cães de porte médio foi usado como base para o cálculo de obtenção da massa corporal ideal ou o peso ideal para cada animal. Então, um cão estará fora da margem de peso ideal quando sua massa corporal for maior ou menor que 20% da ideal.

Müller (2007) observou em seu estudo que o IMCC para as raças de grande porte apresenta um acréscimo de 20% do IMCC daqueles de porte médio e nos tipos físicos de pequeno porte (até 10 Kg) ocorre uma

diminuição de 10% do IMCC daqueles de médio porte.

Assim, quando o animal for de porte grande calcula-se um acréscimo de 20% do IMCC encontrado e no caso de cães de pequeno porte diminui apenas 10% do IMCC estipulados para cães de porte médio. Exemplificando, ao usarmos a fórmula $IMCC = \text{peso}/\text{estatura}^2$ para um cão de pequeno porte pesando, 3,3 kg e medindo 0,545 m obtém-se um IMCC de 11,11. Calcula-se 10% do valor do IMCC encontrado (1,11) soma-se este valor ao IMCC encontrado. O IMCC deste animal é 12,22. Ao compararmos com o IMCC médio do peso ideal (13,497) concluímos que o animal está com o peso ideal de acordo com o estabelecido no Quadro 3. Se o animal fosse de porte grande bastaria diminuir 20% do valor encontrado.

Foram considerados como abaixo do peso

Quadro 2 . Índice de massa corporal de cães de médio porte (11 a 25 kg)

Condição	Avaliação IMCC (Laflamme)	IMMC médio (Müller)	Faixa de variação
1- Abaixo do peso	1, 2, 3	10,527	abaixo de 11,7
2- Peso ideal,	4 e 5	13,497	entre 11,8 e 15
3- Acima do peso	6 e 7	16,378	entre 15,1 e 18,6
4- Obeso.	8 e 9	20,177	acima de 18,7

Adaptado de Müller (2007)

em risco de desnutrição todos os cães de porte médio que apresentaram um IMCC abaixo de 11,7 pertencentes aos grupos 1, 2 ou 3, conforme avaliação de Laflamme (1997).

Foram consideradas acima do peso todos os cães que apresentaram um IMCC entre 15,1 e 18,6 e se enquadraram na graduação de condição corporal 6 e 7. Os animais com peso ideal apresentaram um IMCC entre 11,8 e 15. Nos animais obesos o IMCC deveria estar acima de 18,7 e a graduação de condição corporal representada pelos graus 7 e 8.

Apesar do modo como foi concebido o IMCC pode ser um método com boa margem de segurança para uma espécie com padrão morfológico diferenciado, o uso da base de cálculo para sua determinação pode implicar em problemas referentes à composição proporcional do corpo ou a distribuição de gordura corporal. Outros elementos como o osso, massa muscular e até mesmo o aumento de volume plasmático induzido pelo treinamento com exercícios interferem no cálculo do IMCC. Neste caso, há o comprometimento da interpretação sobre o excesso de peso. Um IMCC alto poderia ser devido ao

desenvolvimento da musculatura em virtude de sua constituição genética ou do desenvolvimento da musculatura em virtude de sua constituição genética ou da prática freqüente de exercício, mas não por excesso de gordura. Como exemplos, têm-se cães da raça Pit Bull com uma musculatura volumosa e da raça Galgo Espanhol, alto e delgado. Estes cães poderiam apresentar um IMCC reprovável ainda que dentro do padrão aceitável para a raça. Semelhantemente, cães com padrão morfológico diferenciado, como os cães das raças Teckel e Basset Hound que possuem o tamanho da coluna semelhante às demais raças, porém com pernas curtas, podem apresentar um IMMC irreal. Nestes casos, os resultados foram interpretados considerando os fatores do animal que o diferia do padrão normal.

No presente estudo houve somente duas discordâncias entre o valor de IMCC e a avaliação de condição corporal em um cão macho da raça Teckel de 12 meses de idade e outro cão macho sem raça definida também de 12 meses de idade. Os cães apresentavam uma avantajada massa muscular resultante, possivelmente, dos longos passeios realizados diariamente.

3.6 Definição dos indicadores de bem-estar

Com o propósito de atender as diversas circunstâncias relativas à individualidade

do animal, foram empregadas conjuntamente variáveis de caráter fisiológico e comportamental como indicadores na avaliação do bem-estar. Os três indicadores eleitos fundamentaram-se em respostas interna e comportamental do cão. A resposta interna foi representada pelos indicadores ‘condição corporal’ e as respostas comportamentais pelos indicadores ‘índole’ e ‘estado de tranqüilidade’.

A partir destas três variáveis foram criadas seis classes de variáveis: ‘condição corporal ideal’ / ‘condição corporal inapropriada’; ‘agressivo’ / ‘manso’; ‘tranqüilo’ / ‘intranqüilo’.

Cada um dos indicadores representados pelas classes ‘condição corporal’, ‘índole’ e ‘estado de tranqüilidade’ foi avaliado separadamente dentro de uma amplitude de zero a três (0 a 3). O critério empregado para a escala de mensuração das variáveis foi o seguinte: 3- muito; 2- regular; 1- pouco; 0- nenhuma variação anormal identificada.

As variáveis com valores compreendidos entre 1 e 3 se associaram às classes ‘condição corporal inapropriada’, ‘agressivo’ e ‘intranqüilo’. A variável com valor zero associou-se às classes ‘condição corporal ideal’, ‘manso’ e ‘tranqüilo’.

O bem-estar foi caracterizado como adequado quando, simultaneamente, as variáveis ‘condição corporal’, ‘índole’ e o ‘estado de tranqüilidade’ referentes a um animal, apresentaram o valor zero. De outro modo, o cão possuidor de bem-estar adequado seria um animal com ‘condição corporal ideal’, ‘manso’ e ‘tranqüilo’.

Para caracterização do bem-estar pobre bastava que pelo menos uma das três variáveis apresentasse valores entre 1 e 3 da escala, ou seja, apresentasse graduação

1, 2 ou 3 para ‘condição corporal’ (inapropriada), ‘índole’ (agressivo) e para ‘estado de tranqüilidade’ (intranqüilo). Por exemplo, um animal com a condição corporal ideal (valor 0), manso (valor 0), mas intranqüilo (valores 1, 2 ou 3) foi avaliado como um animal com bem-estar pobre.

3.7 Análises dos dados

O primeiro passo da análise dos dados foi conhecer as frequências de resposta para algumas variáveis socioeconômicas e outras variáveis relativas à caracterização da qualidade do sistema de criação. O segundo foi caracterizar o bem-estar. No terceiro passo foram determinados os índices de atitude e progressividade dos proprietários. O quarto passo constou da realização da análise multivariada de correspondência múltipla para identificar as associações existentes entre as variáveis pesquisadas e o bem-estar animal. Por último, caracterizou-se a relação homem-animal levando em consideração os resultados obtidos nos passos anteriores.

Antes de realizar o primeiro passo todos os dados pré-codificados obtidos nos formulários e no questionário foram inseridos no programa EpiData versão 3.1. Este programa é utilizado para entrada e organização de dados; obtenção de estatística descritiva e verificação de erro de transcrição.

3.7.1 Formulários

Uma parte dos dados resultantes dos formulários foi submetida à análise estatística descritiva e a outra parte foi empregada na análise multivariada de correspondência múltipla. A impossibilidade de utilizar todos os dados na análise multidimensional deveu-se à dificuldade de conseguir uma inércia de valor satisfatório na análise multivariada de correspondência múltipla. A inércia sendo

um valor algébrico representa no sistema tridimensional o quanto um sistema p-dimensional fica justificado, ou seja, o que é permitido ser visualizado. Quanto menor a inércia menor o domínio do fenômeno. Como não estamos trabalhando com inferência, o que importa nesta análise é o valor da inércia.

A análise de parte dos dados através da análise multivariada de correspondência múltipla impossibilitou outros tipos de análises inferenciais. Este procedimento é justificado porque todas as demais variáveis descritivas estariam confundidas com as variáveis utilizadas nessa análise multidimensional; como o próprio nome insinua, as variáveis são estudadas simultaneamente. A aplicação de qualquer outro teste estaria desclassificando a técnica multivariada onde inúmeros fatores atuam conjuntamente em um estudo multifatorial. Perante as circunstâncias da conjuntura analítica desta pesquisa, a análise dos dados se restringiu a análise descritiva e a análise multivariada de correspondência múltipla, não obstante, essas análises ao caracterizarem o perfil da amostra e demonstrarem associações entre variáveis, respectivamente, convergiram para a caracterização do bem-estar e da relação homem-animal na população estudada.

3.7.2 Questionário

A resposta referente a cada uma das 24 questões do questionário foi quantificada segundo a escala de Likert de 01 a 07. Os valores que caracterizaram cada proprietário dentro das duas variáveis progressividade (P_k) e Atitudes (A_k) em relação ao bem-estar animal foram calculados usando a seguinte fórmula matemática (Guilhermino e Sampaio, 1999):

$$P_k = (n_2 \sum_{i=1}^{n_1} X_i - n_1 \sum_{j=1}^{n_2} X_j) / n_1 n_2$$

P_k - Progressivo x Tradicional

A_k - Atitude positiva x atitude negativa

Onde P_k é o índice para o k produtores, os quais responderam afirmativamente para n_1 itens (questões) de progressividade (X_i) e n_2 - itens tradicional (X_j)

X_i - valor do item progressividade

X_j - valor do item tradicional

n_1 - número de itens / produtores progressistas

n_2 - número de itens / produtores tradicionalistas

A_k foi calculada analogamente.

X_i - valor do item de atitudes positivas

X_j - valor do item de atitudes negativas

n_1 - número de itens / atitudes positivas

n_2 - número de itens / atitudes negativas

Os dois índices P_k e A_k para cada um dos respondentes foram representados graficamente com respeito a dois eixos, definindo os quatro quadrantes. O gráfico de dispersão foi obtido com o auxílio do Assistente de gráfico do Microsoft Office Excel versão 2003. Os índices P_k e A_k foram também submetidos à análise multivariada de correspondência múltipla.

3.7.3 Análise Multivariada de Correspondência Múltipla

Quando em um ensaio experimental a pesquisa valer-se de observações envolvendo algumas variáveis de caráter qualitativo, a análise simultânea dessas variáveis para descobrir alguma relação entre elas deve empregar um recurso que não seja a análise de variância (Sampaio, 1993). Logo, para averiguar a associação das variáveis estudadas com o bem-estar, optou-se pela aplicação da análise multivariada de correspondência múltipla ou análise de dados multidimensionais.

Esta análise admite que um número expressivo de variáveis possa ser analisado simultaneamente e, conseqüentemente, permite a investigação de possíveis relações existentes entre elas. Além de possibilitar a constatação de relações existentes entre as diversas variáveis, esta técnica também permite a verificação de prováveis agrupamentos e quais fatores predisponentes estão mais associados à variável principal que se quer estudar. As possíveis relações existentes entre as variáveis são verificadas por meio de uma abordagem descritiva baseada em observações gráficas que permitem examinar o comportamento de cada variável em relação às demais.

No processo de análise multidimensional investigam-se os três primeiros eixos que correspondem às três primeiras componentes principais. O principal eixo fatorial é aquele que ao projetar a nuvem de pontos observados sobre ele, melhor conserva, em media, a distância entre pares de pontos, sendo este o eixo que contém o maior valor de inércia. Outros eixos vão se definindo seqüencialmente, condicionados a definição dos eixos anteriores correlacionados entre si. Havendo p-variáveis, haverá um espaço p-dimensional com p-eixos principais, cada um deles correspondendo a um componente (Asensio, 1989).

Cada variável é representada por todas suas possíveis respostas. Por exemplo, para a variável 'índole', existem as respostas 'bravo' e 'manso' que obrigatoriamente serão antagônicas. Para avaliar a associação de 'índole' versus outra variável, basta verificar como suas respostas estão localizadas em relação às respostas 'bravo' e 'manso'. Nas representações gráficas, as associações podem ser observadas pela distância euclidiana clássica, ou seja, pela visualização da distância das posições das variáveis nos quadrantes, onde apenas a

proximidade entre variáveis aponta associação. Duas variáveis no mesmo apartamento (diédrio) estão associadas quanto mais próximas elas estiverem. Por conseguinte, quanto mais distante uma das outras mais fraca é a associação.

O número de observações obtido para uma determinada variável é um fator determinante para a decisão de incluí-la na análise multivariada de correspondência múltipla. É necessário um grande número de observações para que uma variável possa experimentar uma variação tal que seu efeito possa ser detectado. Uma variável com classes pouco representadas apresentam má distribuição ao serem submetidas à análise. Assim, o pesquisador ao tentar considerar uma variável com reduzido número de observações, provocaria uma distorção na distância entre pares de pontos projetados e a variável problema. Este quadro levaria uma diminuição da inércia. Os pontos estudados (observações) no espaço p-dimensional possuem uma inércia total e, geralmente, os três eixos principais são investigados seqüencialmente - o primeiro, apresentando o maior valor de inércia e os demais, definidas seqüencialmente no sentido decrescente. Juntos devem somar mais de 70% da inércia, segundo critério citado por Sampaio (1993). Assim, na tentativa de obter uma inércia satisfatória sem comprometer a validade da análise, a impropriedade de algumas variáveis precisou ser descoberta. Foi necessária a realização de diversas análises para se conhecer os diferentes resultados obtidos pela mudança do espaço p-dimensional que levassem a uma inércia dentro dos padrões esperados.

O programa computacional empregado para a análise de correspondência múltipla foi o InfoStat da Universidade de Córdoba, Argentina. InfoStat é um programa estatístico desenvolvido no ambiente Windows que oferece uma conexão

avançada para a manipulação de um banco de dados em planilha eletrônica. Possui ferramentas relacionadas a objetos de várias áreas (genética, controle de qualidade, epidemiologia) capazes de desenvolver análises específicas de dados, editar fórmulas, classificar e categorizar variáveis e gerar variáveis aleatórias mediante ensaios de simulação. Permite também transferência de quadros, resultados gráficos de aplicações para o Windows.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo com delineamento primordialmente descritivo, ao fotografar uma população definida em um determinado momento, mostra peculiaridades do sistema de criação dos cães e a caracterização dos proprietários quanto à progressividade e atitude. Essas peculiaridades e caracterização, juntamente com a avaliação do bem-estar, configuram o pressuposto básico proposto para caracterizar a relação homem animal.

Para alcançar tal intento, foi necessário, inicialmente, conhecer o ambiente em que o cão estava inserido. Isto conduziu a pesquisa à obtenção de dados essenciais para identificação dos sujeitos em seu contexto social. Os primeiros resultados apresentados de forma descritiva, serão relativos à identificação do cão e a caracterização socioeconômica do proprietário. Em seguida será apresentada a caracterização do sistema de criação, onde se tem uma idéia do universo vivido pelos cães e a percepção dos proprietários quanto o modo de criação do cão. À continuação serão exibidos os resultados sobre o atendimento das necessidades dos animais (brincar e passear) e a caracterização do bem-estar segundo os três indicadores: índole, estado de tranqüilidade e condição corporal. Por fim, após a apresentação dos resultados do questionário aplicado para caracterizar o proprietário quanto à

progressividade e atitude, serão mostrados os resultados da análise multivariada de correspondência múltipla com o desígnio de ampliar e validar as possibilidades explicativas do estudo.

4. 4.1 Identificação dos cães e caracterização socioeconômica

Um formulário constituído por itens relativos à identificação do cão e itens socioeconômicos dos proprietários, foi idealizado com a finalidade de mostrar o perfil da amostra. As variáveis socioeconômicas sexo do proprietário, estado civil, número de pessoas no domicílio, renda familiar, escolaridade do proprietário, tipo de habitação, foram selecionadas porque outros investigadores observaram que elas predizem características importantes sobre a propriedade de animais de estimação em cidades (Albert, 1988). Foi incluída neste formulário uma pergunta sobre a existência de outro animal de estimação além do cão (Anexo 2).

Devido à natureza multidimensional da análise multivariada de correspondência múltipla empregada para conhecer as associações das variáveis pesquisadas com o bem-estar do cão, apenas algumas variáveis puderam ser analisadas. Igualmente, não foi possível utilizar testes inferenciais conjuntamente com a análise multivariada para explorar associações entre todas as variáveis e o bem-estar. A maioria das variáveis socioeconômicas foi submetida à análise estatística descritiva. Somente as variáveis 'renda familiar', 'tipo de habitação' e 'outros animais de estimação' foram incluídas na análise de correspondência múltipla.

Identificação dos Cães

Dos 60 cães participantes do estudo 55% eram machos cujas idades variaram de 1 a 11 anos com uma média de 5,06 anos. A

maior frequência (16,7%) estava representada igualmente pelas idades 1, 3 e 4 anos de idade. Aproximadamente 43% dos cães não tinham raça definida, porém a maioria (56,7%) se classificou como cão de raça pura: Poodle mini (26,7%), Cocker spaniel (8,3%), Pinscher (5%), Bichon frisé (3,3%), Schnauzer mini (3,3%), Teckel (3,3%), Beagle (1,7%), Dálmata (1,7%), Lhasa apso (1,7%), Yorkshire (1,7%). As representações gráficas da frequência das diferentes idades e diferentes raças pode ser observada na Tabela 1.

Em um estudo clássico sobre cães, Scott e Fuller (1997) concluíram que a grande variação genética dentro e entre raças, torna impossível a generalização de resultados sobre estudos de genética e comportamento social de cães; sendo igualmente impossível generalizar até mesmo os resultados obtidos com os indivíduos de uma mesma raça. Dentro de algumas gerações a seleção de certas características de comportamento pode modificar grandemente uma raça. Para satisfazer às necessidades especializadas das sociedades humanas pode-se planejar o aumento da variabilidade de uma gama de variáveis através de novas combinações de características de comportamento. Assim, devido à grande variabilidade das características comportamentais dentro e entre raças a que os cães estão submetidos, no presente estudo os resultados não consideram a raça, mas o cão como indivíduo.

Caracterização socioeconômica

Considerou-se neste estudo, o respondente/proprietário como o membro da família mais envolvido no dia-a-dia do animal e comprometido com o seu cuidado.

Sexo dos proprietários

A maioria dos respondentes era do sexo

feminino (75%) em oposição a um quarto dos proprietários do sexo masculino. Este resultado, apesar de se referir a uma população limitada a 60 proprietários, mostrou-se semelhante a um estudo conduzido pela Associação Americana de Medicina Veterinária. Periodicamente, AVMA através de uma grande amostra de casas nos EUA, determina os índices de propriedade de animais de estimação, de dados demográficos dos proprietários e de visitas e despesas com serviço médico-veterinário (Wise et al., 2003). Em janeiro de 2002 foram enviados 80.000 questionários a residências fortuitamente selecionadas e ao analisarem os resultados de 54.000 respondentes, observaram que quase três quartos (72,8%) das pessoas que tinham responsabilidade primária para com o cuidado do animal de estimação eram mulheres (Tabela 2).

Idade dos proprietários

Os proprietários estavam amplamente distribuídos por vários grupos de idade. A maioria dos respondentes (35%) era de adultos jovens. A segunda maior frequência (28,3%) foi ocupada por respondentes do grupo de idade de 41 a 50 anos, seguidos pelo grupo de idade de 51 a 60 anos que representavam, aproximadamente, um sexto da amostra.

Estado civil

Como pode ser visto na Tabela 2, 50% da amostra é casada e 36,7% é solteira. Embora 13,3% dos respondentes não são casados, incluíam-se nessa percentagem uma viúva e outros que já haviam vivido maritalmente com alguém.

Número de pessoas no domicílio

Quarenta por cento das residências possuíam apenas dois adultos e um pouco mais da metade da amostra não contava com nenhuma criança. Apenas 26,7% da

Tabela 1- Identificação dos cães residentes na Região Administrativa da Pampulha -
- Belo Horizonte - MG - 2007

Sexo		Frequência relativa (%)	n
Sexo	Macho	55	33
	Fêmea	45	27
Raça	SRD ¹	43,3	26
	Poodle	26,7	16
	Cocker spaniel	8,3	5
	Bichon frisé	3,3	2
	Schnauser	3,3	2
	Teckel	3,3	2
	Pinscher	5	3
	Beagle	1,7	1
	Dálmata	1,7	1
	Lhasa apso	1,7	1
	Yorkshire	1,7	1
	Idade ²	1	16,7
2		10	6
3		16,7	10
4		16,7	10
5		6,7	4
6		11,7	7
7		6,7	4
8		5	3
9		1,7	1
10		1,7	1
11		3,3	2

¹ Sem Raça Definida

² Dois animais foram adotados já adultos. Os proprietários desconheciam a idade exata.

residências possuíam adolescentes e aproximadamente 41% dos cães viviam somente com adultos, seguido por 31,6% que viviam em residências com adultos e crianças. Exatamente, 16,6 % das residências eram compostas por adulto-adolescente-criança e somente 10% eram constituídas por adultos e adolescentes.

A frequência da existência de crianças nas residências que participaram do estudo está

em desacordo com uma pesquisa conduzida por Beck (1996) nos Estados Unidos que concluiu ser mais provável encontrar animais de companhia em residências com crianças que em residências sem crianças. Em contrapartida, os resultados estão de acordo com um estudo conduzido por Albert e Bulcroft (1988). Os autores ao estudarem a propriedade, os papéis e funções de animais de estimação baseando-se na teoria

Tabela 2 - Características socioeconômicas dos proprietários residentes na Região Administrativa da Pampulha

Belo Horizonte - 2007

Variáveis		Frequência relativa (%)	<i>n</i>		
Sexo	Masculino	25	15		
	Feminino	75	45		
Estado civil	Casado	36,7	22		
	Solteiro	50	30		
	Outros	13,3	8		
Pessoas no domicílio	Número total	1	1,7	1	
		2	40	24	
		3	25	15	
		4	18,3	11	
		5	10	6	
		6	1,7	1	
		7	1,7	1	
		8	1,7	1	
	Adulto	Criança	número		
			0	51,7	31
			1	31,7	19
			2	8,3	5
			3	3,3	2
			4	3,3	2
			6	1,7	1
Adolescente	Adolescente	número			
		0	73,3	44	
		1	26,7	16	
Renda familiar ¹	A1- R\$ 7.793	6,7	4		
	A2- R\$ 4.648	13,3	8		
	B1- R\$ 2.864	18,3	11		
	B2- R\$ 1.669	28,3	17		
	C- R\$ 927	13,3	8		
	D- R\$ 424	13,3	8		
	E- R\$ 267	5	3		
Escolaridade ²	Primário completo/ Ginásial incompleto	21,7	13		
	Ginásial completo/ Colegial incompleto	15	9		
	Colegial completo/ Superior incompleto	43,3	26		
	Superior completo	15	9		
Tipo de residência	Casa	55	33		
	Apartamento	45	27		
Outros animais de estimação	Sim	45	27		

¹ Um proprietário negou-se a fornecer a informação.

² Três proprietários não haviam concluído o curso primário

de desenvolvimento familiar, concluíram que a baixa taxa de propriedade de animais de estimação entre famílias com crianças sugere que nessa fase do ciclo de vida familiar possuir um animal de estimação pode ser incompatível com as necessidades das famílias. O cuidado intensivo, requerido por uma criança, toma quase todo o tempo e energia dos pais, não deixando tempo disponível para manter um animal de estimação. O cão em vez de ser uma fonte de afeto para os membros familiares pode tornar-se um estressor adicional para casais que experimentam a transição da paternidade. Mães jovens evitam experimentar sentimento de culpa por negligenciar os cuidados do animal após o nascimento de seu filho. Por outro lado, os pais que decidem adquirir um animal de estimação, o fazem ao perceberem a importância do cão como companheiro de brincadeiras e por seus atributos pedagógicos úteis e desejáveis como independência e responsabilidade.

Renda familiar

A maior parte da amostra (28,3%) pertencia à classe B2, seguida da classe B1 (18,3%). Igual número de respondentes pertencia às classes A2, C1 e D. As classes com menor representatividade foram as classes A1 e E. Associações entre a renda familiar e algumas variáveis estudadas poderão ser apreciadas no resultado e discussão do item análise multivariada de correspondência múltipla.

Escolaridade

Aproximadamente 43% dos proprietários tinham a escolaridade Colegial completo/Superior incompleto, seguido da escolaridade Primário completo/ Ginásial incompleto representando um pouco mais de um quinto de toda a amostra. As demais escolaridades: ginásial completo/colegial completo e superior completo representou

cada uma apenas 15% da amostra. Três proprietários não possuíam o primário completo.

Tipo de residência

Cinquenta e cinco por cento das residências visitadas eram casas. Havia, a princípio, a intenção de estabelecer igualdade entre o número de casa e apartamentos, no entanto, devido a dificuldade de se encontrar edifícios em algumas áreas censitárias e a recusa de algumas pessoas em colaborar com a pesquisa, não foi possível cumprir com o planejado.

Embora possa haver uma variação de espaço e social entre casa e apartamento, cada um destes ambientes tem suas vantagens e desvantagens. Conquanto a possibilidade do cão que mora em casa viver livre em um espaço maior para a prática de exercício, essas vantagens não garantem absolutamente a sua saúde física e mental. O animal continua sentindo a necessidade de um passeio em local público para socializar-se e estimular seus sentidos. Mesmo um cão que vive livre em locais abertos como no campo, demonstram efusivo contentamento quando o seu proprietário decide passear com ele. Em apartamento, o cão pode sentir angústia pela falta de contato social e tornar-se intolerante à separação prolongada de seu proprietário, podendo sofrer apatia, depressão, adoecer e até mesmo morrer. Por outro lado, se além do favorecimento do espaço para exercício, houver oportunidades de interação e brincadeiras diárias com membros do seu grupo familiar, a sua condição poderia tender ao bem-estar adequado.

Um cão pode viver em apartamento desde que seu tamanho seja levado em conta, pois é totalmente incompatível criar um cão de porte grande dentro de um apartamento pequeno. Nesta condição, o animal não terá

o espaço suficiente para expressar os comportamentos típicos de sua espécie, sendo, portanto, um ato de posse irresponsável do proprietário. No entanto, se não há problema de espaço, e o cão interage satisfatoriamente com o seu proprietário através de passeios e brincadeiras, possivelmente terá a mesma possibilidade de experimentar bem-estar adequado.

A questão principal para a distinção do bem-estar, não estaria, portanto, do animal em viver em casa ou apartamento, mas da qualidade da relação entre os membros do grupo familiar e do grupo familiar com o cão. O cão pode estar exposto dentro desse grupo a certas tensões que podem comprometer a sua saúde. O seu bem-estar psicológico depende de como reage aos desafios do ambiente e da qualidade de vida do grupo familiar. Estratégias efetivas para promover o bem-estar psicológico dependerão até certo ponto das características individuais do cão. Estas características podem ser referentes às diferenças pertinentes a raça como também a fatores que refletem variação de dentro da raça, como a história do indivíduo, fase de desenvolvimento, sexo e temperamento.

Ambientes ou conjunturas que poderiam promover bem-estar psicológico de uma raça, podem não ter absolutamente nenhum efeito ou até mesmo um efeito prejudicial em outras raças. Por exemplo, os cães da raça Labrador gostam muitíssimo de tomar banho em qualquer coleção de água, já cães de muitas outras raças geralmente fogem

até mesmo do banho. São também reconhecidas diferenças individuais fortes em termos de características de personalidade ou características que estão presentes na maioria das raças. Os cães diferem amplamente na maneira e extensão para as quais eles exibem comportamento ansioso. Os indivíduos altamente ansiosos podem apresentar mais problemas de

ansiedade de separação que cães com um temperamento mais relaxado.

O julgamento sobre o bem-estar psicológico deve ser relativo aos indivíduos específicos submetidos a condições diferentes (Novak, 1988). Um cão pode estar exultante ou deprimido em quaisquer desses ambientes, o seu bem-estar dependerá de fatores internos e externos. A idade do cão no momento da adoção, por exemplo, assume grande importância para a socialização do animal. Se a socialização ocorre em ambiente doméstico quando o cão está com três ou quatro semanas de idade ele pode tornar-se muito apegado aos seres humanos, pouco social e impotente sexualmente para outros animais da sua própria espécie (Fox, 1968b).

A aquisição do animal entre 7 a 12 semanas de idade deve ser aconselhada principalmente para proprietários que vivem em apartamento e têm uma vida social intensa. É menos provável que um cão socializado juntamente com seus irmãos, apresente anormalidades de comportamento para a sua própria espécie quando adulto. A restrição da experiência social pode tornar os animais extremamente tímidos para pessoas estranhas e outros animais. Comportamento anormal como relação sexual interespecie pode resultar da falta de contato social com indivíduos de sua própria espécie.

Outros animais de estimação

Quarenta e cinco por cento dos respondentes informam ter alguma outra espécie de animal de estimação como gato, pássaros canoros, periquito, maritaca, papagaio, peixes ornamentais e tartaruga.

4.2 Sistemas de criação

O formulário delineado para coleccionar dados referentes à caracterização da qualidade dos sistemas de criação dos cães (Anexo 3) fundamentou-se nas cinco liberdades estabelecidas em 1993 pelo Comitê de Bem-estar Animal de Produção Inglês para a avaliação do bem-estar animal (Bekoff, 1998). Pretendeu-se mostrar as características do modo de criação dos animais a fim de conhecer a visão e o compromisso dos proprietários com o bem-estar do seu cão e para com os ditames éticos. Os dados relativos ao sistema de criação analisados através da estatística descritiva incluem: espaço disponível; condição de liberdade do animal; acesso às dependências internas da residência; local onde dorme; domiciliação; manejo alimentar; higienização do local onde dorme, urina e defeca; frequência do banho; imunização contra raiva e outras doenças infecciosas; vermifugação; controle dos parasitos externos e tratamento respeitoso (Tabela 3).

Espaço disponível e Condição de liberdade do animal

Considerando o tamanho do animal, quase 97% dos cães da amostra viviam em residências com espaço suficiente para brincarem e ter liberdade de movimentos. Aproximadamente, 83% dos cães viviam livres, 11,7% viviam acorrentados e apenas 5 % viviam em canil.

A necessidade de espaço de um cão de estimação tem aceção quantitativa e qualitativa. Necessidade quantitativa

refere-se ao espaço para circulação já a necessidade qualitativa inclui espaço para interação social e para evitar o contato visual com outros indivíduos.

O espaço necessário para o cão depende do seu tamanho e raça. Alguns cães se adaptam satisfatoriamente dentro de casa, outros necessitam de espaço maior para gastar um pouco de sua energia. Por ser um

animal social, deve ficar livre para andar, correr e interagir com os membros da família.

O cuidado, a atenção e o carinho dispensado ao cão quando ele é ainda um filhote, faz com que o animal continue a sentir necessidade desta qualidade de tratamento quando se torna adulto. Os atos que demonstram consideração e amabilidade não podem ser suprimidos porque o animal não é mais tão “bonitinho e engraçadinho”. Para o animal adulto, a atenção, a brincadeira, a camaradagem e o afago passam a assumir o caráter de necessidade. Manter um cão preso, sem interagir com pessoas e outros ambientes, são modos de proceder que contribuem negativamente para o desenvolvimento de problemas de comportamento que vão desde agressão até ansiedade de separação. Quando o proprietário preza a qualidade de vida de seu animal, ambos sentem mais prazer.

Se o animal vive em apartamento ou é mantido dentro de casa, deve sair diariamente para passear, ver outras pessoas e outros animais. O cão tendo a oportunidade para interagir com humanos e outros animais durante o período de socialização primário, provavelmente reagirá positivamente a eles em vida posterior (Scott e Fuller, 1997). Analogamente como em muitos outros mamíferos, o isolamento social intraespécie e interespécie de cães muito jovens pode causar déficits

comportamentais severos (Fox, 1965; Fox e Stelzner, 1967).

Woolpy e Ginsburg (1967) observaram que lobos jovens ao serem socializados pelo menos durante seis meses com humanos

tornam-se amigáveis e sociáveis, permanecendo socializados permanentemente. Os autores concluíram que o lobo generaliza o vínculo com seu manipulador para a maioria dos seres

Tabela 3 - Características do sistema de criação utilizado por proprietários de cães residentes na Região Administrativa da Pampulha - Belo Horizonte- MG. 2007.

Variáveis	Classes	Frequência relativa (%)	n
Espaço disponível	Satisfatório	96,7	58
	Insatisfatório	3,3	2
Liberdade do animal	Livre	83,3	50
	Acorrentado	11,7	7
	Canil	5	3
Acesso dependências internas ¹	Sim	73,3	44
	Não	26,7	16
Local onde dorme	Dependências internas	38,3	23
	Dependências externas	61,7	37
Domiciliação	Domiciliado	98,3	59
	Semi-domiciliado	1,7	1
Manejo alimentar	Ração	78,3	47
	Comida caseira	21,7	13
	Ração e comida caseira	15	9
Higienização do local onde urina e defeca	Satisfatória	95	57
	Insatisfatória	5	3
Higienização do local onde dorme	Satisfatória	95	57
	Insatisfatória	5	3
Frequência de banho	3/3 dias	3,3	2
	7/7 dias	60	36
	15/15 dias	21,7	13
	30/30 dias	10	6
	60/60 dias	5	3
Imunização contra raiva		98,3	59
Imunização contra outras doenças ²		65	39
Vermifugação		76,7	46
Controle de parasitas externos		98,3	59
Tratamento respeitoso	Satisfatório	86,7	52
	Insatisfatório	13,3	8
Necessidades físicas e psicológicas			

Brincar	Sim	85	51
	Não	15	9
Passear	Satisfatório	46,7	28
	Insatisfatório	53,3	32

¹ Dependências internas da residência

² Doenças infecciosas

humanos. Esta experiência demonstra a importância do contato humano enquanto os cães estão ainda junto da mãe e dos irmãos. Sendo o cão uma espécie social, a sua capacidade de formar vínculo deve ser explorada não somente em relação ao homem, mas também em relação a outras espécies. Este compromisso garantirá boa convivência e o bom comportamento do cão frente a presença de outras pessoas e animais.

Proporcionar ao cão encontros de contatos sociais pode tornar o seu ambiente mais complexo e favorecer o seu sentido de controle sobre o ambiente e, naturalmente, a sua adaptação e bem-estar. O contato social com humanos por ser consideravelmente importante para o bem-estar do cão e influenciar positivamente o seu comportamento e fisiologia (Hubrecht, 2006), pode ser mais importante que o contato físico (Wolfe, 1987).

Acesso às dependências internas da residência, local onde dorme e domiciliação

Apesar de 26,7% dos cães serem impedidos de acessar o interior da residência, 61,7% dormem dentro da residência. Apenas um proprietário permitia que seu cão tivesse acesso às vias públicas. É importante distinguir que somente 26,7% dos cães que não entravam no interior da residência eram utilizados na proteção da residência, os demais cães eram considerados como cães de companhia.

As frequências de cães que podem acessar (73,3%) e dormir (61,7%) no interior da residência foram muito expressivas. A proximidade do cão favorece o desenvolvimento de uma relação de qualidade e reduz consideravelmente os

problemas de comportamento advindos do isolamento ou de uma interação restrita

com os membros da família. Um proprietário que gasta mais tempo com o seu cão talvez não necessite colocá-lo em aulas de treinamento de obediência ou consultar médicos veterinários especializados em etologia clínica. Ao favorecerem circunstâncias adequadas para proximidade e interação dos membros da família com o animal, estarão contribuindo em evitar o aparecimento de problemas de comportamento e no enriquecimento da relação homem-animal.

A baixa frequência encontrada para cães que tinham acesso livre às vias públicas (1,7%) mostra a preocupação dos proprietários com a integridade de seus animais e o trabalho efetivo do Centro de Controle de Zoonoses da cidade de Belo Horizonte. Este trabalho compreende o esclarecimento de proprietários de cães através de orientações e da captura dos cães errantes causadores de problemas de saúde pública por serem faltos de controle sanitário e reprodutivo.

Manejo alimentar

Um total de 78,3% dos proprietários relatou que seus cães são alimentados apenas com ração comercial versus 21,7% que comem apenas comida caseira. A combinação de ração comercial com comida caseira é uma prática seguida por 15% dos proprietários. Refletindo sobre esses resultados, pode-se considerar a possibilidade da maioria dos proprietários optarem pela praticidade além de estarem preocupados com a alimentação de seus cães e de seu bem-estar, ainda que a alimentação ideal seja apenas um fator entre muitos que contribuem para o bem-estar do animal.

O cão durante a domesticação foi progressivamente afastado da alimentação carnívora para adotar a alimentação oferecida pelo homem. A alimentação

industrializada que apareceu no início do século XIX foi se diversificando e acompanhando a evolução dos modos de vida e expectativas dos proprietários. Este avanço na alimentação do cão encontrou alguma resistência de proprietários para os quais o fato de alimentar o seu cão representa um ritual com forte carga afetiva. Estes proprietários são contra o oferecimento de comida industrializada, outros, porém, ainda mantêm o costume de seus pais que consideravam o custo da ração desnecessário. A alimentação caseira consistia de restos de sobras de refeição e, em alguns casos, o acréscimo da tradicional “carne para cachorro” considerada de baixa qualidade para a indústria de ração (Royal Canin, 2002).

Não haveria diferença significativa entre as alimentações industrial e caseira se a qualidade da refeição fornecida ao animal atendesse as necessidades reais do animal e a qualidade do alimento. A exigência desses parâmetros, no entanto, ressalva uma grande incerteza quanto ao equilíbrio nutricional perfeito oferecido pela alimentação caseira.

Em contrapartida, o alimento industrial de qualidade, formulado segundo pesquisas científicas suprem as necessidades médias de manutenção do cão lhe proporcionando higidez. Os alimentos completos de alta qualidade tipo “premium” satisfazem às necessidades específicas do cão por serem constituídos de acordo com o seu estágio fisiológico: crescimento, esporte, trabalho, gestação aleitamento, obesidade e velhice.

Ao contrário do que acredita o senso comum, o cão não tem necessidade biológica de “variedade”, já que possui um paladar “pobre” e escolhe seus alimentos

principalmente com auxílio de seu olfato. A troca freqüente de matéria prima deve ser evitada a fim de impedir perturbação na sua flora intestinal, muito sensível às mudanças. O ideal para o animal é receber o mesmo alimento todos os dias na mesma hora; as alterações muito freqüentes de alimentos muito diferentes provocam modificações bruscas na flora intestinal que ao tentar se readaptar provoca a produção de determinados metabólitos tóxicos responsáveis por flatulência e diarreia. A preparação de comida caseira sem critérios pode, muitas vezes, ter conseqüências patológicas graves. (Royal Canin, 2001).

Alimentar convenientemente um cão não significa meramente sustentá-lo, mas sim manter um estado ótimo de saúde, evitando a desnutrição e a obesidade. A alimentação balanceada, resultado do conhecimento e aplicado de modo pontual no preparo de alimentos, previne riscos de afecção renal, problemas digestivos e/ósseo e combate os mecanismos do envelhecimento (Case, 1999).

A escolha entre um alimento comercial ou preparado em casa deve basear-se no rigor da escolha do alimento industrializado e nas proporções das matérias primas empregadas no preparo do alimento caseiro. Sendo o cão um carnívoro não-rigoroso e não um onívoro, ele é capaz de digerir proteínas vegetais desde que elas sejam de alta qualidade. O amido como fonte de energia deve ser cozido e a quantidade deve respeitar as restrições fisiológicas do animal. Enfim, o alimento oferecido ao cão deve satisfazer todos as necessidades dietéticas indispensáveis ao equilíbrio nutricional.

Higienização do locais onde dorme,
urina e defeca,

Dentre as 60 residências visitadas, 95%
delas apresentavam higienização

satisfatória do local onde o animal dormia, urinava e defecava. Nas residências em que foi constatada higienização insatisfatória (5%) os animais não tinham permissão para acessar o seu interior.

Frequência do banho

A frequência do banho foi categorizada em intervalos de: 3, 7, 15, 30 e 60 dias. A maioria dos proprietários (60%) banha o seu cão semanalmente.

A frequência do banho quanto ao aspecto saúde para um cão normal, não dermatopata, não tem uma regra fixa. É recomendável que não seja dado mais de um banho por semana em animais que vivem ou têm acesso ao interior da residência. Cães que ficam no quintal, podem tomar banho uma vez a cada um ou dois meses. Na realidade, a frequência do banho geralmente é determinada pelo odor que os animais despreendem de seus corpos e, o grau da percepção, varia segundo a sensibilidade e tolerância do proprietário. Sob o aspecto do bem-estar, o prazer ou a aversão do banho depende da raça e do temperamento do animal. Cães da raça Labrador adoram água e se puderem, tomam banho ou entram na piscina ou qualquer outra coleção de água todos os dias. Alguns cães demonstram não gostar, mas toleram o banho. Outros demonstram claramente sua aversão à água (Val Bicalho, 2007¹).

Imunização contra raiva e outras doenças infecciosas, vermifugação e controle de parasitos externos.

A grande maioria dos proprietários (98,3%) vacina seu cão contra a raiva e controlam os parasitos externos (98,3%) de seu animal. Exatamente, trinta e cinco por cento dos cães não são vacinados contra outras doenças infecciosas (vacina décupla) e quase vinte e três por cento não são vermifugados.

¹ Informe da Professora Dra. Adriane Pimenta da Costa Val Bicalho – Especialista em dermatologia-Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

A maior parte dos proprietários mostrou-se mais preocupada com o controle de parasitos externos e com a prevenção da raiva, entretanto, um número significativo de proprietários não considera as doenças infecciosas como enfermidades igualmente perigosas como a raiva. Este resultado, juntamente com o obtido em relação à vermifugação, fornece algumas pistas:

- 1- Estes proprietários não devem possuir o conhecimento necessário sobre como cuidar da saúde do seu cão;
- 2- Provavelmente, esses animais não foram levados a uma clínica veterinária logo após serem adquiridos;
- 3 - A economia com gastos imprescindíveis demonstra negligência com a saúde e o bem-estar do cão.

Não somente o cão, mas todos os animais domésticos devem ser vacinados independentemente da espécie ou da raça. O cão é vulnerável a diversas doenças que podem ser fatais, causar-lhe muito sofrimento e comprometer o seu bem-estar. O controle dos parasitos internos e a vacinação contra as principais doenças que acometem o cão não só contribuirá na prevenção de doenças, mas evitará o alto custo de um tratamento e o risco do animal doente transmitir a doença a outros animais, ou ainda, transmitir algumas zoonoses com a larva *migrans* cutânea, ocular e visceral ao homem. Assim, o proprietário ao estar atento com a prevenção das doenças mais comuns do seu cão, estará contribuindo para o bem-estar do seu animal de estimação e dos seus familiares.

Tratamento respeitoso

Finalmente, foi ajuizado pela pesquisadora o tratamento respeitoso do proprietário em relação ao seu cão no momento da

entrevista. Do universo estudado, 13,3% dos proprietários não trataram seu animal respeitosamente. Foi observada a manifestação de respeito no que concerne à consideração pelas peculiaridades do animal expressadas ao latir e ao explorar o indivíduo estranho (a pesquisadora), solicitação de atenção e carinho. Neste momento, observou-se a capacidade do proprietário em controlar a participação do cão com tolerância e afabilidade. Foi observado também a maneira como o proprietário continha o animal para a medição e pesagem.

4.3 Observação direta

Na oportunidade das visitas às residências foram observados em geral os seguintes comportamentos:

1- Com a chegada da pesquisadora à residência do proprietário, os cães considerados tranquilos e mansos apresentavam comportamentos ativos e amigáveis. Alguns se mostravam quietos ou demonstravam excitabilidade emocional de curta duração, outros latiam e, ao serem repreendidos pelos donos, paravam imediatamente. Em seguida iniciavam uma atividade de exploração normal incluindo inspeção visual e aplicação do sentido do olfato. Em algumas situações, após o primeiro contato, brincavam com seus brinquedos ou mantinham contato físico com o proprietário ou com a pesquisadora. Houve uma situação em que a cadela deitou-se sobre os pés da pesquisadora ficando assim até o momento da pesagem e da medição de sua altura. A totalidade dos cães permanecia próxima ou em contato com proprietário. Alguns se aconchegavam encostando ou subindo no colo do seu

proprietário expressando inconfundível deleite.

2- Os cães considerados intranquilos podiam ou não latir com a chegada da

pesquisadora. Alguns, após a inspeção visual e olfativa, corriam, saltavam sobre o sofá e em seguida ficavam por alguns instantes na proximidade sentados ou em pé. Logo, por muitas vezes, desapareciam de nossa presença e ao retornarem solicitavam energeticamente a atenção do proprietário. Em algumas ocasiões o importuno repetitivo por atenção resultava em repreensão. Alguns cães não procediam à inspeção visual e olfativa, nem tampouco permaneciam em nossa presença, mas caminhavam constantemente próximo ao ambiente como se estivesse constatando a presença da pesquisadora. Esta situação configurava um estado de estresse e ansiedade relacionados à situação estranha. A medição precisou ser repetida muitas vezes devido a dificuldade em mantê-los parados.

3- Os cães avaliados como agressivos nunca vinham à porta receber a pesquisadora. Permaneciam presos à corrente, soltos no quintal ou isolados em algum cômodo. Ao serem apresentados alguns latiam, rosnavam e demonstravam agressividade. Os cães que não latiam tentavam morder a pesquisadora e ao proprietário quando eram manipulados para a pesagem e medição da altura. Neste momento era necessário contê-los energeticamente após serem amordaçados.

Considerando o ponto de vista fenomenológico, foi possível distinguir diferentes reações aos estímulos semelhantes resultantes da chegada da entrevistadora à residência do proprietário: a) comportamento tranquilo, amigável e com contato físico; b) comportamento indiferente ou passivo, com moderada demonstração de emoção; c)

comportamento ativo com exigência freqüente de atenção e constante movimentação; d) comportamento de evitação ou recusa de aproximação; e) comportamento de pânico com reação de fuga; f) comportamento ameaçador com rosnados e ataques à entrevistadora e, em algumas ocasiões ao proprietário.

4.4 Necessidade física e psicológica

Um dos interesses primário do estudo foi conhecer possíveis associações entre a progressividade e as atitudes do

proprietário em relação à promoção do bem-estar do cão. Porém, tanto as variáveis 'progressividade' e 'atitude' quanto a variável 'bem-estar' podem estar associadas a outras variáveis que as caracterizam. Como pode ser visto na Tabela 4, as variáveis 'brincar' e 'passear' foram eleitas para estabelecer a observância do proprietário ao atendimento às possíveis necessidades físicas e psicológicas do cão.

Cada uma das variáveis foi representada por duas classes: 'brincar', 'não brincar' e 'passear', 'não passear'. A classe 'brincar' era assinalada quando

Tabela 4. Freqüência das variáveis referentes às necessidades físicas e psicológicas de cães de estimação residentes na Região Administrativa da Pampulha - Belo Horizonte-MG - 2007

Variáveis	Classes	Frequência relativa (%)	n
Brincar	Sim	85	51
	Não	15	9
Passear	Satisfatório	46,7	28
	Insatisfatório	53,3	32

o proprietário respondia afirmativamente ao ser questionado se brincava diariamente com o seu cão e a classe 'passear' somente foi considerada satisfatória quando o animal passeava todos os dias da semana.

Elucidações sobre a associação dessas variáveis com o bem-estar animal são apresentadas mais adiante na discussão sobre a análise multivariada de correspondência múltipla.

Brincar

Dentre os 60 proprietários indagados sobre o costume de proporcionar ensejos de brincadeiras para seus cães, 85% dos

proprietários entrevistados responderam que brincam regularmente com o seu animal. Este resultado seria uma prova do comprometimento do proprietário para com os seus cães, entretanto, essa freqüência demonstra que a brincadeira representa apenas um fator contribuinte para o bem-estar animal, posto que o bem-estar adequado foi estimado em apenas 43.3% dos cães.

A brincadeira configurada como uma necessidade para alguns cães seria uma necessidade comportamental caracterizada pela a execução de um padrão de comportamento principalmente determinado por fatores causais internos. Todo comportamento executado em um

ambiente natural indica uma necessidade comportamental e, por conseguinte, todo comportamento normal indica uma necessidade. O desempenho do comportamento apropriado, de modo particular e debaixo de condições particulares é considerado produto da cognição (Baxter, 1988b).

Para qualquer padrão de comportamento amplamente governado por fatores internos, os níveis de motivação aumentarão em um determinado momento sobre o nível limiar (Hughes e Duncan, 1988a). Considerações de bem-estar surgirão em situações quando a motivação alcançar níveis altos e a realização do comportamento não é efetivada devido ao ambiente não prover as condições funcionais apropriadas. Ao mesmo tempo, a necessidade para executar o comportamento seria independente do tipo de ambiente, ela existiria em qualquer ambiente. A proibição do desempenho do comportamento poderia estar associada com o bem-estar pobre. O conceito de necessidade comportamental deve ser considerado como necessidade psicológica e o bem-estar somente pode ser caracterizado como adequado quando é permitido ao animal desempenhar seu comportamento característico da espécie. O desempenho de comportamento normal seria a própria exigência para o bem-estar. Em seres humanos, a avaliação do bem-estar é realizada, mais precisamente, pelo que é percebido de forma mental que pelas ações de seu corpo. Não se pode medir o que é percebido por um animal, mas o seu comportamento pode ser observado e medido facilmente.

Diferentemente de muitos mamíferos, o cão adulto apresenta uma admirável necessidade para brincadeira. Enquanto em muitas espécies a brincadeira é particularmente desenvolvida por animais jovens, os cães são sem igual, pois continuam ansiosos por brincadeira mesmo

quando adultos. A brincadeira pode ser desenvolvida socialmente com outro indivíduo ou de forma solitária e, sua ausência, pode ser um indicador de bem-estar pobre. Se um animal é privado de brincar mesmo na presença de um companheiro (animal/humano), ou se o companheiro for indiferente à sua solicitação, o animal frustrado pode redirecionar para o seu próprio corpo essa necessidade.

Os cães tendem a brincar mais e a gastar mais tempo explorando na presença de algum membro da família (Topál et al., 1998). Em algumas situações o exercício físico decorrente da brincadeira não é suficiente para manter a aptidão física do animal. A manutenção da aptidão física não é a função principal da brincadeira. Para um cão, a principal função da brincadeira é a interação. Bekoff (1974) assinalou que talvez o tempo e a energia dedicados à brincadeira social lhes proporcione um sentimento agradável indicado pelo relaxamento da andadura e pelos movimentos pulantes observados durante a brincadeira. O "sorriso" em sua expressão facial pode associar esse comportamento a uma experiência agradável (Darwin, 2000).

Quando o ambiente é enriquecido com brinquedos e excitação social, o animal passeia diariamente e não há tensão ambiental, o cão brinca com mais regularidade. Broom e Fraser (2007) assinalaram que o índice de brincadeira poderia fornecer parâmetros de saúde a serem utilizados de forma preventiva na prática da medicina veterinária. Hurnik (1988) ressaltou que as necessidades físicas para movimento e exercícios são importantes para sustentar a saúde, e não devem ser consideradas meramente como um atendimento às necessidades de conforto.

A brincadeira pode ser usada como reforço no treinamento informal de obediência e no estabelecimento da hierarquia. Quando é empregada como um veículo principal de interação entre o cão e os membros da família, estimula o fortalecimento do vínculo interespecie aumentando o do tempo gasto entre o cão e as pessoas e, conseqüentemente, o aumento do contato físico. Se a brincadeira fosse percebida pelas pessoas que convivem com o cão como uma forma de entretenimento, ambas as partes desfrutariam muito mais da relação.

Se um animal de estimação não interage com o seu proprietário estará vivendo uma forma de abandono. O animal necessita sentir-se acolhido e querido e a brincadeira é uma forma de demonstrar a afeição pelo animal. Quando o cão é o único animal de estimação da casa e fica a maior parte do dia sozinho, o compromisso do proprietário em brincar e passear assume maior importância. A solidão, a dependência e a espera cotidiana da volta do dono os tornam carentes e exigentes de atenção. Animais solitários são propensos a desenvolver hábitos destrutivos e autodestrutivos. Se a sua necessidade de interação não for satisfeita, ele demonstrará sua privação ao rever o seu proprietário com uma excitação exagerada vocalização que parecem 'gritos' de alegria. Neste caso, eles demonstram além da alegria, a carência a qual são submetidos. Em algumas situações, quando a interação é inconsistente, a carência pode ser demonstrada mesmo se o proprietário não se ausenta diariamente de casa.

O compromisso com o animal vai além da atenção e demonstração de afeto. É imperativo que o cão expresse sua real identidade a despeito das conveniências ditadas pelos moldes da vida humana. Restringir as oportunidades de expressão de sua natureza comportamental e social básicas pode por em risco a sua saúde

física e mental, longevidade e bem-estar. Diante da falta de estimulação, pode se tornar-se entediado, frustrado, infeliz e adoecer.

Passear

Apenas 28 cães (46,7%) participantes do estudo passeavam diariamente com seus proprietários. Este resultado comprova a pouca disposição de alguns proprietários em atender uma possível necessidade do seu cão. Eles não têm em conta que o cão de estimação como qualquer outro animal doméstico pode sentir necessidade de estar constantemente se movimentando e exercitando. Muitos animais requerem oportunidades diárias para exercício a fim de se manter bem fisicamente e emocionalmente. Geralmente, níveis moderados de atividade aumentam imunocompetência e resistência de parasita (Cannon e Kluger, 1984).

Quando a atividade é suficiente para dissipar sua energia, concorre para evitar ou abrandar problemas comportamentais. Após o exercício, o cão sossega e descansa, permanecendo calmo e relaxado. Cães exercitados freqüentemente podem ser mais fáceis de treinar e exibir menos problemas comportamentais resultantes de ansiedade a tentativas frustradas de obtenção de atenção.

O exercício pode ser passeios diários, natação, corridas ou participação de brincadeiras vigorosas de ir buscar o bastão ou brincadeiras de perseguição. Deixá-los inativos durante quase toda a semana e levá-lo para uma longa caminhada somente no final de semana não é o suficiente para atender necessidade de muitos cães. Os proprietários devem conhecer as necessidades de seu cão e honrar o compromisso, pois ambos se beneficiarão. Deverão ser sempre os iniciadores da sessão de brincadeira ou exercício, a fim de evitar comportamentos muito excitáveis ou

de exigência que podem ser extrapolados para outras situações.

O exercício contribui também para o sistema sensorio do cão. Os vários órgãos do sentido são acionados no animal com o movimento de seu corpo, em resposta à ação mecânica de toque e pressão e constituem uma parte principal do aporte sensorio de animais. O cão ao ser levado a passear investiga estímulos novos como visões e cheiros de outras pessoas e outros animais. Ele sente necessidade interna de perceber as peculiaridades ambientais (Broom e Fraser, 2007). A ativação do seu comportamento exploratório lhe permite explorar as próprias habilidades de recepção de estímulos sensorio do ambiente. A marca de urina comporta informações sobre condição sexual, tamanho, condição de saúde, enfim, sobre a identidade do cão. A investigação do ambiente além de lhe proporcionar informação sobre o ambiente estimula sua memória e o aprendizado.

A privação de atividades exploratórias resultará em déficits cognitivos e o medo associado criará predisposição ao estresse. Por conseguinte, privar animais de comportamento exploratório é extremamente prejudicial. A falta de possibilidades para explorar, investigar e interagir com companheiros sociais está associada a uma prisão íntima. O animal com déficit comportamental apresenta uma base pobre para se adaptar ao ambiente em que vive e, por conseguinte, o seu bem-estar é considerado pobre (Broom e Fraser, 2007). As atividades comumente dirigem os sentimentos negativos para estímulos positivos, tornando os animais menos ansiosos, mais seguros e confiantes.

Morar em apartamento torna o proprietário ainda mais comprometido em prover exercício regular através de passeios diários. Um quintal cercado pode oferecer uma oportunidade para exercício, no

entanto, um quintal cercado não substitui a necessidade de passeio em local público para socialização. A maioria dos cães mantidos em quintais por longos períodos de suas vidas desenvolve hábitos como cavar, latir e se exceder ao cumprir a defesa territorial (Case, 1999). Além do mais, devido à ansiedade por contato social, torna-se intolerante à separação prolongada de seu proprietário, podendo vir a adoecer e até mesmo morrer.

Concluindo, brincadeiras e exercícios devem fazer parte da rotina diária do cão. Se o animal não sente necessidade de passeio, a brincadeira interativa proporciona atenção, contato social e atividade física. Cães que não recebem quantidade apropriada de exercícios e estimulação mental têm maiores chances de apresentar problemas. A estimulação insuficiente pode ser causa subjacente de muitos problemas comportamentais como a desobediência, ansiedade, medo, agressividade e hiperatividade. Brincadeiras frequentes proporcionam interação social, tem efeito calmante e reduzem a ansiedade. Quanto mais estimulação e exercício o cão receber, menor será a energia acumulada para gastar em comportamento anormais comprometedores para o seu bem-estar.

Enfim, exercícios ou brincadeiras facultarão a interação, a estimulação mental, o gasto de energia, a tranquilidade e a socialização apropriada que contribuirão eficazmente para o bem-estar do cão.

4.5 Indicadores de bem-estar

Foram empregadas como indicadores de bem-estar as variáveis 'condição corporal', 'índole' e 'estado de tranquilidade'. O bem-estar foi caracterizado como adequado (43,3%) quando, simultaneamente, o animal apresentava 'condição corporal ideal', era 'manso' e 'tranquilo'. Para

caracterização do bem-estar pobre (56,6%) bastava que o animal apresentasse 'avaliação corporal inapropriada' e/ou fosse 'agressivo' e/ou 'intranquilo'. Um animal somente 'intranquilo', por exemplo, estaria experimentando 'bem-estar pobre' (Quadro 3).

Como pode ser observado na Tabela 5 exatamente 60% dos cães apresentaram 'condição corporal ideal' e 90% foram avaliados como 'tranquilos'. Os cães mansos representaram 83,3 % da amostra versus 16,75% de cães 'bravos'.

Condição corporal

Dos 60 cães avaliados, exatamente 60% deles apresentavam 'condição corporal ideal', 21,6% estavam com peso abaixo do

Quadro 3 - Graduação dos indicadores de bem-estar, da condição corporal segundo Laflame (1997) e caracterização do bem-estar de acordo com as graduações.

NA	CC	IND	ET	L	BE	NA	CC	IND	ET	L	BE
1	0	0	0	5	1	31	0	0	0	5	1
2	0	3	0	4	0	32	0	0	0	4	1
3	1	0	0	3	0	33	0	2	0	4	0
4	1	0	0	6	0	34	1	0	0	3	0
5	0	3	0	4	0	35	1	0	0	3	0
6	1	0	0	3	0	36	0	1	0	4	0
7	0	0	0	4	1	37	0	3	0	5	0
8	0	0	0	4	1	38	0	0	0	4	1
9	1	1	0	6	0	39	0	0	0	4	1
10	0	0	0	5	1	40	0	0	0	5	1
11	2	0	0	7	0	41	0	0	3	5	0
12	1	0	0	6	0	42	0	0	1	5	0
13	0	0	0	5	1	43	1	0	0	6	0
14	1	0	0	3	0	44	1	0	0	3	0
15	0	0	0	4	1	45	0	0	0	5	1
16	0	0	0	5	1	46	0	0	0	4	1
17	1	2	2	3	0	47	0	0	0	5	1
18	0	0	3	4	0	48	0	0	0	5	1
19	0	0	0	5	1	49	0	0	0	5	1
20	0	0	0	4	1	50	1	0	0	6	0
21	1	0	0	3	0	51	1	0	0	3	0
22	2	0	0	7	0	52	1	0	0	3	0
23	0	0	0	4	1	53	0	0	0	5	1
24	0	0	0	4	1	54	1	0	0	3	0
25	0	2	3	4	0	55	0	0	0	4	1
26	3	3	0	8	0	56	3	0	0	8	0
27	0	0	0	5	1	57	2	0	0	7	0
28	0	0	1	5	0	58	0	0	0	4	1
29	0	0	0	5	1	59	1	0	0	3	0
30	1	3	0	3	0	60	1	0	0	6	0

LEGENDA

NA - Número do animal

ideal, 16,6%, acima do peso e apenas 1,7% encontrava-se na condição de obeso

(Tabela 6)

A condição corporal depende não somente de uma alimentação equilibrada, mas também de estímulos internos e externos ao animal. Estímulos aversivos de origem externa (Melito, 1983) podem determinar alterações no meio externo, ou interno, de um organismo, e provocar, neste organismo, uma resposta fisiológica ou de comportamento. Quando um animal estiver "organicamente" doente, o mecanismo pelo qual o cliente reconhece a doença envolve

CC - Condição corporal (0- ideal / 1,2 e 3- inapropriada)

IND - Índole (0- manso / 1,2 e 3- bravo)

ET - Estado de tranqüilidade (0- tranqüilo / 1,2 e 3- intranqüilo)

L - Graduação segundo Laflame (1,2 e 3- subalimentado / 4 e 5- condição corporal ideal / 6,7,8 e 9- sobrealimentado)

BE - Bem-estar (1- adequado / 0- pobre)

uma mudança em comportamento (Overall, 2003, p.213). O comportamento é, pois, o grande integrador final do ambiente interno (fisiológico, neuroquímico, neuroanatômico e componentes genéticos) e ambientes externos do animal (Daman, 1988).

Se um animal tiver uma necessidade, seu estado motivacional é instado de forma que respostas de comportamento e fisiológicas são prontamente executadas para atender a necessidade. Estas respostas de adaptação

dão liberdade ao animal para controlar e manter equilíbrio mental e corporal. O estado de adaptação inclui regulação normal do corpo e respostas de emergência, como aumento da atividade adrenal e batimentos cardíacos que requerem maior gasto de energia (Broom, 1988a). Para a resposta de emergência somente ações normais reguladoras não serão satisfatórias. O animal pode alcançar facilmente o êxito em suas tentativas de adaptação ao ambiente em que está inserido ou logrará-lo com muita dificuldade.

Tabela 5 - Freqüência das variáveis referentes aos indicadores de bem-estar de cães de estimação residentes na Região Administrativa da Pampulha - Belo Horizonte -MG -2007.

Variáveis	Classes	Freqüência relativa (%)	<i>n</i>
Índole	Manso	83,3	50
	Agressivo	16,7	10
Tranqüilidade	Tranqüilo	90	54
	Intranqüilo	10	6
IMMC ¹	Satisfatório	60	36
	Insatisfatório	40	24

¹ Índice de Massa Corporal Canina (Müller, 2007)

Tabela 6 - Perfil da condição corporal de cães residentes na Região Administrativa da Pampulha - Belo Horizonte- MG. 2007.

Perfil da população estudada		
Condição corporal	Freqüência relativa (%)	<i>n</i>
1 Abaixo do peso	21,6	13
2- Peso ideal	60,0	36
3- Acima do peso	16,6	10
4- Obeso.	1,7	01

Neste caso, quando os sistemas de controle são sobrecarregados há uma redução no potencial de aptidão física e o animal é considerado estressado.

O estresse é caracterizado por alterações comportamentais e somáticas que se manifestam quando o indivíduo é submetido às condições adversas de origem externa ou interna tais como: calor ou frio ambiental, exercício muscular intenso, excitação e ansiedade de caráter reprodutivo², choques traumáticos, doenças infecciosas, dor, medo, fadiga, nervosismo, ansiedade, frustração etc. O estado de estresse requer que animais apresentem uma resposta imediata que pode ser fisiologicamente cara (Apanius, 1998). Tipicamente, são mobilizadas reservas nutricionais e a aquisição de nutrientes é diminuída ou suprimida. Este regime fisiológico requer uma redução de processos fisiológicos que não são imediatamente vitais.

Nestes termos, o comportamento parece ter um pouco de autonomia em cima das necessidades fisiológicas subjacentes. Os animais que têm necessidades nutricionais motivadas por sentimentos de fome, o seu estado emocional poderá influenciar sua motivação. A qualidade de vida do animal depende do sentido que ele confere às coisas e dos seus sentimentos, e ambos estão associados ao seu estado fisiológico.

É importante considerar o cão como indivíduo, concebê-lo em suas

² No presente estudo, realizado em residência com apenas um cão, nenhuma fêmea encontrava-se no cio e somente um animal tinha acesso livre às vias públicas, portanto, não havia ensejo de estresse em razão de demanda reprodutiva.

características particulares. Isso significa que, apesar das características particulares. Isto significa que, apesar da raça, ele possui diferenças físicas, biológicas e psicológicas, explicadas por muitos fatores: genéticos, metabólicos e ambientais (aspectos culturais, hábitos alimentares e estilo de vida do proprietário). Tanto a obesidade quanto a desnutrição podem estar relacionadas com um ou vários desses fatores.

Os fatores constitutivos do animal são ativados quando ele recebe uma alimentação inapropriada. Uma dieta restritiva ou mal balanceada que não leve em conta as necessidades do organismo poderá ter efeitos danosos ao animal. A administração de ração comercial balanceada evita desequilíbrios na dieta que podem levar a problemas de saúde, tais como deficiências nutricionais específicas ou calórico-protéicas e o excesso de peso ou obesidade. A alimentação apropriada deve ser equilibrada e conter, pelo menos um nutriente de cada grupo alimentar: energéticos, construtores e reguladores. Se o animal recebe uma alimentação balanceada, brinca e pratica regularmente exercício físico, poderá evitar a deficiência nutricional, o enfado, e o sedentarismo, fatores considerados essenciais para a manutenção da condição corporal e a saúde.

O peso corporal abaixo do ideal pode levar o animal à desnutrição, uma deficiência que resulta de uma carência qualitativa ou quantitativa de proteínas, carboidratos, lipídios, vitaminas e sais minerais. Suas múltiplas causas podem interromper o processo de nutrição, desde a falta de ingestão de alimentos (desnutrição

primária) até a falta de utilização de nutrientes pelas células (desnutrição secundária). Este processo resulta em um ciclo vicioso do consumo inadequado de alimentos e aumento de doenças: perda de peso, crescimento deficiente, baixa imunidade, perda de apetite, má absorção do alimento e alterações importantes no metabolismo. Se o animal encontra-se em estado de estresse, o cortisol mantido em níveis altos poderá assumir um papel muito importante na vinculação da desnutrição com doenças crônicas.

No processo de perda de peso em um indivíduo bem-nutrido, a utilização de reservas de nutrientes é a primeira mudança metabólica durante um período de privação de alimento ou ingestão de dietas pobres. Uma vez as reservas de nutrientes como o glicogênio do fígado e a gordura do corpo prontamente disponíveis foram usadas, outros tecidos do corpo como músculo serão utilizados para prover a energia requerida para os processos metabólicos. O animal irá experimentar fome se o gasto energético for maior que a contribuição energética da comida que recebe. Juntamente com o déficit energético pode haver mudanças metabólicas associadas com a falta de um nutriente específico como um mineral, vitamina ou aminoácido essencial. À medida que o animal continua sentindo fome, fica magro e perde a higidez. O seu corpo não consegue funcionar efetivamente e, conseqüentemente o seu bem-estar é pobre (Broom e Fraser, 2007) porque diminui a sua habilidade de adaptação ao ambiente.

A desnutrição não pode ser considerada simplesmente como uma deficiência na ingestão ou metabolização dos alimentos posto que em sua etiologia pode haver o envolvimento de muitas outras variáveis responsáveis por outras conseqüências. As implicações da desnutrição vão além das conseqüências citadas. Outro aspecto da deficiência nutricional é a possibilidade de

comprometimento do comportamento no sentido fisiológico e comportamental. Quando a desnutrição retarda o crescimento notadamente, isso limita o estado social do indivíduo ou atrasa consideravelmente a atividade sexual e reprodutiva. Mesmo em animais adultos, a desnutrição pode ser suficiente para causar fracasso sexual e reprodutivo. A desnutrição pode também levar a alterações no sistema nervoso central (Dobbing et al., 1974) representadas por menor peso cerebral, redução da camada de mielina, menor número de neurônios, menor ramificação dendrítica, alteração em neurotransmissores.

O sobrepeso é um distúrbio nutricional mais comum em cães nos Estados Unidos, com uma prevalência calculada entre 24 a 34 por cento (Case, 1999; Lund et al., 1999; Landsberg et al., 2005). Hoje em dia, a obesidade é definida como uma acumulação excessiva de tecido adiposo do corpo em uma proporção superior a 20% do peso ideal do indivíduo. Ela representa uma das principais preocupações da Medicina Veterinária em animais de companhia. O tecido adiposo branco forma um órgão endócrino secretor de diversos fatores (adipocinas) que atuam como reguladores em diversos sistemas orgânicos. O desequilíbrio da função endócrina normal do tecido adiposo branco assume um papel importante no desenvolvimento e exacerbação de diversas perturbações associadas à obesidade, como a diabetes melito, doenças respiratórias, osteoartrite e neoplasia (German, 2006). A importância da obesidade, pois, procede do seu papel na patogênese de diversas doenças e da sua capacidade de acentuar o quadro de doenças pré-existentes.

As causas que contribuem à incidência de sobrepeso recaem principalmente sobre a mudança do estilo de vida mais sedentário e o consumo de rações comerciais altamente saborosas e com alta densidade

energética. Embora haja mais fatores predisponentes, a causa subjacente mais importante do sobrepeso em qualquer animal é o excesso de energia devido o desequilíbrio entre entrada de energia e o gasto de energia. Há uma relação inversa entre a densidade de energia de uma comida de cachorro e o volume de comida que deve ser consumida para satisfazer a exigência diária de energia.

Outros fatores de risco que poderiam contribuir para o desequilíbrio energético e o sobrepeso seriam segundo Harvey (2006): raça, idade, sexo, esterilização, nível de atividade, doenças endócrinas, fármacos e tratamentos contraceptivos, tipo de dieta e o regime de alimentação, fatores sociais e número de animais. Independentemente da raça e temperamento do cão o proprietário deve ser cauteloso com a quantidade e a qualidade de alimento oferecida ao seu cão. A necessidade de energia é maior antes de o animal atingir a maturidade e diminui com o avanço da idade e o estilo de vida dos animais. Se a entrada de energia não for diminuída adequadamente, cães adultos e idosos podem ganhar excesso de peso. Assim, as dietas de cães devem ser formuladas para uma idade particular, nível de atividade e fase de vida. Animais, jovens, adultos, idosos, trabalhadores, praticantes de exercício intenso e fêmeas prenhes, apresentam necessidades energéticas diferentes e, portanto, precisam se alimentar com dietas com diferentes níveis de densidade calórica. O proprietário deve seguir as recomendações do fabricante da ração comercial e orientar-se com o médico veterinário sobre a preparação e a quantidade de comidas caseiras e petiscos altamente energéticos oferecidos ao animal. As rações comerciais secas tipo 'premium' contém uma alta concentração em lipídeos que contribuem para a palatabilidade e a densidade calórica do alimento. Rações comerciais altamente saborosas administradas *ad libitum* podem

concorrer ao desenvolvimento e a manutenção do sobrepeso pelo seu alto consumo.

Cães que se alimentam *ad libitum* debaixo de condições normais tendem a freqüentemente comer pequenas refeições ao longo do dia. O monitoramento da entrada diária de comida de um cão é mais seguro quando realizado através da alimentação oferecida através de porções, mas, a alimentação *ad libitum* pode ser usada se o cão conseguir realizar a autorregulação e manter o peso corporal normal. Porém, os mecanismos de controle interno que governam entrada de energia podem ser anulados através de fatores externos como palatabilidade e densidade calórica do alimento, exercício inadequado, doença e enfado. A inatividade para alguns animais pode levá-los a superar o enfado através da ingestão de comida. Como foi visto anteriormente, brincar e passear com um cão são compromissos importantes do proprietário para satisfazer suas necessidades comportamentais específicas da espécie e proporcionar saúde física e mental. Percebe-se, então, que o provimento adequado de alimento deve estar associado à satisfação das necessidades recreativas e ao exercício diário para manter uma boa condição emocional e corporal e promover sua saúde. Oliveira (1983 p.236) salientou que a

desnutrição tem seus efeitos intensificados pelo isolamento ou baixa estimulação e que muitos comportamentos alterados pela desnutrição podem ser recuperados pela estimulação ambiental.

Muitos proprietários, por ter uma sólida ligação emocional com o seu cão, lhe proporcionam uma refeição apetitosa e saudável, contudo, não percebem que o cão vivendo confinado em um ambiente doméstico, raramente se exercitando e se alimentando com uma dieta de alta densidade calórica pode ficar mais

propenso a apresentar um peso corporal acima do ideal. É provável que esses animais não vivam tanto quanto os de peso normal. Como em humanos o sobrepeso e a obesidade estão associados com numerosos riscos de saúde. Os animais cansam-se mais e apresentam maior probabilidade de sofrerem problemas cardíacos, respiratório, circulatório, do esqueleto e do sistema de locomotor (Case, 1999). A diminuição da habilidade para brincadeiras, e intolerância ao exercício, enfim, para uma vida ativa, pode afetar negativamente a qualidade de vida do cão e o seu bem-estar. Estes distúrbios secundários, em geral, não se manifestam de imediato com o início do quadro de sobrepeso, contudo, é fundamental que os proprietários estejam cientes que o excesso de peso não é uma simples questão de ordem estética, mas um problema passível de ser corrigido com rigor.

Na maioria das vezes, não é muito difícil determinar a razão para o sobrepeso, talvez a ingestão alimentar excessiva decorrente, sobretudo, do comportamento antropomórfico do proprietário, o excesso de generosidade e as práticas equivocadas de alimentação sejam as causas preponderantes desse distúrbio nutricional. German (2006) assinalou que

a obesidade é uma preocupação crescente em animais de companhia e o aumento da sua incidência parece espelhar a tendência observada no ser humano.

Por falta de conhecimento específico, os proprietários muitas vezes têm dificuldade em acreditar que estão superalimentando seus animais. A alimentação apropriada requer além de conhecimento sobre a criação racional do cão, uma mudança filosófica fundamentada na intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade peculiar à criação do animal, e apreendê-la em sua totalidade. Somente

assim será possível conceber o cão como um ser dotado de sentimento e necessidades fisiológicas que devem ser reconhecidas e atendidas conforme os critérios científicos vigentes.

Índole

A maioria da amostra (83.3%) era de animais mansos. Apenas 16,7% foram considerados agressivos pelos proprietários e pela pesquisadora. O animal agressivo, de um modo geral, não estava presente por ocasião da chegada da pesquisadora; encontrava-se preso por corrente, isolados em um canil ou mantido em um cômodo da residência para evitar ataques. Os proprietários apresentavam receio ao conter o cão, o qual mesmo após ser amordaçado tentava morder os familiares e a pesquisadora.

Todo comportamento depende da herança genética, contudo, algumas disposições genéticas para se desenvolverem necessitam de um ambiente satisfatório. O comportamento, por exemplo, é o resultado da disposição genética dos animais mais a influência do ambiente. Todo o comportamento é o produto da interação entre genes e o ambiente. Se a inibição ou a promoção de um comportamento de um animal pode ser promovida por meio de ambientes apropriados ou impróprios, há certos genes que permitem o desenvolvimento de um comportamento específico sob condições específicas, porquanto, nenhum cachorro possui somente genes agressivos e nenhum cachorro possui somente genes responsáveis pela expressão da mansidão. O cão desenvolve o comportamento agressivo sob a influência genética em um ambiente propício.

A agressão, como a alimentação depende de fatores internos e externos. Alimentação é um comportamento típico controlado por fatores internos. Um animal saciado pode

começar a comer ao ver outros animais comerem pelo processo de facilitação social. A expressão do comportamento depende obviamente da variação do estado interno do animal, mas depende em grande parte das mudanças do mundo externo e, geralmente, está associada à combinação desses fatores. Os níveis de influência dos fatores internos podem com o tempo aumentarem ou diminuir, dependendo da ação de outros fatores causais que concorrem para o sistema motivacional. Se a motivação aumenta com o passar do tempo, a produção de comportamento seria explicável pela variação de fatores internos. A agressão embora dependa em grande parte de fatores internos (testosterona), a motivação pode aumentar em função do tempo e, neste caso, o entendimento do comportamento do animal dependerá da distinção das causas de tal aumento. Os fatores internos que atuam gerando certo estado motivacional assumem grande importância para o estudo do bem-estar conduzido por etologistas.

Para perceber os fatores causais que concorrem para o sistema motivacional do cão, é necessário, antes, conhecer um pouco da sua função em nossa sociedade. Estes animais possuem muitos atributos que os permitem cumprir o papel de companheiros íntimos dos humanos. Esta atribuição foi sendo construída a partir da adaptação do seu antepassado selvagem ao convívio humano. Através do processo de domesticação foram selecionadas geneticamente certas características físicas e de comportamento: diminuição ou aumento do seu tamanho, diminuição da agressividade, enfim, a domesticação transformou-o em animal de companhia. Não obstante, alguns cães ao apresentarem um comportamento problemático interferem na qualidade da interação que se desenvolve entre ele e as pessoas do grupo familiar. Os problemas mais comuns não são, necessariamente, resultados do comportamento anormal do cão ou do

proprietário, mas a consequência da relação entre eles (Marder e Marder, 1985).

A despeito dessa convivência ser milenar, os cães altamente socializados ainda mantêm relações de domínio e subordinação que podem levá-lo a exibir certo grau de agressividade. O controle desse comportamento pode ter bastante sucesso se o cão é exposto a pessoas e a outros animais durante o período de socialização primária. A tendência da maioria dos cães de respeitar o estado dominante dos membros familiares ajuda a garantir o benefício mútuo da relação homem-animal. No entanto, alguns cães conseguem dominar um ou vários membros da família, exibindo comportamento agressivo para afirmar sua posição na hierarquia sócia da família. Este tipo de comportamento considerado normal entre os cães é inadmissível em uma família humana.

Muitos proprietários não previnem o desenvolvimento da agressividade de seus cães e inclusive, em certas circunstâncias, podem encorajar ativamente ou inadvertidamente a agressividade. A prática de restringir os movimentos do cão agressivo através do confinamento em canil, mantê-lo preso por uma corrente ou amordaçá-lo, pode comprometer sobremaneira o seu bem-estar. Esta situação pode ser evitada se os proprietários se comprometessem em educar corretamente o seu cão e/ou lhe proporcionasse aulas de treinamento ao assumirem a propriedade do animal. Alguns cães são muito mais difíceis de serem treinados que outros, e neste caso, o proprietário poderia pedir auxílio a um veterinário ou outro especialista em comportamento animal. Todos esses caminhos são válidos, no entanto, a redução da agressividade geralmente relacionada ao domínio social, inclui aumentar a interação entre o proprietário e o seu cão. Esta interação constituída de afagos, carícias, brincadeiras, corridas e

passeios, deverá ser sempre iniciada pelo proprietário a fim de estabelecer a hierarquia e evitar um comportamento excitável e requisitante de atenção.

Independente da causa que levou o cão a tornar-se agressivo, os proprietários serão sempre os responsáveis pelos atos de seus animais e não o contrário (Jagoe e Serpell, 1996). O que determina a índole ou o comportamento de um cão não depende exclusivamente da raça, se ela é agressiva ou mansa, mas também, e principalmente, do modo como esse cão foi criado e treinado.

Não se pode perder de vista que o cão como um animal social vive em grupo, onde normalmente tem uma ordem de posição nesse grupo. Esta ordem de posição é útil para a sobrevivência de cada componente do grupo, e tanto os agressivos dominantes quanto os mansos dominados, desenvolvem várias expressões de emoções. A agressão de defesa pode ser resposta a estímulos que levam à evitação freqüente, à irritação e/ou ao medo. As expressões de agressão e medo, intimamente relacionados, são fatores influentes do ponto de vista psicótico-fisiológico (Abrantes, 1987). Dependendo da intensidade e da freqüência que esses animais expressam a agressão ou o medo, podem tornar-se neuróticos. Este estado compromete a relação homem-animal, desfavorece as tentativas do animal em se adaptar ao ambiente onde vive e afeta sobremaneira o seu bem-estar.

Qualquer problema de comportamento tem uma relação muito próxima com o bem-estar dos animais de companhia porque eles não só afetam diretamente o animal, mas podem também levar o dono a tratar inadequadamente o animal, castigá-lo, abandoná-lo ou até mesmo submetê-lo à eutanásia (Podberscek, 2006).

Neste estudo, somente 16,7% dos animais apresentavam agressividade despropositada. Entre os 10 cães agressivos, seis deles eram SRD (sem raça definida), dois eram Poodles, um era Basset e um Pinscher. Este resultado suscita considerações muito importantes. A maioria desses proprietários dizem se preocupar com a educação seu cão estabelecendo limites para uma boa convivência, mas, infelizmente, devem existir outros fatores a serem descobertos que impedem uma relação saudável fomentadora de bem-estar.

Estado de tranqüilidade

Noventa por cento dos cães foram considerados tranqüilos por ocasião da entrevista. Esta cifra é muito promissora para a caracterização do bem-estar adequado, contudo, como já explicitado, a caracterização do bem-estar necessita estar respaldada em vários indicadores para evitar conclusões imprecisas da realidade.

O comportamento do cão durante o seu crescimento se desenvolve em certas fases sob condições ambientais particulares. Isto dá um relevo especial ao fato que as características fenotípicas ou genéticas não estão herdadas em um sentido restrito, mas são sempre desenvolvidas sob as influências de fatores genéticos e ambientais (Scott e Fuller, 1997)

Os cães de estimação por viverem naturalmente a maior parte de suas vidas na companhia de um grupo familiar são tratados como pertencentes a esse grupo. Eles se comunicam utilizando uma linguagem corporal pouco compreendida pelas pessoas por ser extremamente complexa e sutil. São extremamente sensíveis às ações, aos gestos e ao tom de voz das pessoas com quem convivem (O'Farrel, 1987). Rapidamente aprendem a interagir com os humanos evocando respostas aos seus anseios, tornando a

interação social uma recompensa afetiva para ambas as partes.

Estes animais, freqüentemente, ficam muito ociosos durante o dia, mas devido a sua natureza, necessitam de um ambiente rico e variado para manterem-se atentos. Os proprietários precisam estar precavidos de problemas de comportamento resultantes da ausência de estímulos auditivos e visuais que prejudicam o equilíbrio emocional, mas devem, ao mesmo tempo, estar atentos em encontrar um meio termo entre a ausência total de estímulos e a solicitação excessiva responsável por estresse.

Os esforços do cão para se associar aos outros cães e aos humanos demonstram a importância da interação para seu bem-estar. Quando não conseguem satisfazer-se com os estímulos que lhes são proporcionados e experimentam ansiedade, sua adaptação ao ambiente torna-se mais difícil. Nesta situação os animais ficam transtornados e exibem comportamentos anormais confirmados amplamente pelos proprietários. Depressão, por exemplo, pode ser a consequência do pouco controle que o indivíduo tem sobre ambiente difícil ou hostil, levando-o certamente ao bem-estar pobre e a possíveis consequências patológicas. A resposta do sistema neuroendócrino varia de acordo com desafio ambiental (Griffin, 1989) e de como os indivíduos percebem o desafio. Mudança no sistema imune em resposta ao estresse pode resultar em aumento da produção de glicocorticóides e outros hormônios moduladores do sistema imune e afetar a suscetibilidade de um animal a diferentes patógenos (Gross e Colmano, 1969).

As condições ambientais pouco propícias ao cão podem ameaçar sua estabilidade mental ou corporal. A adaptação dificultada envolve freqüentemente respostas fisiológicas ou comportamentais

anormais com consequências não desejadas como medo e ansiedade, comprometendo o seu estado de tranqüilidade. Nestas circunstâncias se a adaptação for malsucedida, o animal pode experimentar estresse e, conseqüentemente, seu bem-estar ser muito pobre.

Baxter (1988a) distingue algumas exigências ambientais como estimuladoras de necessidades psicológicas que levam o animal a expressar comportamentos anormais. Segundo ele, em termos de sistema motivacional, o indivíduo poderia confrontar-se com quatro estados em um determinado momento. No primeiro estado, o animal teria comido logo após a manifestação de fome. O sentimento de fome não representaria nenhuma demanda na atenção do animal. Neste caso, a motivação está em um estado nulo. No segundo estado o animal sente fome de intensidade que varia de moderado a intenso, e durante este tempo se alimentaria de comida se estivesse disponível. O terceiro estado a fome torna-se intensa porque a alimentação não foi possível durante algum tempo. Neste estado o animal só pensa em comer e o seu intenso apetite não sendo satisfeito, o levará a executar outros padrões de comportamento relativos a atividades de deslocamento como beber água ou comportamento exploratório. Estes seriam considerados comportamentos anormais porque não atendem a motivação inicial. Este exemplo serve para qualquer outro tipo de motivação. No quarto estado, o comportamento torna-se obsessivo em resposta ao não cumprimento de uma necessidade e o sistema de motivacional sofre dano permanente.

O estado de intranqüilidade, caracterizado por ansiedade, excitabilidade e constante atividade, pode ser resultado do não atendimento de suas necessidades comportamentais, acrescido do comprometimento de seu sistema

motivacional. De outro modo, um comportamento anormal evidencia que uma necessidade comportamental ou psicológica não foi cumprida. Este comportamento é considerado como um sinal de alarme, enquanto revelando um desequilíbrio entre o animal e seu ambiente. Neste caso, a solução seria observar a motivação do animal e atender a sua necessidade, seja ela de interação, atividade física ou exploração de ambientes novos.

O'Farrel (1987) apoiada em teorias e técnicas em psicologia humana adverte que as pessoas tendem a concentrar todos os esforços de resolução do problema de comportamento somente na mudança de comportamento do cão, esquecendo-se de considerar a relevância da personalidade e das atitudes do proprietário para com a conduta do cão. Para a pesquisadora os donos estão envolvidos emocionalmente e responsáveis, e os proprietários que são vistos como pessoas estranhas ou neuróticas, cujo comportamento causou de alguma forma efeito adverso ao cão. Sugeriu que alguns problemas de comportamento poderiam ser classificados como "atividades de deslocamento", comportamento executado fora de contexto, em situações de alta estimulação ou conflito. A conexão mais plausível entre estas duas variáveis, neurose do proprietário e atividades de deslocamento do cão seria devido à maior ansiedade do proprietário que induziria a excitação do cão. As correlações entre variáveis demonstraram que atitudes do proprietário devem ser levadas em conta ao se tratar problemas de comportamento, no entanto, elas não podem refletir a sutileza das interações entre o proprietário com seus familiares e o animal de estimação. Neste contexto, haveria a necessidade de lançar mão de recursos da psicologia clínica e da psiquiatria, pois as dificuldades interpessoais representadas pelos conflitos entre familiares podem tornar o cão uma

intelectualmente com o seu cão. Os proprietários emocionalmente envolvidos gostam de seus animais de estimação por eles serem dependentes, serem capaz de amá-lo e mostrar-se exclusivamente preso afetivamente, enquanto os proprietários intelectualmente envolvidos gostam de seus cães por eles serem inteligentes, obedientes e independentes. Proprietários que são muito ligados emocionalmente aos seus cães tendem a oferecer-lhes quitutes, alimentá-los com comidas especialmente preparadas para eles e, podem deixar o animal dormir em seu quarto.

A autora ao analisar as correlações entre variáveis, distinguiu duas categorias de proprietários: os proprietários vistos como pessoas normais, razoáveis, normais que tiveram o infortúnio de possuir um cachorro com um problema para o qual eles não são

vítima. Se há o comprometimento de sua estabilidade física e mental, o animal pode se comportar de modo anormal. Igualmente, a falta de empatia pode tornar os familiares menos tolerantes com o comportamento inaceitável do cão. Um tratamento próspero se basearia na redução do nível de ansiedade geral do cão e aumento da tolerância do proprietário. Estimular fisicamente e mentalmente o animal, dispensar atenção e afeto em lugar de estar sempre ralhando ou castigando-o, pode evitar problemas de saúde e comportamentais e, conseqüentemente, favorecer o seu bem-estar.

4.6 Progressividade e atitude

Os dados do questionário (anexo 5) ao serem submetidos à fórmula matemática transformaram-se em índices utilizados na caracterização de cada proprietário segundo a progressividade (P_k) e a atitude (A_k). A representação gráfica de P_k contra A_k de todos os 60 proprietários está baseada nas 24 questões elaboradas para

caracterizar os proprietários como progressista ou tradicional, possuidor de atitude positiva ou possuidor de atitude negativa. (Figura 2). A maioria dos índices ficou situada encima de um lado do eixo de “y” imaginário. Isto significa que a maior parte dos proprietários foi classificada como progressista e com atitude positiva em relação ao bem-estar animal. Os conservadores foram poucos ($n = 5$) e não houve representação de um universo de atitude negativa.

Em razão da variação da escala de Likert ser muito ampla para representar a distribuição da frequência de respostas de proprietários a cada questão, as sete possíveis respostas da escala foram agrupadas em apenas três – concordo,

discordo e não tenho opinião formada. Na Tabela 7, pode-se observar a distribuição da porcentagem de respondentes que concordaram, discordaram ou não tinham opinião formada sobre as questões referidas à progressividade e atitude em relação ao bem-estar animal.

O alto índice de concordância com a primeira questão (58,3%) “O cão é um animal, deve ser tratado como qualquer outro animal de criação” demonstra a percepção conservadora que mais da metade dos proprietários têm do seu animal de estimação. O cão moderno não é um animal doméstico como outro qualquer. Ao estar participando da vivência humana há

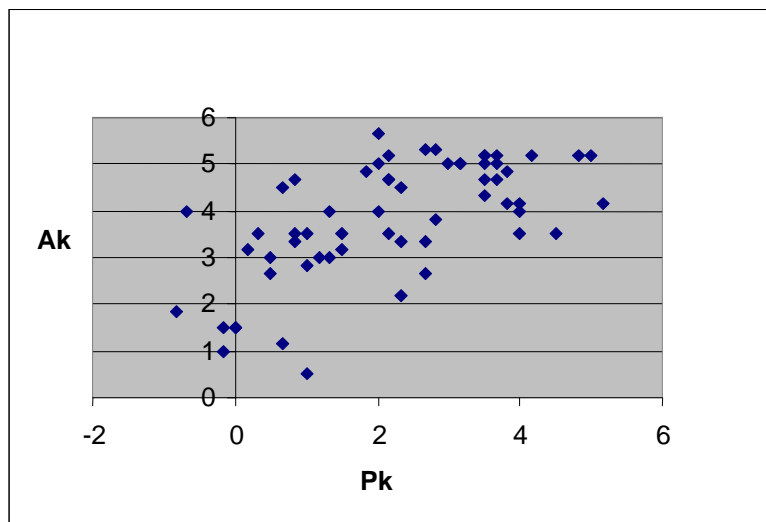


Figura 2 - Representação gráfica dos proprietários de cães segundo as coordenadas de atitude e progressividade.

aproximadamente 14 mil anos, quando o cão evoluiu não só fisicamente, mas também em sua faculdade cognitiva e emocional. Ele é capaz de perceber cada nuance na voz ou gesto das pessoas e reagir em conformidade. O cão de estimação atual está altamente integrado à sociedade humana, a preocupação com o atendimento de suas necessidades físicas e psicológicas tornou-se algo imprescindível para a

manutenção do seu equilíbrio emocional e, por conseguinte, o seu bem-estar. Tratar o companheiro canino como qualquer outro animal de criação incorreria no risco de comprometer o seu bem-estar.

Igualmente, 58,3% dos proprietários concordaram com a terceira e quarta Questões: “Eu sou um proprietário tradicional. O conhecimento adquirido

Tabela 7. Frequência relativa de respondentes que concordaram, discordaram ou não tinham opinião formada sobre as questões referidas à progressividade e atitude em relação ao bem-estar animal

Questões	Respondentes (%)		
	Concorda	Discorda	Não sabe
Tradicionalismo			
1	58,3	41,7	–
2	13,3	85,0	1,7
3	58,3	41,7	–
4	18,4	81,6	–
5	79,9	19,9	–
6	86,7	13,3	–
Atitude negativa			
7	26,6	73,4	–
8	13,4	86,6	–
9	18,3	81,7	–
10	85,0	15	–
11	20,0	80	–
12	6,70	58,3	35,0
Progressividade			
13	100	–	–
14	98,3	–	1,7
15	98,3	1,7	–
16	81,7	3,3	15,0
17	93,4	3,3	3,3
18	61,7	8,4	30,0
Atitude positiva			
19	96,7	3,4	–
20	96,6	–	3,3
21	98,3	–	1,7
22	100	–	–
23	100	–	–
24	100	–	–

durante a minha vivência é suficiente para criar corretamente o meu cão” e “Instruir-me sobre como promover o bem-estar animal, não tornaria melhor a minha convivência com o meu cão”. Se os estudos referentes ao comportamento e bem-estar animal iniciaram-se apenas há algumas

décadas e, todavia, não estão integrados ao currículo de todas as escolas de veterinária do mundo e menos ainda, de nosso país, como poderiam esses proprietários considerar a sua vivência suficiente para criar corretamente o seu cão? A humanidade encontra-se em um momento

importante no que diz respeito a relação o homem preocupa-se com sua conduta em relação aos animais de produção e estimação, o cão, em muitos lares, conquista o *status* de membro da família. No entanto, não é suficiente tencionar o cuidado apropriado ao seu animal com os padrões assimilados durante a vivência pretérita, é necessário acompanhar a grande modificação do *status quo* desse animal de estimação.

As respostas dadas às questões, sete e nove, mostram não haver um pensamento lógico de alguns dos proprietários entrevistados. Ao mesmo tempo que 58,3% considera o conhecimento adquirido durante a vivência suficiente para criar corretamente o seu cão, 73,4% discordam da seguinte questão: “O conhecimento sobre característica da raça e comportamento animal não é importante para se criar corretamente um cão”. Em virtude de esta questão ser elaborada sob a forma negativa para avaliar a atitude negativa, logo após a leitura a pesquisadora a refazia sob a forma de pergunta: “O senhor acredita ser importante o conhecimento sobre característica da raça e comportamento animal para se criar corretamente um cão? A resposta afirmativa indicaria discordância da questão anterior. Este procedimento foi realizado com todas as demais respostas negativas a fim de evitar problema de entendimento e, conseqüentemente, dúvida a respeito da resposta. Desta situação pode-se depreender o seguinte: os proprietários que concordaram com a terceira questão e discordaram das questões sete e nove, reputam importância ao conhecimento adquirido durante a vivência, no entanto, acreditam igualmente que a aquisição de informações sobre o bem-estar, o comportamento e a característica da raça, assume grande importância no sucesso da criação do animal. Da mesma forma, as respostas à questão onze demonstram que

homem-animal. Ao mesmo tempo em que 80% dos proprietários preocupam-se com a educação do seu cão.

Oitenta e cinco por cento dos proprietários consideram a promoção do bem-estar do seu cão algo que lhes custa muito dinheiro e lhes toma muito tempo (pergunta 10). O alto índice de respostas revela que a atual conjuntura concebida como nova forma de convivência com o cão, remete o proprietário a uma preocupação com o bem-estar do animal. Todavia, por não perceberem a inter-relação homem-animal como simbiótica, em que ambas as partes são beneficiadas, divisam na relação custo-benefício somente os dividendos obtidos com a convivência. Esta conjectura é apoiada nas respostas dadas às questões 15 e 16, onde mais de 90% dos proprietários concordaram que a relação homem-animal traz benefícios para a saúde e qualidade de vida do homem e que os animais podem atuar como co-terapeutas.

Case (1999) assinala que os benefícios de saúde proporcionados pela propriedade de um animal de estimação não estão associados necessariamente ao estilo de vida mais saudável nem aos atributos dos proprietários que escolhem compartilhar suas vidas com os cães. A condição de pertença de um cão por si só pode oferecer importante benefício à saúde.

Na sexta questão, a grande maioria dos proprietários (86,7%) concordou com “A promoção ao bem-estar animal leva ao consumismo”. Um proprietário progressista apesar de estar aberto à mudança não precisa necessariamente transformar-se em um consumista para atender às necessidades de seu cão. Porquanto, o consumismo é uma noção conservada na tradição de algumas pessoas que afeta não só a criação de seus filhos, mas também de seu cão. Os animais precisam de atenção, carinho e respeito e não de uma grande variedade de brinquedos, roupinhas e quitutes.

As questões 12 e 18 mostram a importância do movimento mundial a favor da causa animal e da informação midiática para o bem-estar animal. Exatamente 58,3% dos proprietários acreditam que a defesa à proteção e ao direito animal não é modismo, e sim estratégias sérias estabelecidas por movimentos organizados mundialmente. Em contrapartida, 35% não têm opinião formada sobre o assunto. As respostas à questão 18 revelam que 61,7% dos proprietários acreditam que os protestos organizados mundialmente influenciam positivamente o relacionamento com o seu cão.

Cem por cento dos proprietários (pergunta 21) crêem que os animais são seres sencientes, capazes de sentir os mesmos sentimentos experimentados pelos seres humanos. Exatamente 98,3% têm ciência da existência de direitos dos animais (pergunta 22).

As respostas relativas às atitudes positivas (perguntas 19 a 24) mostram uma discrepância entre o posicionamento da maioria dos proprietários e o resultado obtido pela classe de variável 'bem-estar adequado'. Exatamente 98,3% dos proprietários concordaram que promover o bem-estar animal significa também se preocupar com a sua saúde física e mental, no entanto, somente 43,3 % dos cães experimentavam o bem-estar. Como pode ser visto na figura 2, não há nenhuma representação de atitude negativa e apenas 8,3% dos proprietários foram caracterizados como conservadores. Assim, de acordo com este ensaio, pode-se afirmar que as atitudes e a progressividade dos proprietários, por si só, não são fatores determinantes para a promoção do bem-estar animal. A hipótese foi rejeitada. Este resultado abre caminho a reflexões, pois quando se aceita um resultado como uma premissa deve-se admitir também as conclusões dela derivadas. Porque os altos índices de atitudes positivas e

progressividade dos proprietários não são capazes de proporcionar alto índice de bem-estar aos animais? Que fatores explicariam a discordância entre os altos índices relativos à tendência de comportamento encerrado nos princípios ou opiniões dos proprietários sobre o bem-estar e o resultado obtido?

Para tentar responder a essas perguntas, primeiramente, tentar-se-á esclarecer o que é um pensamento atitudinal.

John Dewey (1959) conceitua o pensar como uma técnica operativa por meio da qual a inteligência atua sobre a experiência com o propósito de conhecê-la ou transformá-la. Estar ou não atuando sobre a experiência com uma finalidade é que vai decidir a qualidade de uma forma de pensar. Ao expressar-se através de suas atividades, o sujeito demanda pelo menos dois níveis de pensamento - o atitudinal e o operativo. Ao criar "pensamentos" numa atitude indiferente ou submissa para a realidade, não está propriamente pensando. A atitude é um complexo de escolhas que se tem quase como um patrimônio natural. As atitudes chegam ao sujeito naturalmente ao pensar, anteriores ao pensar, por detrás do pensar (Dewey, 1980).

Independente do grau de informação e sofisticação intelectual, o pensamento é qualificado por atitudes que se adquire culturalmente. A investigação do pensamento atitudinal irá examinar quais as opções categóricas que são produzidas e transmitidas na cultura em que vive o sujeito pensante. Suas atitudes formam um corpo de pensamentos básicos que antecede e determina a qualidade do pensamento operativo do sujeito. É um equívoco aceitar a crença segundo a qual a aquisição de conhecimentos teria o poder de aumentar a qualidade do pensamento operativo do sujeito. O real comportamento pensante das pessoas em suas atividades decisórias revela o nível do seu

pensamento básico e a qualidade do uso operacional que ele está fazendo das informações que acumulou através de sua vivência. Este nível irá determinar a facilidade ou dificuldade da intervenção do sujeito pensante no contexto onde vive.

As pessoas vão adquirindo, desde a infância, uma conformação a tudo que seja adjetivado de normal. Diante deste acatamento passivo, vai se produzindo nelas uma atitude que anula suas potencialidades de ingerência operativa, dificultando seu discernimento sobre o que é ou não normal. Nesta situação desenvolvem pensamentos atitudinais que dificultam as mudanças necessárias. O pensamento operativo pode estar alheio à realidade, não havendo intervenção na situação estabelecida (Dewey, 1959).

O proprietário do cão a despeito de concordar com atitudes positivas pode assumir uma atitude de espectador diante dos desafios concernentes à criação do animal e encontrar dificuldade para transitar do conhecimento para a consciência que gera ação. A morosidade nos circuitos internos da consciência revela-se através de comportamento típico do espectador que jamais chega a ser protagonista. Não percebe a situação como desafiadora, carente de transformação. Quando consegue identificar o problema, não se envolve, mas trata de subestimá-lo e encontrar algum responsável. Este tipo de atitude é naturalmente adquirido pela cultura, ao passo que as atitudes operantes são conquistadas mediante a dedicação constante. Trata-se de um estilo filosófico que leva o sujeito pensante a envolver-se. O princípio desta postura é um sentimento ou um senso de responsabilidade que incita o sujeito pensante a perquirir e a empenhar-se de forma crítica diante da realidade. A conscientização do proprietário de seu papel interventor é a primeira atitude mental favorável à promoção do bem-estar adequado de seu

animal. A segunda seria o questionamento vivencial de atitudes comprometedoras, paralelamente ao cultivo de atitudes estimuladoras.

A promoção do bem-estar do cão, portanto, não é simplesmente querer, concordar ou discordar. É uma decisão vigorosa, que precisa de conhecimentos específicos periodicamente confrontados e realimentados.

Um outro aspecto de grande relevância a ser considerado em relação ao proprietário, intimamente ligado ao bem-estar animal, é o processo de cuidar. É necessário identificar o que move o comportamento daquele que conduz esse processo. Cuidar é uma atividade que implica algum tipo de responsabilidade e compromisso contínuos (Tronto, 1997), é mais que um ato, é uma atitude de preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (Boff, 2003). O cuidado traz implícito o sentido de diligência, desvelo e atenção ao fazer-se algo. Nele identificam-se os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver (Boff, 2003). A ação própria dos cuidados cotidianos é de sustentar a vida, provendo-a de energia de natureza física, afetiva ou psicossocial. Os cuidados fundamentam-se nos hábitos de vida, nos costumes e nas crenças.

Cuidar de alguém ou de um animal de estimação requer estar presente física e emocionalmente, com a preocupação de compreender e auxiliar o outro; satisfazer suas necessidades e proporcionar-lhe bem-estar. Como um fenômeno que ocorre no mundo real das vivências, o cuidado dispensado a um cão por envolver uma relação com humanos encerra todos os potenciais e limitações de cada participante. O proprietário age sobre o cão assim como o cão age sobre o proprietário. Um e outro têm, no mundo da vida, a possibilidade de proporcionar mudanças e um crescimento mútuo.

Para alcançar o que motiva o comportamento do proprietário é necessário elucidar seu argumento de vida, o guia das motivações básicas para as interações sociais. Para Berne (1988) o argumento de vida é um projeto elaborado na primeira infância, sob ingerência dos pais, que governa a conduta do indivíduo nos aspectos mais importantes de sua vida. Ao se descobrir as crenças básicas referentes ao argumento de vida podem-se identificar as crenças relativas aos cuidados cotidianos e habituais de vida, como o cuidado é vivido e estruturado no cuidador.

As crenças, os sentimentos e os valores positivos são fundamentais no favorecimento da qualidade de vida da pessoa. Elas orientam os pensamentos e as opiniões, e, conseqüentemente, as realizações pessoais. Quando o desenvolvimento da personalidade proporciona bem-estar, o indivíduo tem percepção exata de si e dos outros e as crenças são coerentes com a realidade. Nestas pessoas saudáveis que valorizam as coisas belas da vida as crenças são submetidas a processo de constante reorganização.

As crenças culturais ao cumprirem uma função social desvelam o poder simbólico na estruturação de condutas das pessoas em relação às manifestações e aos cuidados dispensados ao outro. (Loyola, 1984). Os hábitos de vida assim como as crenças, ligam-se aos valores e estes formam uma categoria especial de convicção íntima que revela a importância de algo para a pessoa. A crença em conceitos e valores falsos e distorcidos predisporá a adoção de um estilo de vida para justificar o condicionamento adquirido. Os valores dão sentido à vida e o sentido é encontrado ao se perscrutar a serventia de algo e o bem derivado dele (Kretschmer, 1990). Os valores de uma pessoa e o sentido de sua vida determinam o seu desempenho nas múltiplas tarefas do seu dia a dia. Os

valores e as crenças são transmitidos por herança cultural e são suscetíveis de modificação e o sentido é reprogramado em atitudes melhores e mais eficazes (Chung, 1997). Cada grupo cultural possui um argumento padronizado ao interagir uns com os outros e para cuidar de si e do outro, segundo a sua prioridade de vida. A vida e o bem-estar são responsabilidades de cada um. Depende da realidade interior e de mecanismos com os quais a pessoa consegue ler o mundo ao agir sobre ele. Se a sua prioridade de vida é o próprio bem-estar, se esforçará em alcançá-lo igualmente para o outro submetido aos seus cuidados (Berne, 1988).

Todas as ações são conseqüências do argumento de vida, que serve de referência mental. Se a pessoa vive em equilíbrio psicoemocional e acredita no seu valor pessoal, conseqüentemente aumentará a sua auto-estima e autoconfiança. A consciência do próprio valor favorece o cuidar de si e do outro com sabedoria, responsabilidade, consideração e amor. Em contrapartida, a desordem interior gera sofrimento na esfera emocional e um estado de desassossego íntimo e de desamor a si próprio (Silva, 1994). O bem-estar biopsicossocial, pois, dependerá da mente saudável com crenças de valorização da vida, e o seu modo de viver influenciará o cuidado dispensado a si próprio e aos outros. Assim, o bem-estar do cão está atrelado ao modo de viver e ao bem-estar do proprietário e de sua família.

Outra possível explicação para essa aparente incoerência entre progressividade/atitude versus bem-estar estaria fundamentada na reflexão de Amatuzzi (2001) sobre o distanciamento ou distorção da verdade. Segundo o autor, aquilo que uma pessoa pensa de si mesma (autoconceito) pode funcionar como um filtro para a expressão do vivido. Se a pessoa se imagina de tal forma que determinadas experiências subjetivas ou

intencionais fiquem excluídas, então não têm como dizê-las ou apresentá-las adequadamente. Distorce-as então. A pessoa que desenvolve um sentimento de ser cumpridora de seus deveres, dificilmente se conscientizará de uma negligência. Isto acontece porque a negligência é incompatível com a minha imagem de cumpridor de meus deveres. A sua resposta então, distorce um pouco a verdade das coisas. Principalmente quando a verdade não é muito favorável a seu respeito. Esta distorção pode sobrevir por motivos individuais, mas também pode acontecer por motivos culturais.

O eu do indivíduo, integra à esfera social onde vive assim como o seu pensamento e sua consciência que lhe ministra padrões através dos quais o incita a pensar em si ou pensar o contexto situacional. Estes padrões podem ser limitados quanto à captação precisa da sua experiência. A relação homem-animal vivenciada e preconizada por legislação no ocidente, por exemplo, não é igualmente aplicada na China, onde cães são criados com o objetivo de servirem de alimento ao homem. Padrões culturais podem influenciar a percepção dos fatos e definir o modo como são vistos ou expressados. Tanto os padrões individuais relativos ao autoconceito, como os socioculturais incorporados do meio ambiente, são resultantes da adaptação do viver. Eles definem o indivíduo de modo rígido ou flexível. A rigidez de padrões leva o indivíduo a criar hábitos de pensar, que podem distanciar-lo dos fatos ou da experiência vivida como eles são. Em certas situações tem relação com a facilitação das rotinas. Já a forma flexível poderá interferir na vivência modificando alguns padrões.

Por ocasião da entrevista, ao tentar conhecer o modo de proceder ou tendência de comportamento do entrevistado através do seu assentimento objetivo ou subjetivo,

o pesquisador colhe e o que pode ser visto, pensado, e dito, a partir das estruturas do autoconceito ou socioculturais, podendo estar enrijecidos pela força do hábito do pensamento. Porém, colher informações já prontas através de um questionário não permite distinguir se a opinião acerca do objeto de estudo é uma representação individual ou social. Somente através da pesquisa fenomenológica é possível a maior aproximação do vivido. Conhecer o que acontece, indo além dos modos habituais de pensar, facilitar a compreensão do fenômeno e apreensão do conhecimento da essência. No entanto, indiferentemente da pesquisa seguir uma abordagem objetiva ou subjetiva, a distorção da verdade que pode sobrevir por motivos individuais ou culturais, é um fato de natureza moral ou social inerente ao ser humano.

4.7 Análise multivariada de correspondência múltipla

Na análise multivariada de correspondência múltipla as variáveis estão associadas no mesmo quadrante de forma tridimensional - valores positivos acima e negativo abaixo. A força de associação é medida pela aproximação euclidiana do sistema algébrico que se traduz pela distância entre as variáveis no gráfico. Este recurso estatístico não proporciona quantificação

Não foi possível incluir todas as variáveis do estudo na análise de correspondência múltipla devido a três fatores concorrentes para a diminuição do valor da inércia:

1- Algumas variáveis não apresentaram dispersão representativa devido à baixa representação no universo estudado;

2- A categorização necessária das variáveis progressividade, atitude e das classes de renda, ao contrário das variáveis dicotômicas, comprometeu o valor da inércia;

3- A reunião de todas as variáveis dicotômicas e categorizadas resulta em má distribuição de algumas variáveis.

Somente após a repetição de várias análises foi possível decidir qual a inércia a considerar e quais variáveis seriam reputadas como mais importantes para o teste de associação. Assim, em virtude da exigência de alcançar o maior valor possível de inércia (Tabela 8), apenas treze variáveis foram inseridas no plano matemático.

Foram elas: ‘bem-estar’, ‘progressividade’, ‘atitude positiva’, ‘renda familiar’, ‘condição corporal’, ‘índole’, ‘estado de tranquilidade’, ‘brincar’, ‘passear’, ‘entrar na residência’, ‘dormir dentro da residência’, ‘tipo de residência’ e ‘outros animais de estimação’. Como pode ser verificado na Tabela 9, foram envolvidas 29 classes de variáveis correspondentes as 13 variáveis principais: Bea+ (bem-estar positivo), Bea – (bem-estar negativo), P_k1, P_k2 e P_k3 (classes de progressividade), A_k 1, A_k 2 e A_k3 (classes de atitude positiva), A, B e C (renda familiar), Fit- (condição corporal inapropriada), Fit + (condição corporal ideal), bravo, manso, intranq (intranquilo), tranq (tranquilo), brinca, não brinca, passeia, ãpasseia (não passeia), entra, ãentra (não entra), dormden (dorme dentro), dormfor (dorme fora), apto (apartamento), casa, +pet, (outros animais de estimação) e exclu (cão como animal exclusivo).

Tabela 8- Valores da inércia nos eixos 1, 2, e 3 na análise de correspondência múltipla. Inércia total de 62%.

Eixos principais	Autovalor	Inércias
1	0,55	0,30
2	0,44	0,19
3	0,36	0,23

Apesar do sistema constituir-se por um espaço dimensional com treze eixos principais, a leitura e interpretação do gráfico é realizada seqüencialmente através de três eixos principais, conforme mostrado na Figura 3. Os eixos principais um e dois apresentam os maiores valores de inércia, 0,30 e 0,29 %, respectivamente. Entre os três eixos imaginários eles são os que melhor representam as semelhanças e diferenças entre as observações devido aos maiores pontos de inércia.

As variáveis incluídas na análise multivariada de correspondência múltipla desse estudo são consideradas estratégicas para testar a hipótese e conhecer o universo das associações do bem-estar com as variáveis socioeconômicas e as referentes ao sistema de criação do animal (Tabela 9). Os resultados obtidos com essa análise não estão sob a forma de correlação entre variáveis e, portanto, não são apropriados para demonstrar conexão causal. Por outro lado, é possível, através das associações constituídas entre as variáveis, tentar estabelecer explicações plausíveis.

Os resultados mais notáveis que se depreendem da observação do gráfico estão agrupados em tópicos para melhor compreensão da conexão entre as variáveis que representam fatores concorrentes para o bem-estar animal. É de interesse desde o ponto de vista de interpretação da análise multivariada, constatar como as variáveis se associam entre si.

Progressividade e atitude

As variáveis ‘progressividade’ e ‘atitude positiva’ não apresentaram dispersão representativa ao serem submetidos à análise de correspondência múltipla. Em virtude deste resultado, optou-se pela categorização dos índices P_k e A_k em seis classes - P_k1, P_k2, P_k3 e A_k1, A_k2, A_k3. Estabeleceu-se que as classes P_k1 e A_k1 seriam classes com valores mais altos, P_k2

e A_{k2} com valores médios e classes P_{k3} e A_{k3} com valores mais baixos.

Tabela 9. Valores das coordenadas da análise de correspondência múltipla e frequência relativa (%) das variáveis estudadas referente aos cães de estimação da Região Administrativa da Pampulha - Belo Horizonte - MG - 1997.

Variável	Classe/sigla	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Freq.
Bem-estar ¹	bea -	-0,14	0,73	-0,12	0,57
	bea+	0,19	-0,96	0,16	0,43
Condição corporal ²	fit -	-0,09	0,71	-0,39	0,40
	fit +	0,06	-0,47	0,26	0,60
Indole	bravo	0,32	1,52	1,06	0,17
	manso	-0,06	-0,3	-0,21	0,83
Estado de tranquilidade	intran	-0,13	0,79	0,13	0,10
	tranq	0,01	-0,09	-0,01	0,90
Brincar	brinca	-0,09	-0,3	-0,16	0,85
	não brinca	0,5	1,68	0,89	0,15
Passear	ñpasseia	0,57	-0,22	0,16	0,53
	passeia	-0,65	0,25	-0,18	0,47
Entrar no interior residência	entra	-0,46	0,06	-0,04	0,73
	ñentra	1,26	-0,17	0,1	0,27
Dormir no interior da residência	dormden	-0,68	0,12	0,04	0,62
	dormfor	1,09	-0,2	-0,06	0,38
Tipo de residência	apto	-0,91	0,02	0,002	0,45
	casa	0,74	-0,02	-0,002	0,55
Outros animais de estimação ³	+pets	0,34	-0,28	-0,35	0,45
	exclu	-0,28	0,23	0,29	0,55
Renda familiar	A	-0,5	-0,84	1,17	0,20
	B	-0,34	-0,2	-0,35	0,47
	C	0,78	0,23	-0,21	0,33
Progressividade	Pk1	1,03	0,21	0,04	0,32
	Pk2	-0,39	0,14	-0,63	0,38
	Pk3	-0,59	-0,41	0,76	0,30
Atitude positiva	Ak1	1,23	0,52	1,1	0,13
	Ak2	0,62	0,08	-0,84	0,32
	Ak3	-0,65	-0,17	0,22	0,55

¹ Bem-estar pobre/ adequado

² Condição corporal inapropriada/ ideal

³ Outros animais de estimação (pet +) / cão como animal exclusivo

A localização das variáveis 'progressividade alta' e 'progressividade baixa' no plano tridimensional mostra-se quase equidistantes do 'bem-estar pobre' e 'bem-estar adequado'. A 'progressividade

média' está mais associada ao 'bem-estar pobre'.

A baixa 'atitude positiva' está mais associada ao 'bem-estar pobre', enquanto a alta e média 'atitude positiva' estão

equidistantes do 'bem-estar pobre' e 'bem-estar adequado'.

'progressividade' e 'atitude positiva', a 'progressividade baixa' está mais próxima do 'bem-estar adequado', mas ainda assim, está quase equidistante do 'bem-estar pobre' e 'bem-estar adequado'. Portanto, nenhuma categoria de 'progressividade' e 'atitude positiva' está associada de modo satisfatório ao 'bem-estar adequado'. A hipótese foi rejeitada.

Os proprietários detentores de 'progressividade baixa' e 'atitude positiva baixa' para o bem-estar moram de ordinário em 'apartamento', possuem apenas o cão como 'animal de estimação', permitem que o mesmo 'entre no interior residência' e 'durma no interior da residência' e 'dormir no interior da residência'. O cão desses proprietários geralmente é 'manso', 'tranquilo', 'brinca' e pode apresentar 'condição corporal ideal'.

Os proprietários que apresentam 'progressividade alta' e níveis médio e alto de 'atitudes positivas' geralmente vivem em 'casa', possuem 'mais de um animal de estimação', 'não passeiam' com o animal e não os deixam 'entrar no interior da residência' e 'dormir no interior da residência'. A associação desses proprietários com a 'condição corporal' não mostrou diferenças significativas entre as classes dessa variável.

Assim os cães pertencentes a esses proprietários podem apresentar uma 'condição corporal' ideal ou inapropriada. Os animais desses proprietários podem ser 'tranquilos', ainda que a diferença da aproximação euclidiana de 'tranquilo' e 'intranquilo' em relação a essas variáveis 'progressividade' e 'atitude positiva' não seja muito expressiva

Dentre todas as categorias de

Classes de renda

Devido a algumas classes de renda apresentarem baixa representação no universo estudado (A1= 6,7%, A2= 13,3%, B1= 18,3%, B2= 28,3%, C= 13,3%, D=13,3%, E= 5,00%) decidiu-se agrupá-las em três classes principais a fim de estudar o maior potencial desta variável. A 'classe A' passou a constituir-se pela soma das frequências das classes A1 e A2, a 'classe B' das classes B1 e B2 e a 'classe C' das classes C, D e E.

Classe A

A 'classe A' se mostrou pouco representada, mas com baixos níveis de 'progressividade' (P_k3) e 'atitude positiva' (A_k3). Segundo a aproximação euclidiana do sistema algébrico a associação da 'classe A' para um tipo específico de moradia tende apontar o 'apartamento' como mais representativo, ainda que a diferença em relação à 'casa' não seja muito expressiva. Igualmente, os proprietários desta classe 'passeiam' ou 'não passeiam' com o seu cão e possuem ou não 'outro animal de estimação'. Os cães geralmente 'brincam' com os integrantes da família, são 'mansos', 'tranquilos' e apresentam 'condição corporal ideal'. É a classe que exibe maior associação com a caracterização positiva de 'bem-estar'.

Classe B

Nesta classe de renda a 'progressividade' dos proprietários se apresentou com valores médios e a 'atitude positiva' variou entre valores baixos e médios. Em geral o cão que representa essa 'classe de renda' vive em 'apartamento', 'passeia', é animal 'exclusivo', 'entra no interior da

residência' e 'dorme no interior da residência'.

Esta classe dentre todas as demais está mais próxima do 'bem-estar pobre', com cães geralmente 'intranquilos', com 'condição corporal comprometida', apesar de esses cães 'passearem'. Ao mesmo tempo, a classe B é a classe que apresenta maior proximidade com a classe de variável 'tranqüilidade'. Em decorrência da equidistância de algumas classes de variáveis em relação às classes A e B, esta classe de renda assim como a 'classe A', pode estar representada por cães 'mansos' que 'brincam' e apresentam 'condição corporal ideal'.

A 'classe B' apesar de estar mais associada a cães que 'passeiam', 'brincam' e estão mais próximo dos integrantes da família, é a 'classe de renda' mais associada ao 'bem-estar pobre'. Embora esta classe esteja associada consideravelmente com as classes 'intranqüilidade' e 'condição corporal inapropriada', apresenta uma associação considerável também com as classes 'tranqüilidade' e 'condição corporal ideal'.

Estas associações são complexas e difíceis de interpretar. O paradoxo revelado nos leva a seguinte conjectura: em determinadas situações, a maior proximidade (viver em apartamento) do cão com a família resulta em uma associação íntima não muito favorável para o cão, podendo estar o seu bem-estar comprometido com um componente emocional importante que vai além do não cumprimento de suas necessidades (brincar e passear). Provavelmente, algumas pessoas adquirem o cão para melhorar o ambiente familiar, visto que a influência mútua entre o cão e o ser humano influencia tanto o bem-estar do homem quanto do animal. Por outro lado, a qualidade do bem-estar depende da qualidade dessa relação. Certos problemas

não surgem necessariamente, em decorrência do comportamento anormal do cão ou do proprietário, mas da relação entre eles. A interação interespecie pode ser a causa primária ou secundária de muitas desordens de comportamento do animal. O ambiente onde o cão vive está repleto de estímulos que em algumas situações no contexto familiar compromete o seu equilíbrio emocional. Alguns cães podem mostrar-se incapazes de se adaptar ao ambiente proporcionado pelo homem. Esta incapacidade pode ser inerente aos sentimentos do animal e de seu controle sobre o ambiente, traduzido pela efetividade de suas estratégias utilizadas para contornar situações pouco favoráveis.

Classe C

Esta classe exhibe os maiores índices de 'progressividade' e a 'atitude positiva' e apresenta valores que variam de médio a alto. Os proprietários que têm em sua residência 'mais de um animal de estimação' tendem a ter 'atitude positiva média'. Os cães que representam essa classe geralmente vivem em 'casa', 'não entram no interior da residência' e 'não dormem no interior da residência'. Comumente, 'não passeiam', e a 'condição física' pode ser indiferentemente ideal ou comprometida.

Nesta classe, os proprietários que apresentam 'atitude positiva média' possuem normalmente cães 'mansos' que 'brincam', já os cães de proprietários com 'atitude positiva alta' podem ser 'bravos' e 'não brincam'. Esta classe está mais associada ao 'bem-estar pobre', ainda que a diferença da distância dessa classe de renda em relação ao 'bem-estar adequado' e ao 'bem-estar pobre' não seja muito expressiva.

Bem-estar

A 'índole', o 'estado de tranqüilidade' e a 'avaliação corporal' foram os três indicadores utilizados para a medição do bem-estar animal. O animal 'manso', 'tranqüilo' que apresentava uma 'avaliação corporal' ideal foi considerado desfrutar do bem-estar adequado. Exatamente 83,3% dos cães investigados eram 'mansos', 90% eram 'tranqüilos' e 56,6% apresentavam uma boa 'condição corporal'. Entretanto, apenas 43,3% da população canina experimentavam bem-estar adequado por ocasião da entrevista. Em outras palavras, menos da metade dos cães estudados era simultaneamente, 'mansa', 'tranqüila' e apresentava 'condição corporal ideal'.

Dentre os três indicadores utilizados, as classes 'intranqüilidade' e a 'condição corporal inapropriada' apresentaram fortíssima associação com bem-estar pobre. A classe 'condição corporal ideal' seguida da 'mansidão' mostraram associação mais fraca com o 'bem-estar adequado'. A agressividade apresentou fraca associação com as demais classes de variáveis analisadas.

Bem-estar adequado

A classe de variável 'bem-estar adequado' está mais associada à 'condição corporal ideal', seguida das classes 'mansidão', 'brincar' e 'tranqüilidade'.

Os proprietários de cães que experimentavam 'bem-estar adequado' possuíam 'outro animal de estimação', 'não passeavam' com o animal, mas permitiam que ele 'entrasse no interior da residência' e 'dormisse no interior da residência'.

Bem-estar pobre

O 'bem-estar pobre' ocorre geralmente em cães 'intranqüilos', com 'condição corporal inapropriada'. Os cães podem ser indiferentemente 'mansos' ou 'bravos'. Quando o cão é 'agressivo' os integrantes

da família comumente 'não brincam', mas podem 'passear' com o animal. Os proprietários geralmente moram em 'apartamento', têm o cão como 'animal exclusivo' e permitem que ele 'entre' e 'durma no interior da residência'.

Tipo de residência

A localização de algumas classes de variáveis no plano tridimensional evidencia certa dificuldade em discriminar a associação de algumas classes em relação ao 'bem-estar'. Embora a classe 'apartamento' esteja mais próxima da classe 'bem-estar pobre', a associação entre essas classes é considerada fraca.

A classe 'casa' está quase equidistante do 'bem-estar adequado' e do 'bem-estar pobre'. O cão que vive em 'casa' pode indiferentemente apresentar 'bem-estar adequado ou pobre. Ele pode experimentar algum grau de bem-estar psicológico indiferentemente em casa ou em apartamento. Estes resultados sugerem que a circunstância 'morar em casa' não é condição absolutamente necessária para favorecimento do bem-estar, e morar em 'apartamento' não é um fator determinante para a ocorrência de 'bem-estar pobre'.

Os proprietários que moram em 'apartamento' freqüentemente só têm o cão como 'animal de estimação', 'passeiam' com seus animais que 'entram' e 'dormem' no interior da residência. Quando o animal é 'manso' e 'brinca', mas é 'intranqüilo' e apresenta uma 'condição corporal inapropriada' pode morar indiferentemente em 'apartamento' ou em 'casa', no entanto, o animal 'tranqüilo' e com 'condição corporal' ideal vive mais provavelmente em 'casa'. O cão que vive em 'apartamento' pode apresentar uma 'condição corporal' ideal ou comprometida.

Geralmente, o animal que mora em 'casa', 'não passeia', mas pode apresentar

‘condição corporal’ ideal. O proprietário pode ter ‘mais de um animal de estimação’ e não permitir que seu cão ‘entre no interior da residência’ e ‘durma no interior da residência’.

Outro animal de estimação

Embora o tipo de análise empregada não permita explorar correlações, as associações evidentes entre possuir ‘outro animal de estimação’ e o animal ser ‘manso’, ‘tranquilo’ e apresentar ‘condição corporal ideal’ colaboram para estabelecer relação entre ‘bem-estar adequado’ e a existência de ‘outro animal de estimação’.

Provavelmente, um proprietário que tem mais de um animal de estimação preocupa-se em enriquecer a vida de seu cão com um companheiro, ou simplesmente, gosta de interagir e desfrutar ativamente da companhia de vários animais. A relação simultânea com os animais talvez evite o apego exagerado com o seu cão e problemas subseqüentes prejudiciais para o estabelecimento do bem-estar.

Estes resultados validam uma crença sustentada pelo senso comum: os animais parecem ficar mais calmos quando tem outro animal como companheiro ou vivendo na mesma casa. A análise comprovou que o ‘bem-estar adequado’ do cão está mais associado a ‘outros animais de estimação’ que a condição de cão ‘exclusivo’. Ao mesmo tempo, o ‘bem-estar pobre’ está mais associado ao cão como animal ‘exclusivo’.

Entrar ou dormir no interior da residência

O cão que não ‘entra’ e nem ‘dorme no interior da residência’, geralmente é ‘tranquilo’ e está em boa ‘condição corporal’. As classes ‘entrar no interior da residência’ e ‘dormir no interior da

residência’ estão mais associadas ao ‘bem-estar pobre’. Já as classes ‘não entrar’ e ‘não dormir no interior da residência’ apesar de apresentarem uma associação fraca, estão mais próximas ao ‘bem-estar adequado’. Como já foi visto anteriormente, a proximidade íntima do animal com os familiares em algumas situações talvez não seja um fator concorrente para o seu bem-estar.

Mansidão e brincar

Entre todas as classes de variáveis estudadas, ‘mansidão’ e ‘brincar’ apresentaram maior associação entre si. A notável associação das classes ‘manso’ e ‘brincar’ tem um sentido ambíguo: os animais brincam porque são mansos (fator hereditário) ou o fato de interagir por intermédio de brincadeiras com os seus familiares (fator ambiental) desde o período de socialização tornou esses animais mansos? Este estudo não permite explicar essa ambigüidade, mas sinaliza mostrando claramente que o cão agressivo não brinca com seus familiares.

Ordinariamente o proprietário que brinca com o seu cão ‘não passeia’ com ele, deixa-o ‘entrar’ e ‘dormir no interior da residência’, pode ou não conviver com outros ‘animais de estimação’, morar em ‘casa’ ou ‘apartamento’.

Um cão ‘manso’ ‘brinca’ rotineiramente e geralmente é ‘tranquilo’. Sua ‘condição corporal’ comumente é satisfatória e o seu ‘bem-estar é adequado’.

Um cão ‘intranquilo’ comumente experimenta ‘bem-estar pobre’ e pode ‘brincar’ ou ‘não brincar’ com os integrantes da família. Assim, a brincadeira pode favorecer a manutenção do estado de tranquilidade, da ‘condição corporal ideal’ e o ‘bem-estar adequado’, no entanto, pode não evitar, que o animal seja intranquilo, apresente ‘condição corporal inapropriada’ e experimente ‘bem-estar pobre’.

Apesar de 'brincar' estar bastante associado à 'tranqüilidade' e ser um fator importante no estabelecimento de interação mais íntima e prazerosa entre o proprietário e o seu cão, 'brincar' é apenas um fator concorrente para o 'estado de tranqüilidade', devendo haver outros fatores positivos ou negativos de cunho emocional concorrentes tanto para o estado de 'tranqüilidade' como para o estado de 'intranqüilidade'.

Passear

O cão que 'passeia' não apresenta necessariamente uma 'condição corporal ideal' e tampouco é sempre 'tranqüilo', 'manso' e 'brinca'. Ao mesmo tempo, o cão 'manso' que 'brinca' com os integrantes da família geralmente 'não passeia'.

Foi observada uma alta associação entre o cão que 'passeia' com a sua condição de

ser o animal de estimação 'exclusivo', morar em 'apartamento', 'entrar' e 'dormir no interior da residência'. O cão que 'passeia' está mais associado ao 'bem-estar pobre' e a 'classe de renda B'.

Os proprietários que vivem em apartamento tentam compensar o pequeno espaço em que seu animal vive proporcionando-lhes passeios diários. Contudo, o passeio por si só, parece não ser uma contribuição satisfatória para o estabelecimento do bem-estar adequado. Os proprietários que 'não passeiam' com seus cães vivem em 'casas' com mais de um 'animal de estimação'. A classe 'não passear' está associada fracamente ao 'bem-estar adequado' e fortemente a 'classe de renda C'.

Sintetizando, o passeio não é um fator importante para a manutenção de uma condição corporal ideal, para garantir a

mansidão e o estado de tranqüilidade do animal. O cão que passeia pode ser obeso e 'intranqüilo'. O cão que não passeia pode apresentar condição corporal ideal, ser tranqüilo e manso.

Estes resultados evidenciam que na população estudada, brincar e passear influenciam o bem-estar do cão de maneira diferente. Possivelmente, o nível de interação resultante do ato de brincar seja um fator mais importante, uma vez que a brincadeira proporciona mais experiências emocionais e contato físico.

É conhecido por todos a importância do passeio como um fator concorrente para a manutenção da condição corporal, no entanto, assim como a nutrição e o exercício, talvez o fator emocional deva ser reputado no caso do cão. Esta consideração apóia-se na forte associação obtida entre as classes brincar e condição corporal ideal.

Estado de tranqüilidade

O animal 'tranqüilo' não experimenta necessariamente 'bem-estar adequado', contudo, a 'intranqüilidade' está fortemente associada ao 'bem-estar pobre'.

A classe 'tranqüilidade' está mais associada às classes 'não passear', 'brincar', 'mansidão' e 'condição corporal ideal'. 'Passear' não garante o estado de 'tranqüilidade' do animal. Provavelmente, neste caso, passear não é considerada uma necessidade para o animal.

A classe 'tranqüilidade' está quase equidistante do 'bem-estar adequado' e 'bem-estar pobre'. O cão 'tranqüilo' pode tanto experimentar 'bem-estar adequado' como 'bem-estar pobre'. Segundo este resultado, o 'estado de tranqüilidade' não atesta o 'bem-estar adequado'. Um animal aparentemente tranqüilo pode não estar experimentando bem-estar adequado.

A classe 'intranqüilidade' está altamente associada à 'condição corporal inapropriada' e ao 'bem-estar pobre' e quase equidistante das classes 'brincar' e 'não brincar'. O cão 'intranqüilo' pode 'brincar' ou 'não brincar' com os integrantes da família. 'Brincar' é um fator contribuinte para o estado de 'tranqüilidade', no entanto, um animal 'intranqüilo' pode 'brincar' com seu proprietário. Destarte, 'brincar' com o cão não garante a sua 'tranqüilidade'. Outros fatores ambientais além de 'brincar' devem influenciar o 'estado de tranqüilidade' do cão, e garantir o seu bem-estar.

Condição corporal

A 'condição corporal inapropriada' está fortemente associada à 'intranqüilidade' e ao 'bem-estar pobre', enquanto a 'condição corporal ideal' está associada medianamente ao 'bem-estar adequado'. A associação não muito forte da 'condição corporal ideal' com 'bem-estar adequado' encontra apóio em Novak e Suomi (1988) que apesar de considerarem haver uma estreita relação entre o bem-estar psicológico e a saúde física, reiteram que um animal fisicamente saudável ainda poderia estar infeliz ou descontente. A 'condição corporal' e o 'estado de tranqüilidade' mostraram-se ser indicadores mais apropriados para medir o 'bem-estar pobre' que o 'bem-estar adequado'.

Agressividade

Na representação gráfica das variáveis estudadas no sistema tridimensional, a classe 'bravo' se mostrou pouco associada

dos locais onde o animal dorme (95%) e faz suas necessidades fisiológicas (95%); a imunização contra raiva (98,3%) e outras doenças infecciosas (65%); o controle de parasitos internos (76,7%) e externo (98,3%); o tratamento respeitoso (86,7%) e a efetiva participação dos proprietários nos momentos de interação através de brincadeiras (85%) e passeios (46,7%).

em relação às demais classes, não obstante, um cão que experimenta o bem-estar pobre pode, indiferentemente, ser agressivo ou manso. Este resultado é corroborado por Duncan (1996) ao considerar que mansidão não indica necessariamente bem-estar adequado e a presença de agressividade não justifica bem-estar pobre.

A alta proximidade da 'agressividade' com a classe 'não brinca' permite afirmar que o cão 'bravo' 'não brinca'. Neste contexto, devido à associação das classes 'bravo' e 'bem-estar pobre' ser fraca, presume-se que os indicadores condição corporal e estado de tranqüilidade são mais precisos para indicar o bem-estar pobre.

4.8 A relação homem-animal

Foi estabelecido neste estudo que a caracterização da relação homem-animal seria realizada a partir: 1) da avaliação do sistema de criação empregado pelos de proprietários; 2) da caracterização dos proprietários quanto à progressividade e atitude e 3) da avaliação do bem-estar dos cães.

As frequências³ dos itens referentes ao sistema de criação demonstram que a maioria dos proprietários cuida bem de seus cães e brinca com o seu animal. Somente a frequência relativa ao item passeio mostra-se abaixo de cinquenta por cento. Igualmente, a maior parte dos proprietários foi classificada como progressista e com atitude positiva em relação ao bem-estar animal.

³ Frequência dos itens do sistema de criação: espaço disponibilizado para o desempenho das atividades do animal (96,7%); a liberdade (83,3%); a domiciliação (98,3%); o manejo alimentar (78,3%); a higienização

De acordo com o ensaio experimental e os indicadores utilizados na avaliação do bem-estar, pode-se inferir que a progressividade, a atitude positiva e o comprometimento do proprietário com os cuidados necessários para proporcionar uma boa qualidade de vida ao cão, não são suficientes para favorecer o bem-estar da maioria dos animais. Estes animais devido às circunstâncias ou as condições estabelecidas para sua convivência no âmbito familiar não conseguiram adaptar-se ao ambiente onde vivem.

Como ficou demonstrado, o cão manso e tranqüilo, que brinca e vive no interior da residência, pode não experimentar bem-estar adequado. Provavelmente, a maior proximidade do cão com os familiares seja um aspecto psicossocial do ambiente desfavorável ao desfrute de uma coexistência saudável promotora de bem-estar adequado.

A partir da negação da hipótese e da frequência de animais que experimentavam bem-estar pobre (56,6 %), entende-se que possivelmente, a relação da maioria dos proprietários com seus cães não seja satisfatória.

Concluindo este capítulo, os resultados evidenciam que alguns proprietários embora sejam progressistas com atitudes positivas, não conseguem proporcionar bem-estar adequado aos seus cães. Igualmente, apesar, de 85% dos proprietários garantirem o compromisso de brincar com seus cães e a variável 'brincar' se mostrar satisfatoriamente associada ao 'bem-estar adequado' na análise multivariada de correspondência múltipla, muitos dos cães não conseguem experimentar bem-estar adequado. Apenas 43,3% dos animais experimentavam bem-estar adequado. Este resultado é corroborado com a opinião de Baxter (1988b, p.347) ao declarar que *o desempenho comportamental não é o único*

meio de satisfazer necessidades de bem-estar.

Surgem então duas questões: seria insatisfatório o envolvimento do proprietário na execução dessa atividade com o cão? Quais seriam os fatores que concorreriam para o impedimento do estabelecimento do bem-estar nas situações onde o atendimento das atividades brincar e passear é cumprido? Alguns autores estabeleceram conceitos por hora suficientes para responder a essas questões.

Duncan (1996) propôs que todos os organismos têm certas necessidades básicas e reagirão adversamente se estas necessidades não são satisfeitas. Dawkins (1988) acentuou que em um estudo sobre bem-estar é fundamental tentar descobrir se ao manter os animais em condições onde eles não executam comportamentos típicos da espécie, isso os faz sofrer.

Esses notáveis autores levaram a autora do presente trabalho a incluir na avaliação de bem estar as variáveis 'brincar' e 'passear' para averiguar as possíveis associações dessas duas variáveis com o bem-estar dos cães participantes do estudo.

A despeito dessas proposições sobre a necessidade dos animais, Hughes (1988) apoiado por muitos autores advertiu que o atendimento dessas possíveis necessidades comportamentais não são sempre fatores básicos determinantes para o bem-estar. Determinadas necessidades de comportamento de uma determinada espécie não seriam válidas para todos os ambientes, visto que há de se considerar a fonte de variação na contribuição interna para motivação que pode ser muito diferente (Jensen e Toates, 1993). Em um estudo de bem-estar é fundamental considerar a espécie e a variação individual nas tentativas para se adaptar as adversidades e aos efeitos que adversidade

causa ao animal. Nicol (1987) acrescenta que a privação de algumas atividades leva à consequência mais séria para o bem-estar que a privação de outras.

O bem-estar tem implicações cognitivas, se um animal não estiver atento ou antecipando um fato, a não realização do evento não afetará necessariamente o seu bem-estar (Hughes, 1988). Neste caso, para alguns animais é muito importante passear e brincar, mas não para outros. O passeio e a brincadeira podem não estar envolvidos com o processo de cognição e, conseqüentemente, não se caracterizar como uma necessidade. Broom (1998) enfatiza que o sentimento - componente das emoções relacionadas ao processo cognitivo - pode mudar o comportamento imediatamente ou eventualmente, mas necessidade não atua desse modo. O não atendimento das necessidades está freqüentemente, mas nem sempre, associado aos sentimentos que prejudicam o animal, enquanto sentimentos desenvolvidos pelo animal que favorecem o bem-estar estão associados à satisfação das necessidades (Broom e Fraser, 2007).

Estes conceitos elucidam porque brincar não está tão fortemente associado ao bem-estar adequado e passear está mais associado ao bem-estar pobre. Se a privação de brincadeiras e passeios não causam sofrimento a um determinado animal, brincar e passear para esse animal não se constitui uma necessidade. Neste caso específico, o passeio e a brincadeira não estão envolvidos com o processo de cognição e, por conseguinte com o sentimento.

Quando brincar e passear não são percebidos como necessidade, não promovem de modo direto a elaboração de sentimentos e, conseqüentemente, não são fatores que influenciam obrigatoriamente ao bem-estar dos cães. No entanto, com os resultados obtidos não é possível saber se

os níveis de motivação de alguns cães, responsável pela possível indiferença à brincadeira ou ao passeio, dependem exclusivamente das características internas peculiares ao indivíduo, ou se estas características foram moldadas por influências do meio ambiente.

Hughes (1988) destacou que quando o controle ambiental e limitações são impostos, muitos estímulos externos que poderiam ativar motivação estariam ausentes. Neste caso, as limitações ambientais poderiam impedir a ativação de mecanismos internos de se expressarem adequadamente. Um exemplo conhecido é o comportamento de dormir e se aninhar das galinhas comerciais que são governados por fatores internos importantes que são limitados por influência ambiental.

Independentemente da gênese de ativação dos mecanismos internos, se o animal experimenta frustração o seu bem-estar estaria comprometido. Se o passeio ou a brincadeira não estão associados fortemente ao bem-estar, talvez para o animal elas não sejam importantes, ou existam outros fatores associados a essas duas atividades, que impediriam que elas por si só se tornassem fatores contribuintes ao bem-estar. Tanto a boa vontade, o prazer de brincar e passear com o seu cão, quanto à falta de entusiasmo para cumprir uma obrigação, talvez influencie o momento de interação do cão com o proprietário. Em ambos os casos, as diferenças podem ser atribuídas à qualidade da relação entre o cão e o proprietário. Estudos de motivação ao identificarem as necessidades do animal servem como subsídios para avaliação do bem-estar de animais cujas necessidades não são atendidas, contudo, devido a necessidade ter uma estrutura interna, o cão deve ser estudado em uma base holística, ser observado em suas reações fisiológica e psicológica como um todo.

É importante que estudos futuros busquem conhecer outros fatores da relação homem-animal que influenciam o bem-estar além da progressividade, atitudes dos proprietários e a condição de criação do cão. Provavelmente, estes fatores poderão ser conhecidos através de estudos fenomenológicos aplicados a estudos da psicologia.

6. CONCLUSÕES

A análise dos dados realizada por intermédio da análise descritiva e da análise multivariada de correspondência múltipla nas condições do presente trabalho permitiu as seguintes conclusões:

A condição corporal e o estado de tranquilidade mostraram ser indicadores mais apropriados para medir o bem-estar pobre que o bem-estar adequado.

O bem-estar do cão depende de sua condição corporal.

O tipo de residência não define necessariamente a categoria de bem-estar.

O cão ao conviver com outros animais de estimação pode ter uma índole mansa, apresentar condição corporal ideal e experimentar bem-estar adequado.

Existe uma associação entre as classes econômicas e o bem-estar de seus animais.

Nenhuma categoria de progressividade e atitude positiva está associada de modo satisfatório ao bem-estar adequado.

A relação da maioria dos proprietários com seus cães não era satisfatória.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há algumas décadas, o interesse e a preocupação acerca do bem-estar animal têm influenciado a modificação das visões e atitudes da sociedade, a renovação de legislações e a garantia da qualidade da investigação científica.

Este estudo torna patente o desafio de se desenvolver uma pesquisa acadêmica envolvendo a relação homem-animal e o bem-estar de cães. Para alcançar o objetivo delineado buscou-se conceitos desenvolvidos por estudiosos da área, aplicou-se novos instrumentos metodológicos e estabeleceu-se indicadores para a mensuração do bem-estar. A sua contribuição, ademais de coligar conceitos teóricos, consiste em mostrar caminhos metodológicos nunca antes utilizados para caracterizar a relação homem-animal e a avaliação do bem-estar do cão.

A sua relevância prática se constitui em fixar a base intelectual e científica para crescimento futuro dessas áreas e prover informação clínica prática para profissionais e estudantes que lidam com animais.

Aprimorar a habilidade para identificar as possíveis causas de sofrimento dos cães tem valor óbvio para os animais e para os proprietários. Novos métodos propostos ao longo das linhas de pesquisas estabelecidas podem validar os esforços e aguçar as habilidades de cientistas e técnicos que tentam de modo peculiar entender a experiência da relação interespecie.

Provavelmente, a elevação moral resultaria do uso de tais métodos com suas implicações de longo alcance. Ela influenciaria na qualidade da atenção e permitiria interações emocionalmente seguras e duradouras com vantagens para ambas as partes. Porém, para a comunidade científica alcançar um sucesso mais efetivo teria que tentar entender a experiência interna dos animais. Estar atenta e sensível

às implicações sociais e psicológicas a fim de conceber o cão como indivíduo.

A investigação sobre experiência interna dos animais assumiria certa complexidade ao basear-se em elucidações neurofisiológicas dos mecanismos de neurais subjacentes e mecanismos bioquímicos. Como o comportamento é um processo, o conhecimento sobre o funcionamento orgânico que acompanha as mudanças emocionais ajudaria a compreensão do sofrimento do animal. Estes estudos proveriam informações pertinentes a serem utilizadas no aprimoramento das condições de criação dos cães e no estabelecimento de novos paradigmas relativos ao comportamento animal.

Os fatores determinantes do bem-estar ainda são pobremente compreendidos e métodos de avaliação do bem-estar psicológico necessitam ser validados. Tem-se muita informação sobre necessidades, mas pouca informação sobre as verdadeiras causas do bem-estar pobre. Pesquisadores multidisciplinares de bem-estar animal deveriam conduzir pesquisas no sentido de saber por que os cães agem diferentemente em situações semelhantes. Somente seguindo esse caminho seria possível saber com certeza se os cuidados dispensados pelos proprietários são suficientes e adequados para lhes proporcionar bem-estar adequado.

O cão sendo um animal social se submete a situações que o incitam ao medo, à agressão e à ansiedade na convivência íntima com o homem. Estas emoções podem comprometer o seu bem-estar e colocar em risco o bem-estar da família que o acolhe. Provavelmente, os cães que sofrem instabilidade emocional por conviverem com uma família humana ainda não estão programados geneticamente para viver sob alta pressão, onde a frequência e a intensidade de situações especiais que o

induzem às reações de ordem física e psíquicas capazes de perturba-lhe a homeóstase, excedem o nível considerado normal para a sua espécie.

O cão pode ser influenciado pelos desequilíbrios dos indivíduos humanos em virtude de sua dependência. Esse companheiro animal muitas vezes é impedido de viver uma vida mais próxima de sua própria natureza. Afastados da natureza e, portanto, de sua essência, eles podem refletir e sofrer os mesmos desequilíbrios das pessoas com quem convive. O respeito a sua individualidade, peculiaridades, necessidades e a oportunidade de passeios ao ar livre, exercícios e brincadeiras podem servir em muitas ocasiões como verdadeiros recursos preventivos contra os desequilíbrios físicos e emocionais.

Se as pessoas deixarem de conceber o cão como ser inferior e sem inteligência se relacionarão de forma mais positiva com ele, pois se preocuparão mais com a sua saúde mental e deixarão de ser negligentes, incoerentes e até mesmo abusivas com eles. O posicionamento correto quando aprendido por uma criança pode torná-la uma pessoa respeitosa e aberta com o restante do mundo. Ela provavelmente se torna capaz de olhar para as coisas através dos olhos do animal. Ao atingir a idade adulta poderá despertar em si mesmo a necessidade de um cuidar dirigido à perspectiva do animal inserido em um ambiente psicossocial. Aprende a respeitar sua individualidade e a considerá-lo como um ser singular, com sentimentos e emoções. Em outras palavras, passa a conceber o cão com alteridade, ao tentar compreender o que se passa com ele e a satisfazer holisticamente suas necessidades de cuidado.

O conhecimento baseado na fisiologia, comportamento e necessidades do cão deve

ser o fundamento da nova forma de respeito e proteção dos direitos desses seres que compartilham suas vidas conosco. A falta de conhecimento muito mais que a negligência, provavelmente é a principal causa do sofrimento animal. Sofrimentos resultantes do medo e da ansiedade, por exemplo, podem ser evitados com a instrução do proprietário e educação adequada do cão.

A sensibilidade e o comportamento dos cães precisam ser observados sob uma perspectiva mais ampla para serem entendidos completamente. O ambiente psicossocial no qual o cão vive na atualidade distingui-se extraordinariamente dos ecossistemas de seus antepassados. Profissionais, como os médicos veterinários, que trabalham diretamente com animais, deveriam prover aos novos proprietários informações apropriadas sobre o status do cão no mundo atual. O cão como muitos outros animais é um ser senciente.

O desenvolvimento científico da Medicina Veterinária realizado em torno da díade saúde e doença foi conduzido de forma reducionista e mecanicista. Houve durante muito tempo por parte dessa ciência irreflexão acerca de sua responsabilidade na formulação de ditames morais sobre os deveres das pessoas em relação aos animais. O médico veterinário, por estar em contato direto com os proprietários de cães, é sem dúvida o profissional mais indicado para corrigir equívocos relacionados à criação do cão e instruí-los para a consecução do bem-estar. No entanto, a ciência do bem-estar animal por estar atrelada a ciência animal exige que mais profissionais estejam engajados na implementação de pesquisas de comportamento para prover mais informação sobre o cão doméstico e auxiliar na resolução de problemas de bem-estar. Esta consideração exige que instituições de ensino em ciência animal neste país

reconheçam a importância de pesquisas na área de comportamento animal. O estabelecimento de metas requererá propostas para a revisão de conteúdos programáticos ou disciplinares das matrizes curriculares de cursos universitários em ciência animal que deverão incluir fundamentos teóricos e práticos de etologia. Logo, fundos de pesquisa deverão ser alocados para promover o desenvolvimento de informação básica e aplicada sobre o comportamento animal.

São muitas as causas que comprometem a qualidade de vida do cão. A elaboração de estudos para o conhecimento dessas causas tornaria os pesquisadores mais capazes para investigarem psicodinâmica da interação homem-animal e intervirem junto ao proprietário a favor do bem-estar do seu animal.

O cão, a família do proprietário e o veterinário formam uma relação triangular complexa, porque este profissional está em uma posição singular para testemunhar a interação entre o cão e os integrantes da família. Contudo, em virtude dos cursos de graduação em Medicina Veterinária não incluem ensinamentos sobre aspectos psicológicos dos proprietários, os médicos veterinários são considerados inábeis para abordar corretamente os problemas e ajudar no estabelecimento de uma relação homem-animal benéfica para ambas as partes. No momento histórico em que a relação interespecie se encontra, é imperioso que se reconheça o caráter complexo da relação homem-animal e se estabeleça uma integração de ciências comprometidas em promover um ensino que permeie o caráter sistêmico implícito na relação homem-animal. Hoje em dia na clínica veterinária, a compreensão do papel do animal no grupo social humano é de fundamental importância para muitos diagnósticos ou prescrição terapêutica nos casos de distúrbios físicos e/ou comportamentais.

O médico veterinário do futuro terá que aprender a reconhecer as nuances emocionais conflitantes do grupo social onde o cão está inserido. Será inevitável o seu envolvimento com a complexa dinâmica da interação de personalidades do cão e das pessoas com quem convive. Sua formação, portanto, deverá abarcar conhecimento interdisciplinar que o conduzirá a outro ramo da saúde compartilhada por profissionais da ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento.

O exercício da Medicina Veterinária quando centrada na relação do homem com o seu animal se distingue da antiga prática que focaliza o animal isoladamente. Este novo enfoque coaduna com os princípios do bem-estar animal. A ciência do bem-estar animal estuda procedimentos para melhorar a vida, e os cientistas dão significativa contribuição às modificações no sistema de criação dos animais, sejam eles de produção ou de companhia. Esta ciência foi criada porque muitos criadores e proprietários não se esforçam para dar o que é devido aos animais, esperam que os animais se adaptem às suas condições e preferências. Esta atitude não está moralmente correta. Um cão só pode ser mantido como companheiro se conseguir se adaptar facilmente ao estilo de vida de seu proprietário. Ele não deverá sofrer angústia a fim de proporcionar companhia e bem-estar ao seu proprietário.

Todo cão merece consideração e têm direito à melhor qualidade de vida. Suas necessidades vão além de casa e comida. Este membro que pertence à associação denominada família, necessita de cuidados que favorecerão tanto sua saúde quanto ao seu equilíbrio emocional. A preocupação com a sua educação e a atenção às suas necessidades físicas e psicológicas consolidam esse respeito. O estudo do bem-estar animal resgata e defende os direitos que estão por natureza inseparavelmente

ligados aos animais. O bem-estar de um animal é um direito, um direito à vida digna. Assim como qualquer espécie viva no universo, o animal tem o direito à preservação de suas características e de ter assistidas suas necessidades. Somos todos criaturas de Deus. É necessária a conscientização das pessoas quanto à importância dos animais em nossas vidas. Estas criaturas possuem consciência, sentimentos e habilidade cognitiva, mas por serem destituídas de linguagem, não podem reivindicar seus direitos, e conseqüentemente, em muitas situações, são tratadas com negligência ou preconceitosamente relegadas ao desprezo e ao sofrimento.

O ser humano ao tentar compreender o sofrimento sob a perspectiva dos animais promove a sua elevação moral, pois esse processo requer uma experiência interna envolvendo projeção, identificação, empatia e outros sentimentos nobres.

O proprietário consciencioso ao perceber os problemas apresentados pelo seu animal deve admitir o tratamento negligente e tentar modificá-lo. As repetidas tentativas de proporcionar uma melhor qualidade de vida para o seu cão talvez reflita em sua vida familiar e social. Por outro lado, uma pessoa que se preocupa com o bem-estar do seu semelhante, se preocupará verdadeiramente com o bem-estar do seu cão. O zelo, não será uma obrigação que leva a negligência, mas o simples cumprimento de um princípio de vida.

A escolha dos indicadores fundamentou-se em uma das premissas que define o estudo científico como subsídio da práxis. Por intermédio da condição corporal e do comportamento, profissionais que trabalham com cães podem facilmente fazer inferências fundamentais sobre as necessidades e estado interno dos animais, ademais de avaliar se as condições de criação comprometem ou não o bem-estar

do animal. A ilação torna-se possível, porque a caracterização do bem-estar pobre está associada a alguns comportamentos anormais exibidos nos estados de frustração, de conflito, de angústia, de medo, de dor e em algumas afecções. Comportamentos anormais empregados

como indicadores de bem-estar pobre podem freqüentemente, estar associados à ambientes carentes de estímulos e/ou conflituosos.

Se o comportamento observado é o resultado da interação entre as instruções herdadas e o ambiente em que o animal se desenvolve, a avaliação do bem-estar canino e o conhecimento das condições de criação se revelam úteis para ajuizar se a relação homem-animal, reflexo do ambiente onde o animal é criado, está sendo bem conduzida.

Os resultados obtidos neste estudo são apenas sugestivos de bem-estar pobre. Para que eles se tornassem conclusivos, seria necessário demonstrar que uma mudança na rotina da vida do animal e na relação com o seu proprietário fosse capaz de alterar a o estado de intranqüilidade e retornar a condição corporal ideal.

Possivelmente, as tentativas de adaptação dos cães que apresentaram intranqüilidade ou condição física inapropriada não foram bem-sucedidas, visto que esses animais não alcançaram controle da estabilidade mental e corporal. Talvez, se os proprietários dispensassem mais atenção aos animais e lhes proporcionassem uma vida mais prazerosa, suas necessidades seriam atendidas. Entretanto, em algumas ocasiões, o atendimento das necessidades pode não ser suficiente para garantir bem-estar adequado. Também, neste caso, o sistema de controle do animal em relação às adversidades decorrentes do ambiente psicossocial pode não ser eficiente o bastante para garantir a sua adaptação. Estas duas possibilidades estão relacionadas com os resultados obtidos neste trabalho. A progressividade e as atitudes positivas dos proprietários e o cumprimento dos cuidados básicos relativos à saúde física e mental do animal é um fato relevante observado neste estudo por ocasião da apreciação do sistema de criação. Os altos índices atestam o

comprometimento dos proprietários com a criação dos seus cães. Contudo, não houve uma associação entre o desempenho dos proprietários e a conquista do bem-estar adequado. Provavelmente este resultado deve estar relacionado a outros fatores de natureza subjetiva inerente à interação interespecie.

Os resultados obtidos exigem estudos futuros mais específicos e profundos, onde o pesquisador precisaria estribar-se em observações diretas e conhecer o mundo da vida dos proprietários para apreender o fenômeno em sua essência. A investigação seria conduzida presencialmente na residência dos proprietários e os dados seriam analisados por intermédio de metodologia fenomenológica para se descobrir fatores subjetivos importantes para bem-estar do cão.

A importância dessa direção investigativa reside na possibilidade de tornar evidente e premente a necessidade dos pesquisadores em instituir novas metodologias para aquisição de conhecimento relativo a fatores condicionantes do bem-estar do cão.

Para aprimorar as condições de criação desse animal, é fundamental perceber como ele se sente em relação às variadas condições estabelecidas em sua convivência com os seres humanos. Um problema relevante no reconhecimento de sentimento de um animal a partir de observações de comportamento resulta da possibilidade do sentimento existir sem haver qualquer mudança fisiológica ou comportamental observável. Esta consideração pode ser verificada na ambígua associação encontrada da classe da variável 'tranqüilo' com o 'bem-estar adequado' e o 'bem-estar pobre'. A tranqüilidade isoladamente como um indicador, poderia não indicar com segurança o bem-estar adequado.

Até que se consiga estabelecer métodos para conhecer com mais precisão os

sentimentos envolvidos na relação homem-animal, os estudos de bem-estar se basearão em comparações. Um animal ao apresentar agressividade excessiva e condição corporal inapropriada estaria menos adaptado ao seu ambiente que um animal manso com condição corporal ideal. O bem-estar desse animal estaria ainda pior se ele estivesse experimentando sofrimento percebido por seu estado de intranqüilidade.

Assim, a negação da hipótese deste estudo serve como um subsídio para estudos adicionais ao demonstrar que as atitudes positivas, a progressividade dos proprietários e as boas condições de criação não são fatores determinantes para a promoção do bem-estar animal e, ao mesmo

tempo, permite afiançar que o ser humano está testemunhando o começo de uma tendência ética favorável para a relação homem-animal. Não obstante, apesar das melhorias registradas, a qualidade dessa relação ainda é insatisfatória para muitos cães que vivem provavelmente em condições comprometedoras para o seu bem-estar.

Futuros estudos deverão comprometer-se em revelar conexões de alguns aspectos do ambiente psicossocial e o bem-estar do cão. Para tanto, devem considerar a sugestão de Duncan (1996, p.34) “Nós temos que inventar modos de perguntar para o animal o que ele sente sobre as condições debaixo das quais é mantido”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia consultada

1. ABRANTES, R. A. B. The expression of emotions in man and canid. *Journal of Small Animal. Praticce*, v. 28, p. 1030-1036, 1987.
2. AINSWORTH, M.D.S. Attachment beyond infancy. *American. Psychologist*, v. 44, 709-716, 1989.
3. AMATUZZI, M. M. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A.; de T.; HOLANDA A. F. *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega, 2001, 157 p.
4. AKIYAMA, H.; HOLTZMAN, J. M.; BRIM, W. E. Pet ownership and health status during bereavement. *Omega*, v. 17, p. 187-193, 1987.
5. ALBERT, A.; BULCROFT, K. Pets, Families, and the Life Course. *Journal of Marriage and the Family*, v. 50, p. 543-552, 1988.
6. ANDERSON, W. P.; REID, C. M.; JENNINGS, G. L. Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. *The Medical Journal of Australia*, v. 157, p. 298-301, 1992.
7. ANDERSON, R. W. Learning and evolution: A quantitative genetics approach. *Journal of theoretical biology*, v. 175, p. 89-101, 1995.
8. ANFAL – Associação Nacional dos fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação. Disponível em: <http://anfalpet.org.br/Site/principal.php?id_menu=6>. Acesso em: 25 mar. 2008.
9. ANJOS, L. A. . Índice de massa corporal (massa corporal, estrutura-2) como indicador do estado nutricional de adultos. *Revista de saúde pública*, v. 26, p. 431-436, 1992.
10. APANIUS, V. Stress and Immune Defense. *Advances in the Study of Behavior*, v. 27, p. 133-151, 1998.
11. ARCHER, A. Ethological motivational theory as a basis for assessing animal suffering. In: DAWKINS, M. S. From an animal's point of view: Motivation, fitness, and animal welfare. *Behavioral and Brain Science*, 13: 1-61, 1990. p. 12-13.
12. ARKOW, P. Child abuse, animal abuse, and the veterinarian. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 204, p. 1004-1007, 1994.
13. ASENSIO, L. J. *Técnicas de analisis de datos multidimensionales: bases teoricas y aplicaciones en agricultura*. Madrid: Ministerio de Agricultura Pesca y Alimentación, 1989. 301p.
14. ASTRUP, C. Pavlovian Concepts of Abnormal Behavior in Man and Animal. In: FOX, M. W. (ed.) *Abnormal Behavior in Animals*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1968. p. 117-128.
15. BARKER, S. B.; BARKER, R. T. The human-canine bond: closer than family ties. *Journal Mental Health Counsel*, v. 10, p. 45-56, 1988.

16. BAXTER, M. R. Needs Behavioural or Psychological? *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 345-347, 1988b.
17. BAXTER, M. R.; HUGHES, B.O. Discussion: proceedings from workshop on Needs Behavioural or Psychological? . *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 349-351, 1988a.
18. BEATA, C. Attachment: Processes, Disorders and Tools. In: WORLD CONGRESS OF THE WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION, 30th, 2005, Mexico City, Mexico. Disponível em: <<http://www.vin.com/proceedings/Proceedings.plx?CID=WSAVA2005&PID=11035&O=Generi>>. Acesso em: 06 jul. 2006.
19. BEAVER, B. V. Clinical classification of canine aggression. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 1, v. 35-44, 1983.
20. BECK, A. M.; KATCHER, A. H. A new look at pet-facilitated therapy. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 184. p. 414-421, 1984.
21. BECK, A. M, MEYERS, N. M. Health enhancement and companion animal ownership. *Annual Reviews Public Health*, v. 17, p. 247-257, 1996.
22. BEKOFF, M. Social Play and Play-Soliciting by Infant Canids. *American zoologist*, v. 14, p. 323-340, 1974 .
23. BEKOFF, M. *Encyclopedia of animal rights and animal welfare*. Connecticut: Greenwood Press, 1998. 472 p.
24. BENTHAM, J.; BURNS, J. H.; HART, H. L. A. *An introduction to the principles of morals and legislation*. Oxford: Clarendon Press, 1996. 343 p.
25. BERNE, E. *O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino*. São Paulo: Nobel, 1988. 357p.
26. BLACKSHAW, J. K. Developments in the study of human-animal relationships. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 1-6, 1996.
27. BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 199 p.
28. BORCHELT, P. L.; VOITH, V. L. 1986. Dominance aggression in dogs. *Compendium on Continuing Education for the Practicing Veterinarian*, v. 8, p. 36-44, 1986.
29. BOSSARD, J. H. S. The mental hygiene of owning a dog. *Mental Hygiene*, v. 28, p. 408-413, 1944.
30. BOWLBY, J. The making and breaking affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, v. 130, p. 201-10, 1977.
31. BOWLBY, J. *Apego e perda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 3v.
32. Breazile, J. E. Physiologic basis and consequences of distress in animals. *Journal of the American Veterinary Medical Association* 191, 1212-1215, 1987.

33. BRETHERTON, I. The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Development Psychology*, v. 28, p. 759-775, 1992.
34. BRIDGER, H. The changing role of pets in society. *Journal of Small Animal Practice*, v. 17, p. 1-8, 1976.
35. BROOM, D. M. Behaviour and welfare in relation to pathology. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 97, p. 73-83, 2006.
36. BROOM, D. M. Animal welfare defined in terms of attempts to cope with the environment. *Acta Agriculturae Scandinavica Supplementum*, v. 27, p. 22-28, 1996.
37. BROOM, D. M. Animal welfare: concepts and measurement. *Journal Animal Science*, v. 69, p. 4167-4175, 1991a.
38. BROOM, D. M. Assessing welfare and suffering. *Behavioural Processes*, v. 25, p. 117-123, 1991b.
39. BROOM, D. M. Indicators of poor welfare. *British Veterinary Journal*, v. 142, p. 524-525, 1986.
40. BROOM, D. M. Needs, freedoms and the assessment of welfare. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 384-386, 1988a.
41. BROOM, D. M. Welfare, Stress, and the Evolution of Feelings. *Advances in the Study of Behavior*, v. 27, p. 371-403, 1998.
42. BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas – revisão. *Archives of Veterinary Science*, v. 9, p. 1-11, 2004.
43. BROOM, D. M.; FRASER, A. F. *Domestic Animal Behaviour and Welfare*. 4. ed. Oxfordshire: CABI International, 2007. 438 p.
44. BROOM, D. M.; JOHNSON, K. G. *Stress and animal Welfare*. London: Chapman and Hall, 1993. 211 p.
45. BROOM, D. M. The Scientific Assessment of Animal Welfare. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 20, p. 5-19, 1988b.
46. BROWN, C. T.; SHAW, T. G.; KIRKLAND, K. D. Affection for people as a function of affection for dogs. *Psychological Report*, v. 31, p. 957-958, 1972.
47. BULCROFT, K. Pets in the American Family. *People, Animals, Environment*, v. 8, p. 13-14, 1990.
48. BURCHFIELD, S. R. The stress response: a new perspective. *Psychosomatic Medicine*. v. 41, p. 661-672, 1979.
49. BUDD, R. W.; THORP, R. K.; DONOHEW, L. *Content Analysis of Communications*. New York: McMillan, 1967. 147 p.
50. CABANAC, M. Sensory pleasure. *The Quarterly Review of Biology*, v. 54, p. 1-29, 1979.
51. CAMPBELL, W. E.; WARREN, D. F. *Behavior problems in dogs*.

- Santa Barbara: American Veterinary, 1975. 306p.
52. CANNON, J. G.; KLUGER, M. J. Exercise enhances survival rate in mice infected with *Salmonella typhimurium*. *Proceedings of the Society for Experimental Biology and Medicine*, v. 175, p. 518-521, 1984.
53. CANNON, W. B. *A sabedoria do corpo*. São Paulo: Nacional, 1946. 267p.
54. CARTHY, J. D. *Comportamento animal*. São Paulo: EPU/Universidade de São Paulo, 1980. 79 p. (Temas de biologia, 14).
55. CASE, L. P. *The dog: its behavior, nutrition and health*. Ames: Iowa State Press, 1999. 383 p.
56. CHAPMAN, R. C. On the neurobiological basis of suffering.
- In: DAWKINS, M. S. From an animal's point of view: motivation, fitness, and animal welfare. *Behavioral and Brain Science*, v. 13, p. 1-61, 1990.
57. CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 240 p.
58. CHUNG, T. *Qualidade começa em mim: manual neurolingüístico de liderança e comunicação*. 5. ed. São Paulo: Maltese, 1997. 301 p.
59. CHURCH, M. R. T.; CHURCH, J. C. T. Olfactory detection of human bladder cancer by dogs: proof of principle study. *British Medical Journal*, v. 329, p. 712-717, 2004.
60. CLARK G. I.; BOYER W. N. The effects of dog obedience training and behavioral counselling upon the human-canine relationship. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 37, p. 147-159, 1993.
61. CLARK, J. D.; RAGER, D. R.; CALPIN, J. P. Animal well-being I. General considerations. *Laboratory Animal Science*, v. 47, p. 564-570, 1997a.
62. CLARK, J. D.; RAGER, D. R.; CALPIN, J. P. Animal well-being III. An overview of assessment. *Laboratory Animal Science*, v. 47, p. 580-585, 1997b.
63. CLUTTON-BROCK, J. Origins, of the dog: domestication and early history. In: SERPELL, J. (Ed.) *The domestic dog: its evolution, behaviour and interaction with people*. 10 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 268 p.
64. COPPINGER, R.; COPPINGER, L. *Dogs: a new understanding of canine origin, behavior and evolution*. New York: Scribner, 2002. 352 p.
65. CORSON, S. A., CORSON, E. O. L. Companion animals as bonding catalysts in geriatric institutions. In: Fogle, B. (Ed.) *Interrelations Between People and Pets*. Springfield: Charles C. Thomas, 1981. p. 146-174.
66. CRMV. *Manual de Legislação*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Medicina Veterinária, 2001. 123p.

67. CROWLEY-ROBSON, P.; FENWICK, D. C.; BLACKSHAW, J. K. A long-term study of elderly people in nursing homes with visiting and resident dogs. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 137-148, 1996.
68. DAMAN, R. S. Novel therapeutic approaches beyond the serotonin receptor. *Biological psychiatry*, v. 44, p. 324-335, 1988.
69. DANNEMAN, P. J. History-Talking and Interviewing Techniques. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 12, p. 587-592, 1982.
70. DANTEZER, R. Animal Welfare methodology and criteria. *Revue Scientifique et Technique Office International des Epizooties*, v. 13, p. 291-302, 1994.
71. DANTZER, R.; MORMEDE, P. Stress in farm animals: a need for reevaluation. *Journal Animal Science*, v. 57, p. 6-18, 1983.
72. DARWIN, C.; LORENZ, K. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 376 p.
73. DAWKINS, M. S. Do hens suffer in battery cages? Environmental preferences and welfare. *Animal Behaviour*, v. 25, p. 1034-1046, 1977.
74. DAWKINS, M. S. Battery hens name their price: consumer demand theory and the measurement of ethological "needs". *Animal Behaviour*, v. 31, p. 1195-1205, 1983.
75. DAWKINS, M. S. Behavioural deprivation: a central problem in animal welfare. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 20, p. 209-225, 1988.
76. DAWKINS, M. S. From an animal's point of view: Motivation, fitness, and animal welfare. *Behavioral and Brain Science*, v. 13, p. 1-61, 1990.
77. De KRUIPF, H. A. Extrapolation through hierarchical levels. *Comparative Biochemistry and Physiology*, v. 100, p. 291-299, 1991.
78. DEAG, J. M. *O comportamento social dos animais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 118 p.
79. DeFRIES, J. C.; WEIR, M. W.; HEGMANN, J. P. Differential effects of prenatal maternal stress on offspring behavior in mice as a function of genotype and stress. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, v. 63, p. 332-334, 1967.
80. DENENBERG, V. H.; MORTON, J. R. C. Effects of environmental complexity and social groupings upon modification of emotional behavior. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, v. 55, p. 242-246, 1962.
81. DEWEY, J. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. 3. ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1959. 292 p.
82. DEWEY, J. *Experiencia e natureza; Lógica : a teoria da*

- investigação ; A arte como experiência ; Vida e educação; Teoria da vida moral.* São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1980. 318p.
83. DOBBING, J.; PATH, M. R. C.; SMART, J. L. Vulnerability of developing brain and behavior, *British Medical Bulletin*, v. 30, p. 164-168, 1974.
84. DUNCAN I. J. H.; WOOD-GUSH, D. G. M. Frustration and aggression in the domestic fowl. *Animal Behaviour*, v. 19, p. 500-504, 1971.
85. DUNCAN I. J. H. Animal rights-animal welfare: a scientist's assessment. *Poultry Science*, v. 60, p. 489-499, 1981.
86. DUNCAN, I. J. H.; PETHERICK, J. C. Cognition: the implications for animal welfare. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 24, p. 81, 1989.
87. DUNCAN, I. J. H. Animal welfare defined in terms of feelings. *Acta Agriculturae Scandinavica Supplementum*, v.27, p. 29-35, 1996.
88. DUNCAN, I. J. H.; PETHERICK, J. C. The implications of cognitive processes for animal welfare. *Journal Animal Science*, v. 69, p. 5017-5022, 1991.
89. ELLIOT, D. A. *Técnicas para avaliar a composição corporal em cães e gatos.* *WALTHAM Focus*, v. 16, p. 16-20, 2006.
90. FARACO, C. B. A relação homem - animal e a prática veterinária. *Revista CFMV*, n. 32, p. 57-61, 2004.
91. FATJÓ, J. ; AMAT, M. MANTECA, X. Agresion and Hipothroidism. *JVMA*, v. 223, p. 623-626, 2003.
92. FOGLE, B. *100 perguntas que seu cão faria ao veterinário (se ele pudesse falar...)*. São Paulo: Nobel, 1995. 141 p.
93. FOX, M. W. Environmental factors influencing stereotyped and allelomimetic behavior in animals. *Laboratory Animal Care*, v. 15, p. 363-370, 1965.
94. FOX, M. W. A call for common understanding of animal welfare, animals, rights, and animal well-being. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 196, p. 832-834, 1990.
95. FOX, M. W. Psychopathology in Man and Lower Animals. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 159, p. 66-77, 1971.
96. FOX, M. W. Introduction: the concepts of normal and abnormal behavior. In: _____. *Abnormal Behavior in Animals*. Philadelphia; W.B. Saunders Company, 1968a. p. 1-5.
97. FOX, M. W. Socialization, environmental factors and abnormal behavioral development in animals. In: _____. *Abnormal Behavior in Animals*. Philadelphia; W.B. Saunders Company, 1968b. p. 332-355.
98. FOX, M. W.; STELZNER, D. development of inter- and Effects

- of early experience on the intraspecies social relationships in the dog. *Animal Behaviour*, v. 15, p. 377-386, 1967.
99. FRASER, A. F.; BROOM, D. M. *Farm animal behaviour and welfare*. 3. ed. Wallingford: CAB International, 1997. 437 p.
 100. FRIEDMANN, E.; KATCHER, A. H.; LYNCH, J. J. et al. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, v. 95, p. 307-312, 1980.
 101. FRIEDMANN, E.; KATCHER, A. H.; THOMAS, S. A. et al. Social Interaction and Blood Pressure-Influence of Animal companions. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 171, p. 461-465, 1983.
 102. FULLER, J. L. Experiential Deprivation and Later Behavior. *Science*, v. 158, p.1645-1652, 1967.
 103. GARRITY, T. F.; STALLONES, L.; MARX, M. B. et al. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoos*, v. 3, p. 35-44, 1989.
 104. GERMAN, A. Riscos clínicos associados à obesidade em animais de companhia. *Waltham Focus*, v. 16, p. 21-26, 2006.
 105. GODALL, J. *In the Shadow of Man*. Boston: Houghton Mifflin, 1971, 304 p.
 106. GRIFFIN, J. F. T. Stress and immunity: a unifying concept. *Veterinary Immunology and Immunopathology*, v. 20, p. 263-312, 1989.
 107. GROSS, W. B.; COLMANO, G. The effect of social isolation on resistance to infectious diseases. *Poultry Science*, v. 48, p. 514-520, 1969.
 108. GUILHERMINO, M.; SAMPAIO, I. B. M. An approach to the characterization of english and welshdairy farmers as to progressiveness and attitude toward Computerized Information Systems. *Archivo Latinoamericano de Produccion Animal*, v. 7, p. 53-61, 1999.
 109. HART, L. A.; LEE ZASLOFF, R.; BENFATTO, A. M. The socializing role of hearing dogs. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 7-15, 1996.
 110. HARVEY, R. Obesidade canina e felina. *Waltham Focus*, v. 16, p. 2-9, 2006.
 111. HEILIGENBERG, W. A quantitative analysis of digging movements and their relationship to aggressive behaviour in cichlids. *Animal Behaviour*, v. 13, p. 163-170, 1965.
 112. HEIMAN, M. Psychoanalytic observations on the relationship of pets and Man. *Veterinary Medicine/Small Animal Clinician*, v. 60, p. 713-718, 1965.
 113. HOFER, H.; EAST, M. L. Biological Conservation and Stress. *Advances in the Study of Behavior*, v. 27, p. 405-526, 1998.

114. HUGHES, B. O. Discussion 2 . In: proceedings from workshop on behavioural needs. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 356-367, 1988.
115. HUGHES, B. O.; DUNCAN, I. J. H. Behavioural needs: can they be explained in terms of motivational models? *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 352-355, 1988a.
116. HUGHES, B. O.; DUNCAN, I. J. H. The notion of ethological 'need', models of motivation and animal welfare. *Animal Behaviour*, v. 36, p. 1696-1707, 1988b.
117. HUNT, S. J.; HART, L. A.; GOMULKIEWICZ, R. Role of small Animals in Social Interactions Between Strangers. *The Journal of Social Psychology*, v. 132, p. 245-256, 1992.
118. HURNIK, J. E. Welfare of farm animals. *Applied Animal Behaviour Science* , v. 20, p. 105-117, 1988.
119. HURST, J. L.; BARNARD, C. J.; HARE, R. et al. Housing and welfare in laboratory rats: Time budgeting and pathophysiology in single-sex groups. *Animal Behaviour*, v. 52, p. 335-360, 1996.
120. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico de 2000. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm> >. Acesso em 11 abr. 2008.
121. JAGOE, A.; SERPELL, J. Owner characteristics and interactions and the prevalence of canine behaviour problems. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 31-42, 1996.
122. JENSEN, P.; TOATES, F. M. Who needs 'behavioural needs'? Motivational aspects of the needs of animals. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 37, p. 161-181, 1993.
123. JONES, K. L. *Law, and Conscience*. London : Rutledge and Kegan Paul, 1955. 240p.
124. KAGAN, A. R.; LEVI, L. Health and environment - psychosocial stimuli: a review. *Social Science And Medicine*, v. 8, p. 225-241, 1974.
125. KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. *Fundamentos da neurociência e do comportamento*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1997. 591p.
126. KATCHER, A. H.; BECK, A. M. Health and caring for living things. In: _____. *Animals and People Sharing the World*. New Hampshire: University Press of New England, 1988. p. 53-73.
127. KATCHER, A.H.; FRIEDMANN, E.; BECK, A.M. et al. Looking, talking, and blood pressure: The physiological consequences of interaction with the living environment. In: _____. (Ed. A.H. Katcher and A.M. Beck). *New Perspectives on Our Lives with Companion Animals*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983. p. 351-362.
128. KEDDIE, K. M. Pathological mourning after the death of a

- domestic pet. *British Journal of Psychiatry*, v. 131, p. 21-25, 1977.
129. KIDD, A. H.; KIDD, R. M. Personality characteristics and preferences in pet ownership. *Psychological Report*, v. 46, p. 939-949, 1980.
130. KIDD, A. H.; KIDD, R. M. Children Attitudes toward their Pets. *Psychological Reports*, v. 57, p. 15-31, 1985.
131. Knol, B. W. Social problem behavior in dogs - etiology and pathogenesis. *Veterinary Quarterly* 16 (Suppl 1):S50, 1994.
132. KITCHEN, H.; ARONSON, A.L.; BITTLE, J.L. et al. Panel report on the Colloquium on Recognition and Alleviation of Animal Pain and Distress. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 191, p. 1186-1191, 1987.
133. KRETSCHMER, W. Valor do eu e sentido da vida. In: FRANKL, V. E. *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petropolis: Vozes, 1990. 150p.
134. KURTSIN, I. T. Physiological mechanisms of behavior disturbances and corticovisceral interrelations in animals. In: FOX, M.W. *Abnormal Behavior in Animals*. Philadelphia; W.B. Saunders Company, 1968. 107-116 p.
135. LAFLAMME, D. P. Development and validation of a body condition score system for dogs. *Canine Practice*, v.22, p.10-15, 1997.
136. LANDSBERG, G. M. The distribution of canine behavior wraps to three practices of indication of behavior. *Veterinary Medicine*, v. 86, p. 1081-1089, 1991.
137. LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. *Problemas de Comportamento do Cão e do Gato*. São Paulo: Roca, 2005. 492p.
138. LANE, D. R.; MCNICHOLAS, J.; COLLIS, G.M. Dogs for the disabled: benefits to recipients and welfare of the dog. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 59, p. 49-60, 1998.
139. LANTZMAN, M. *O cão e sua família: temas de amor e agressividade*. 2004. 238p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
140. LAWTON, M. E.; MOSS, M.; MOLES, E. Pet ownership: A research note. *Gerontologist*, v. 24, p. 208-210, 1984.
141. LEDGER, R.A. Owner and dog characteristics: their effects in the success of the owner-dog relationship. Part 1: owner attachment and owner success. *Veterinary International*, v. 11, p. 2-10, 2000.
142. LEE ZASLOFF, R. Measuring attachment to companion animals: a dog is not a cat is not a bird. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 43-48, 1996.
143. LEE, D. R. Pet Therapy – Helping

- Patients Through Troubled Times. *California Veterinarian*, v. 5, p. 24-25,30, 1983.
144. LEVINE, S. Plasma free corticosteroid response to electric shock in rats stimulated in infancy. *Science*, v. 135, p. 795-6, 1962.
145. LEVINE, S. Maternal and environmental influences on the adrenocortical response to stress in weanling rats. *Science*, v. 156, p. 258-60, 1967.
146. LEVINSON, B. M. Pets and personality development. *Psychological Reports*, v. 42, p. 1031-1038, 1978.
147. LEVINSON, B. M. Pets, child development, and mental illness. *Journal of the American Veterinary Association*, v. 157, p. 1759-1766, 1970.
148. LEVINSON, B. M. The dog as a "co-therapist". *Mental Hygiene*, v. 46, p. 59-65, 1962.
149. LEVINSON, B. M. The pet and the child's bereavement. *Mental Hygiene*, v. 51, p. 197-200, 1967.
150. LOCKWOOD, R.; BECK, A. M. Dog bites among letter carriers in St. Louis. *Public Health Reports*, v. 90, p. 267-9, 1975.
151. LORENZ, K. Os fundamentos da etologia. São Paulo: UNESP, 1993. 466 p.
152. LOYOLA, M. A. *Médicos e curandeiros : conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984. 198p.
153. LUND, E. M.; ARMSTRONG, A. P. J.; KIRK, C. A. et al. Health status and population characteristics of dogs and cats examined at private veterinary practices in the United States. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 214, p. 1336-41, 1999.
154. LYNCH, J. J.; MCCARTHY, J. F. Social responding in dogs: heart rate changes to a person. *Psychophysiology*, v.5, p. 389-93, 1969.
155. MAESTRIPIERI, D.; SCHINO, G.; AURELI, F. et al. A modest proposal: Displacement activities as an indicator of emotions in primates. *Animal Behaviour*, v. 44, p. 967-979, 1992.
156. MANNING, S. A.; ROSENSTOCK, E. H. *Elaboración de Escalas de Atitudes y Psicofísica Clásica*. México: Trilhas, 1971. 128 p.
157. MARDER, A. R.; MARDER, L. R. Human-Companion Animal Relationships and Animal Behavior Problems. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 15, p. 411-422, 1985.
158. MARKS, S. G.; KOEPKE, J. E.; BRADLEY, C. L. Pet attachment and generativity among young adults. *The Journal of Psychology*, v. 128, p. 641-650, 1994.
159. MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. 3. ed. New York: Harper Collins Publishers, 1987. 293 p.

160. MASON, G. J. Stereotypes: A critical review. *Animal Behaviour*, v. 41, p. 1015-1037, 1991.
161. McNICHOLAS, J.; GILBEY, A.; RENNIE, A. et al. Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. *British Medical Journal*, v. 31, p. 1252-1254, 2005.
162. McNICHOLAS, J.; Collis, G.M. Dogs as catalysts for social interactions: robustness of the effect. *British Journal of Psychology*, v. 91, p. 61-70, 2000.
163. MELITO, I. "Stress" e comportamento. Encontro Paulista de Etologia, 1., 1983, Jaboticabal, SP. Anais... Jaboticabal: Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinária, 1983. v. 1. p. 236-254.
164. MELSON, G. F.; SCHWARZ, R. L.; BECK, A. M. Importance of companion animals in children's lives-implications for veterinary practice. *Journal of the American Veterinary Association*, v. 211, p. 1512-1518, 1997.
165. MENDEL, M. Some problems with the concept of a cut-off point for determining when an animal's welfare is at risk. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 31, p. 139-46, 1991.
166. MESSENT, P. R. A Review of Recent Developments in Human-Companion Animal Studies. *California Veterinarian*, v. 5, p. 26-31, 1983a.
167. MESSENT, P. R. Facilitation of social interaction by companion animals. In: A.H. Katcher and A.M. Beck (Ed.) *New Perspective on our Lives with Companion Animals*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983b. p. 37-46.
168. MIKLOSI, A.; PONGRDCZ, P.; LAKATOS, G. et al. A comparative study of the use of visual communicative signals in interactions between dogs (*Canis familiaris*) and humans and cats (*Felis catus*) and humans. *Journal of Comparative Psychology*, v. 119, p. 179-186, 2005.
169. MILLER, L. C.; BARD, K. A.; JUNO, C. J. et al. Behavioral responsiveness of young chimpanzees (*Pan troglodytes*) to a novel environment. *Folia Primatologica*, v. 47, p. 128-142, 1986.
170. MILLER, L. C.; BARD, K. A.; JUNO, C. J. et al. Behavioral responsiveness to strangers in young chimpanzees (*Pan troglodytes*). *Folia Primatologica*, v. 55, p. 142-155, 1990.
171. MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 269p.
172. MOBERG, G. P.; MENCH, J. A. *The biology of animal stress: basic principles and implications for animal welfare*. Wallingford: CABI Pub., 2000. 377 p.
173. MOODY, W. J.; FENWICK, D. C.; BLACKSHAW, J. K. Pitfalls of studies designed to test the effect pets have on the cardiovascular parameters of their owners in the home situation: a pilot study.

- Applied Animal Behaviour Science*, v.47, p. 127-136, 1996.
174. MORTON, D. B.; GRIFFITHS, P. H. M. Guidelines on the recognition of pain, distress and discomfort in experimental animals and an hypothesis for assessment. *Veterinary Record*, v. 116, p. 431-436, 1985.
175. MUCCHIELLI, R. *A entrevista não-diretiva*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 186p.
176. MUGFORD, R. Canine Behavioral therapy. In: SERPELL, J. *The domestic dog: its evolution, behaviour and interaction with people*. 10 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 139-152.
177. MUSCHEL, I. Pet therapy with terminal cancer patients. *Social Casework*, v. 65, p. 451-458, 1984.
178. MÜLLER, D. C. de M. *Adaptação do índice de massa corporal Humano para cães*. 2007. 32 p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
179. NICOL, C. J. Behavioural responses of laying hens following a period of spatial restriction. *Animal Behaviour*, v. 35, p. 1709-1719, 1987.
180. NOVAK, M. A.; SUOMI, S. J. Psychological well-being of primates in captivity. *American Psychologist*, v. 43, p. 765-773, 1988.
181. O'FARREL, V. Owner attitudes and dog behaviour problems. *Journal of Small Animal Practice*, v. 28, p. 1037-1045, 1987.
182. ODENDAAL, J. S. J. Veterinary ethology and animal welfare. *Revue Scientifique et Technique Office International des Epizooties*. v. 13, p. 261-275, 1994.
183. ODENDAAL, J. S. J. A diagnostic classification of problem behavior in dogs and cats. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 27, p. 427-443, 1997.
184. ODUM, E. P.; FINN, J. T.; FRANZ, E. H. Perturbation theory and the subsidy stress gradient. *BioScience*, v. 29, p. 349-352, 1979.
185. OLIVEIRA, L. M. Deficiências nutricionais e comportamento. In: ENCONTRO PAULISTA DE ETOLOGIA, 1., 1983, Jaboticabal, SP. Anais... Jaboticabal: Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinária, 1983. v. 1, p. 236.
186. OVERALL, K. L. *Clinical Behavioral Medicine for Small Animals*. Philadelphia: Mosby, 1997. 544 p.
187. OVERALL, K. L. Medical differentials with potential behavioral manifestations. *Veterinary Clinics Small Animal*, v. 33, p. 213-229, 2003.
188. PARSLOW, R. A., JORN, A.F., CHRISTENSEN, H. et al. Pet ownership and health in older adults: findings from a survey of 2551 community based Australians

- aged 60-64. *Gerontology*, v. 51, p. 40-47, 2005.
189. PARSONS, P. A. Evolutionary rates: Stress and species boundaries. *Annual Review of Ecology and Systematics*, v. 22, p. 1-16, 1991.
190. PARSONS, P. A. Rapid development and a long life: An association expected under a stress theory of ageing. *Experientia*, v. 52, p. 643-646, 1996.
191. PATERSON, A. M.; PEARCE, G. P. Growth response to humans and corticosteroids in male pigs housed individually and subjected to pleasant, unpleasent or minimal handling during rearing. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 34, p. 315-328, 1992.
192. PATRONEK, G. J.; GLICKMAN, L. T. Pet ownership protects the risks and consequences of coronary heart disease. *Medical Hypotheses*, v. 40, p. 245-49, 1993.
193. PAUL, E. S.; SERPELL, J. A. Obtaining a new pet dog: Effects on middle childhood children and their families. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 17-29, 1996.
194. PAVLOV, I. *Petrovitch. Psicopatologia y psiquiatria : psicofisiologia experimental, reflexologia y tipologia, problemas y aplicaciones*. Madrid: Ediciones Morata, 1967. 402p.
195. PBH. Prefeitura de Belo Horizonte, Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/smsa/>> Acesso em: 11 abr. 2008.
196. PETTIJOHN, T. F.; WONT, T. W.; EBERT, P. D. et al. Alleviation of separation distress in 3 breeds of young dogs. *Developmental Psychobiology*, v. 10, p. 373-381, 1977.
197. PODBERSCEK, A. L. Positive and Negative Aspects of our Relationship with Companion Animals. *Veterinary Research Communication*, v. 30 (Suppl.I), p. 21-27, 2006.
198. PORESKEY, R. H.; HENDRIX, C.; MOSIER, J. E. et al. Children's pets and adults' self-concepts. *The Journal of Psychology*, p. 122, p. 463-469, 1987.
199. REISNER I. R. The pathophysiologic basis of behavior problems. *Veterinary Clinics of North America, Small Animal Practice* 21, 207-224, 1991.
200. RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social:métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.
201. ROBB, S. S.; STEGMAN, C. E. Companion animals and elderly people: A challenge for evaluators of social support. *Gerontologist*, v. 23, p. 277-282, 1983.
202. ROBERTS, T. W. Human-pet bonding and family functioning: a systems approach. *Family Science Review*, v. 7, p.67-77, 1994.
203. ROWAN, A. N. Animal Anxiety and Animal Suffering. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 20, p. 135-142, 1988.
204. ROYAL CANIN. *Enciclopédia do Cão*. Paris: Aiwa, 2001. 635 p.

205. RYNEARSON, E. K. Humans and Pets and Attachment. *British Journal of Psychology*, v. 33, p. 550-555, 1978.
206. SABLE, P. Attachment, anxiety and loss of a husband. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 59, p. 550-556, 1989.
207. SABLE, P. Pets, Attachment, and Well-being across the Life Cycle. *Social Work*, v. 40, p. 334-341, 1995.
208. SAMPAIO, I. B. M. *Relatório das atividades de pós-doutorado desenvolvidas no período de 03/09/92 a 04/03/93*. [Belo Horizonte]: Ivan B. M. Sampaio, 1993. 1 v.
209. SCOTT, J. P. Critical periods in behavioral development. *Science*, v. 138, p. 949-958, 1962.
210. SCOTT, J. P.; FULLER, J. L. *Genetics and the social behavior of the dog*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. 468 p.
211. SEAY, B. M.; HARLOW, H. F. Maternal separation in the rhesus monkey. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 140, p. 434-441, 1965.
212. SELBY, L. A.; RHOADES, J. D. Attitudes of the public towards dogs and cats as companion animals. *Journal Of Small Animal Practic.*, v. 22, p. 129-137, 1981.
213. SELYE, H. *The stress of life*. New York: McGraw-Hill, 1956. 324p.
214. SERPEL, J. From paragon to pariah: some reflections on human attitudes to dogs. In: _____. (Ed.) *The domestic dog: its evolution, behaviour and interaction with people*. 10. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 145 - 156.
215. SERPELL, J. Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behaviour. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 84, p. 717-720, 1991.
216. SERPELL, J.; JAGOE, J. Early experience and the development of behaviour. In: SERPELL, J. *The domestic dog: its evolution, behaviour and interaction with people*. 10. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 79-102.
217. SIEGEL, A. Reaching severely withdrawn through pet therapy. *American journal of Psychiatry*, v. 118, p. 1045-6, 1962.
218. SIEGEL, J. M. Stressful Life Events and Use of Physician Services Among the Elredy: The Moderation Role of Pet Ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 58, p. 1081-1086, 1990.
219. SILVA, M. A. D. *Quem ama não adoce*. 3. ed. São Paulo: Circulo do Livro, 1994. 376p.
220. SINGER, P. *Vida ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 420 p.
221. SPECK, R. V. The transfer of illness phenomenon in schizophrenic families. In: Friedman AS, (ed.) *Psychotherapy for the whole family in home and*

- clinic*. New York: Springer, 1965. p. 293-304.
222. TANNENBAUM, J. Ethics and animal welfare: The inextricable connection. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 198, p. 1360-1377, 1991.
223. THOMPSON, W. R. Influence of prenatal and maternal anxiety on emotionality in young rats. *Science*, v. 125, p. 698-699, 1957.
224. THORNHILL, R.; FURLOW, B. Stress and Human Reproductive Behavior: Attractiveness, Women's Sexual Development, Postpartum Depression, and Baby's Cry. *Advances in the Study of Behavior*, v. 27, p. 319- 370, 1998.
225. TISCHLER, J. S. A. Veterinarians: The Sleeping Beauties of the-Animal Rights Movement. *California Veterinarian*, v. 1, p. 27, 28, 100, 1983.
226. TOPÁL, J.; MIKLOSI, Á.; CSÁNYI, V. et al. Attachment Behavior in Dogs (*Canis familiaris*): A New Application of Ainsworth's (1969) Strange Situation Test. *Journal of Comparative Psychology Association*, v. 112, p. 219-229, 1998.
227. TRONTO, J. C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. *Genero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 348 p.
228. VOITH, V. L. Diagnosing dominance aggression. *Modern Veterinary Practice*, v. 62, p. 717-718, 1981.
229. VOITH, V. L. Profile of 100 animal behavior cases. *Modern Veterinary Practice*, v. 62, p. 483-484, 1985.
230. VOITH, V. L.; BORCHELT, P. L. Diagnosis and Treatment of Dominance Aggression in dogs. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v. 12, p. 655-663, 1982.
231. VOITH, V. L.; WRIGHT, J. C.; DANNEMAN, P. J. Is there a relationship between canine behavior problems and spoiling activities, anthropomorphism, and obedience training? *Applied Animal Behaviour Science*, v. 34, p. 263-272, 1992.
232. von HOLST, D. The concept of Stress and Relevance for Animal Behavior. *Advances in the Study of Behavior*, v. 27, p. 1-132, 1998.
233. WEBSTER, J. *Animal welfare. A cool eye towards Eden*. Oxford: Blackwell Scientific, 1995. 296 p.
234. WEISS, J. M. Effects of coping behaviour in different warning signal conditions on stress pathology in rats. *Journal of Comparative and Physiology Psychology*, v. 77, p. 1-13, 1971.
235. WHIMBEY, A. E.; DENENBERG, V. H. Two independent behavioral dimensions in open-field performance. *Journal of Comparative Physiological Psychology*, v. 63, p. 500-4; 1967.

236. WIEPKEMA, P. R. (1985). Abnormal behaviour in farm animals: Ethological implications. *Netherlands Journal Zoology*, v. 35, p. 279-289, 1985.
237. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Belo horizonte. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte>. Acesso em: 10 abr. 2008.
238. WISE, J. K.; HEATHCOTT, B. L.; SHEPHERD, A. J. Results of the 2002 AVMA survey of US pet-owning households regarding use of veterinary services and expenditures. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. p. 222, 1524-1525, 2003.
239. WOLFLE, T. L. Control of stress using non-drug approaches, *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 191, p. 1219-21, 1987.
240. WOOLPY, J. H. E.; GINSBURG, B. E. Socialização de lobo: um estudo de temperamento em umas espécies selvagens. *American zoologist*, v. 7, p. 357-364, 1967.
241. WRIGHT, J.; NESSELROTE, M. S. Classification of Behavior Problems in Dogs: Distribution of Age, Breed, Sex and Reproductive Status. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 19, p. 169-178, 1987.
242. ZIMBARDO, P. G.; EBBERSEN, E. B. Técnicas para mensuração de atitudes. In:____. *Influencia em*

Atitudes e Modificação de Comportamento. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. Apêndice A, p.125.

Bibliografia citada

1. CORSON, S. A., CORSON, E. O. L. Companion animals as bonding catalysts in geriatric institutions. In: FOGLE, B. (ed.) *Interrelations Between People and Pets*. Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1981. p. 146-174.
2. HARRISON, R. *Animal machines*. London: Vincent Stuart, 1964.
3. HUGHES, B. O. The assessment of behavioural needs. In: Moss, R. (ed) *The Laying Hen and its Environment*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1980. p. 149-166.
4. JONES, K. Lunacy, Law, and Conscience. London: Rutledge and Kegan Paul, 1955.
5. SPECK, R. V. The transfer of illness phenomenon in schizophrenic families. In: Friedman, A. S. (ed.). *Psychotherapy for the whole family in home and clinic*. New York: Springer, 1965. p. 293-304.
6. WESSELS, D. T. Family psychotherapy methodology: a model for veterinarians and clinicians. In: Kay, W. J. et al. (ed.) *Pet Loss and Human Bereavement*. Ames: Iowa State University Press, 1984. p. 175-184

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa cujo objetivo é investigar e caracterizar a relação homem-animal na Região Administrativa Pampulha da cidade de Belo Horizonte.

Esta pesquisa conduzida pela médica veterinária Sheila Regina Andrade Ferreira, sob a orientação do Professor Ivan Barbosa Machado Sampaio, está vinculada à sua Tese de Doutorado desenvolvida na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

Os dados obtidos serão mantidos sob completo sigilo quanto a sua procedência. Estes registros, sob a forma de dados estatísticos, poderão ser utilizados posteriormente em encontros científicos e acadêmicos.

Declaro que li o presente documento e recebi informações claras sobre os objetivos da pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____

Assinatura do proprietário do animal

Esse projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Experimentação em Animal - **CETEA** e pelo Comitê de Ética em Pesquisa - **COEP**
Telefones: CETEA (3499- 4516) COEEP (3499- 4592)
Endereços eletrônicos: cetea@ prpq.ufmg.br - coep@prpq.ufmg.br
Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005.
Campus Pampulha – Pampulha – Belo Horizonte – CEP 31270-901

ANEXO 2

Formulário referente à identificação do cão e a caracterização socioeconômica

Identificação do Proprietário

Data : Número do proprietário:
Nome do proprietário:
Endereço: Telefone:

Identificação do cão

01. Nome do cão:..... 02. Sexo () 03. Raça:
04. Idade:.....

Caracterização socioeconômica

2. Sexo do proprietário: () masculino () feminino

3. Estado civil:

3.1 () Solteiro

3.2 () Casado

3.3 () Outros

Numero de pessoas no domicilio:

4.1 _____ Adulto

4.2 _____ Criança

4.3 _____ Adolescente

5. Renda familiar (Segundo critério da ANEP)

5.1 () Classe A1 - R\$ 7.793

5.2 () Classe A2 - R\$ 4.648

5.3 () Classe B1 - R\$ 2.864

5.4 () Classe B2 - R\$ 1.669

5.5 () Classe C - R\$ 927

5.6 () Classe D - R\$ 424

5.7 () Classe E - R\$ 267

6. Escolaridade do proprietário (Segundo critério da ANEP)

6.1 () Primário completo / Ginásial incompleto

6.2 () Ginásial completo / Colegial incompleto

6.3 () Colegial completo/ Superior incompleto

6.4 () Superior completo

7. Tipo de habitação: () Casa () Apartamento

8. Tem outros animais de estimação? () Sim () Não

ANEXO 3

Formulário referente ao sistema de criação (perguntas e observações)

1. Espaço disponível: satisfatório insatisfatório
2. Liberdade do animal: livre
 acorrentado
 canil
3. Acesso às dependências internas da residência: sim não
4. Local onde dorme: dependências internas dependências externas
5. Permanência em domicílio: domiciliado semi-domiciliado
6. Manejo alimentar satisfatório insatisfatório
 ração comida caseira
7. Higienização correta do local onde urina e defeca: satisfatório insatisfatório
8. Higienização do local onde dormem: satisfatório insatisfatório
9. Frequência de banho: satisfatório insatisfatório
10. Imunização contra raiva: sim não
11. Imunização contra outras doenças infecciosas: sim não
12. Vermifugação: sim não
13. Controle de parasitos externos: sim não
14. Tratamento respeitoso: satisfatório insatisfatório
15. Ensejo para brincadeira e exercício diários: satisfatório insatisfatório
16. Ensejo para passeios: satisfatório insatisfatório

ANEXO 4

Formulário referente à avaliação física e comportamental do animal

(Perguntas a observações)

Avaliação do animal I - Avaliação corporal: ideal inapropriada

Avaliação do animal II - Índole: manso agressivo

Avaliação do animal III - Estado de tranqüilidade: tranqüilo intranqüilo

ANEXO 5

QUESTIONÁRIO

Proprietário Tradicional

1. O cão é um animal, deve ser tratado como qualquer outro animal de criação.
 - 1.1 () discordo totalmente
 - 1.2 () discordo parcialmente
 - 1.3 () discordo um pouco
 - 1.4 () não sei
 - 1.5 () concordo um pouco
 - 1.6 () concordo parcialmente
 - 1.7 () concordo totalmente

2. É o caráter do animal que define a qualidade da relação homem-animal.
 - 2.1 () discordo totalmente
 - 2.2 () discordo parcialmente
 - 2.3 () discordo um pouco
 - 2.4 () não sei
 - 2.5 () concordo um pouco
 - 2.6 () concordo parcialmente
 - 2.7 () concordo totalmente

3. Eu sou um proprietário tradicional. O conhecimento adquirido durante a minha vivência é suficiente para criar corretamente o meu cão.
 - 3.1 () discordo totalmente
 - 3.2 () discordo parcialmente
 - 3.3 () discordo um pouco
 - 3.4 () não sei
 - 3.5 () concordo um pouco
 - 3.6 () concordo parcialmente
 - 3.7 () concordo totalmente

4. Instruir-me sobre como promover o bem-estar animal, não tornaria melhor a minha convivência com o meu cão.
 - 4.1 () discordo totalmente
 - 4.2 () discordo parcialmente
 - 4.3 () discordo um pouco
 - 4.4 () não sei
 - 4.5 () concordo um pouco
 - 4.6 () concordo parcialmente
 - 4.7 () concordo totalmente

5. Eu estou satisfeita com a criação do meu cão. Quero manter as coisas como estão.
 - 5.1 () discordo totalmente
 - 5.2 () discordo parcialmente
 - 5.3 () discordo um pouco
 - 5.4 () não sei
 - 5.5 () concordo um pouco
 - 5.6 () concordo parcialmente
 - 5.7 () concordo totalmente

6. A promoção ao bem-estar animal leva ao consumismo.

- 6.1 () discordo totalmente
- 6.2 () discordo parcialmente
- 6.3 () discordo um pouco
- 6.4 () não sei
- 6.5 () concordo um pouco
- 6.6 () concordo parcialmente
- 6.7 () concordo totalmente

Atitudes negativas

7. Não é importante adquirir conhecimento sobre **característica da raça e comportamento animal** para se criar corretamente um cão.

- 7.1 () discordo totalmente
- 7.2 () discordo parcialmente
- 7.3 () discordo um pouco
- 7.4 () não sei
- 7.5 () concordo um pouco
- 7.6 () concordo parcialmente
- 7.7 () concordo totalmente

8. Cuidar de um animal é fácil. É só dar casa e comida e vaciná-lo.

- 8.1 () discordo totalmente
- 8.2 () discordo parcialmente
- 8.3 () discordo um pouco
- 8.4 () não sei
- 8.5 () concordo um pouco
- 8.6 () concordo parcialmente
- 8.7 () concordo totalmente

9. Não é importante buscar informação sobre como proporcionar bem-estar ao cão, qualquer pessoa sabe exatamente como cuidar de seu cão.

- 9.1 () discordo totalmente
- 9.2 () discordo parcialmente
- 9.3 () discordo um pouco
- 9.4 () não sei
- 9.5 () concordo um pouco
- 9.6 () concordo parcialmente
- 9.7 () concordo totalmente

10. A promoção do bem-estar animal custa dinheiro e toma muito tempo, coisas que não são muito fáceis de dispor.

- 10.1 () discordo totalmente
- 10.2 () discordo parcialmente
- 10.3 () discordo um pouco
- 10.4 () não sei
- 10.5 () concordo um pouco
- 10.6 () concordo parcialmente
- 10.7 () concordo totalmente

11. A educação do cão é algo que acontece espontaneamente, não exige muita preocupação.

- 11.1 () discordo totalmente
- 11.2 () discordo parcialmente
- 11.3 () discordo um pouco
- 11.4 () não sei
- 11.5 () concordo um pouco
- 11.6 () concordo parcialmente
- 11.7 () concordo totalmente

12. Creio que todo o movimento mundial a favor da causa animal é modismo.

- 12.1 () discordo totalmente
- 12.2 () discordo parcialmente
- 12.3 () discordo um pouco
- 12.4 () não sei
- 12.5 () concordo um pouco
- 12.6 () concordo parcialmente
- 12.7 () concordo totalmente

Progressividade

13. Alguns sentimentos experimentados pelos seres humanos tais como medo, agonia, ansiedade, solidão, tristeza e alegria são também experimentados por animais.

- 13.1 () discordo totalmente
- 13.2 () discordo parcialmente
- 13.3 () discordo um pouco
- 13.4 () não sei
- 13.5 () concordo um pouco
- 13.6 () concordo parcialmente
- 13.7 () concordo totalmente

14. Os animais possuem direitos, devem ser protegidos por lei.

- 14.1 () discordo totalmente
- 14.2 () discordo parcialmente
- 14.3 () discordo um pouco
- 14.4 () não sei
- 14.5 () concordo um pouco
- 14.6 () concordo parcialmente
- 14.7 () concordo totalmente

15. A relação homem-animal traz benefícios para a saúde e qualidade de vida do homem.

- 15.1 () discordo totalmente
- 15.2 () discordo parcialmente
- 15.3 () discordo um pouco
- 15.4 () não sei
- 15.5 () concordo um pouco
- 15.6 () concordo parcialmente
- 15.7 () concordo totalmente

16. Animais podem atuar na recuperação de um doente sob a supervisão de uma equipe médica.

- 16.1 () discordo totalmente
- 16.2 () discordo parcialmente
- 16.3 () discordo um pouco
- 16.4 () não sei
- 16.5 () concordo um pouco
- 16.6 () concordo parcialmente
- 16.7 () concordo totalmente

17. A experiência de vida nos mostra que, de um modo geral, está havendo mais consideração para com os cães.

- 17.1 () discordo totalmente
- 17.2 () discordo parcialmente
- 17.3 () discordo um pouco
- 17.4 () não sei
- 17.5 () concordo um pouco
- 17.6 () concordo parcialmente
- 17.7 () concordo totalmente

18. Os protestos organizados mundialmente contra os maus-tratos praticados contra os animais **influenciam positivamente** o relacionamento do dono com o seu cão

- 18.1 () discordo totalmente
- 18.2 () discordo parcialmente
- 18.3 () discordo um pouco
- 18.4 () não sei
- 18.5 () concordo um pouco
- 18.6 () concordo parcialmente
- 18.7 () concordo totalmente

Atitudes positivas

19. Antes de adquirir um animal devemos considerar a raça mais adequada, a disponibilidade de espaço, de recursos e de tempo.

- 19.1 () discordo totalmente
- 19.2 () discordo parcialmente
- 19.3 () discordo um pouco
- 19.4 () não sei
- 19.5 () concordo um pouco
- 19.6 () concordo parcialmente
- 19.7 () concordo totalmente

20. Conhecer as necessidades físicas e psicológicas dos cães nos permite entendê-los e tratá-los apropriadamente.

- 20.1 () discordo totalmente
- 20.2 () discordo parcialmente
- 20.3 () discordo um pouco
- 20.4 () não sei
- 20.5 () concordo um pouco
- 20.6 () concordo parcialmente
- 20.7 () concordo totalmente

21. Promover o bem-estar animal significa também preocuparmos com a sua saúde física e mental.

- 21.1 () discordo totalmente
- 21.2 () discordo parcialmente
- 21.3 () discordo um pouco
- 21.4 () não sei
- 21.5 () concordo um pouco
- 21.6 () concordo parcialmente
- 21.7 () concordo totalmente

22. 18. Favorecer o bem-estar animal economiza idas ao veterinário.

- 22.1 () discordo totalmente
- 22.2 () discordo parcialmente
- 22.3 () discordo um pouco
- 22.4 () não sei
- 22.5 () concordo um pouco
- 22.6 () concordo parcialmente
- 22.7 () concordo totalmente

23. A promoção do bem-estar animal deve ser preocupação corrente de **todas** as pessoas que convivem com o cão.

- 23.1 () discordo totalmente
- 23.2 () discordo parcialmente
- 23.3 () discordo um pouco
- 23.4 () não sei
- 23.5 () concordo um pouco
- 23.6 () concordo parcialmente
- 23.7 () concordo totalmente

24. A preocupação com o bem-estar animal beneficia a relação homem-animal.

- 24.1 () discordo totalmente
- 24.2 () discordo parcialmente
- 24.3 () discordo um pouco
- 24.4 () não sei
- 24.5 () concordo um pouco
- 24.6 () concordo parcialmente
- 24.7 () concordo